



Adalberto do Carmo Telles

**João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres:
Uma análise exegética de Mt 11,2-15**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Waldecir Gonzaga

Rio de Janeiro
Dezembro de 2019



Adalberto do Carmo Telles

**João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres:
Uma análise exegética de Mt 11,2-15**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Waldecir Gonzaga
Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Heitor Carlos Santos Ultrini
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof^a. Alessandra Serra Viegas
Seminário Metodista César Dacorso Filho

Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 2019

Todos os direitos reservados. É proibido a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Adalberto do Carmo Telles

Graduou-se em Teologia na Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB – FAECAD em 2016. Concluiu o curso de grego clássico no Cursos de Línguas Aberto à Comunidade – CLAC – UFRJ em 2017. Concluiu o curso de inglês para leitura no Cursos de Línguas Aberto à Comunidade – CLAC – UFRJ em 2018.

Ficha Catalográfica

Telles, Adalberto do Carmo

João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres: Uma análise exegética de Mt 11,2-15 / Adalberto do Carmo Telles; Orientador Prof. Dr. Waldecir Gonzaga. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2019.

149 f.: 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.

Inclui referências bibliográficas.

1. Teologia – Teses. 2. Jesus. 3. João Batista. 4. Maior e menor. 5. Nascidos de mulheres. 6. Reino dos Céus. I. Gonzaga, Waldecir. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Dedico este trabalho à minha esposa, Sheila Ferreira
Telles, à minha família e à minha Igreja

Agradecimentos

A Deus, meu Senhor, toda Glória.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Waldecir Gonzaga, pelo encorajamento e dedicação para a concretização deste trabalho e por sua valiosa amizade e carinho.

À CAPES e a PUC-Rio, pelos auxílios prestados, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos familiares, principalmente à minha esposa, pela atenção e compreensão nos momentos difíceis.

À Igreja Assembleia de Deus, Ministério de Inhaúma, pelas orações e manifestações de carinho e apreço.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora: Prof. Dr. Heitor Carlos Santos Utrini e Prof^a. Dr^a. Alessandra Serra Viegas.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia: Prof. Dr. Leonardo Agostini Fernandes, Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes, Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Corrêa Lima, Prof. Dr. Heitor Carlos Santos Utrini pelos ensinamentos e pela ajuda.

A todos os funcionários do Departamento de Teologia.

Aos meus companheiros e amigos de estudos da PUC-Rio.

À FAECAD, que me deu a primeira formação teológica, tornando possível o início de todo este trabalho.

Aos amigos que, de uma forma ou de outra, estimularam-me e ajudaram-me; de modo especial, ao grande amigo Prof. Me. Esdras Benthó e Prof. Me. Leonardo Silveira, que foram uns dos primeiros a incentivar-me a fazer o mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Telles, Adalberto do Carmo; Gonzaga, Waldecir. **João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres: Uma análise exegética de Mt 11,2-15**. Rio de Janeiro, 2019. 149 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa versa sobre “o maior entre os nascidos de mulheres”, com base no texto de Mt 11,2-15. Partindo desse princípio, a pesquisa aborda sobre João, o Batista, no testemunho dado por Jesus aos discípulos que estavam à sua volta. É bem verdade que a vida de João, o Batista, é um enigma a ser desvendado, tendo em vista as poucas informações oferecidas a respeito de sua vida, com exceção daquelas que são encontradas em textos do Novo Testamento (Evangelhos e Atos dos Apóstolos) e em textos extrabíblicos. Ao pesquisar essa perícopes, encontramos um paralelo em Lc 7,18-28, com suas semelhanças e diferenças, sobre as quais faremos menção aqui em nosso estudo e abordagem. Nesse sentido, esse trabalho faz uma análise do texto base aqui pesquisado, recorrendo ao contexto histórico de Mateus, passando pela comunidade mateana, onde o Evangelho foi desenvolvido e o testemunho de Jesus foi identificado a João, o Batista. Em outro momento, faremos um *status quaestionis* a respeito do tema “João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres” em Mt 11,2-15 com as contribuições necessárias de alguns autores. Por fim, faremos uma exegese da perícopes de Mt 11,2-15, seguindo os critérios do Método Histórico-Crítico e da Análise Retórica Bíblica, para alcançarmos o sentido próprio do texto direcionando para a compreensão do tema: “João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres: Uma análise exegética de Mt 11,2-15”.

Palavras-chave

Jesus; João Batista; maior e menor; nascidos de mulheres; Reino dos Céus.

Abstract

Telles, Adalberto do Carmo; Gonzaga, Waldecir (Advisor). **John the Baptist, the greatest women born: An exegetical analysis of Mt 11,2-15.** Rio de Janeiro, 2019. 149 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research deals with “the greatest among women born” based on the text of Mt 11,2-15. Based on this principle, the research addresses John the Baptist's testimony given by Jesus to the disciples around him. It is quite true that the life of John the Baptist is a riddle to be unraveled, given the little information offered about his life, except for that found in New Testament texts (Gospels and Acts of the Apostles). and in extrabiblical texts. In researching this pericope, we find a parallel in Luke 7,18-28, with its similarities and differences, which we will mention here in our study and approach. In this sense, this work makes an analysis of the base text researched here, using the historical context of Matthew, passing through the Matean community, where the Gospel was developed, and the testimony of Jesus was identified to John the Baptist. In another moment, we will make a *status quaestionis* on the theme “John the Baptist, the greatest among the born of women” in Mt 11,2-15 with the necessary contributions of some authors. Finally, we will make an exegesis of the pericope of Mt 11,2-15, following the criteria of the Historical-Critical Method and Biblical Rhetorical Analysis, in order to reach the proper meaning of the text, directing to the understanding of the theme: “John the Baptist, the greatest among women born: An exegetical analysis of Mt 11,2-15 ”.

Keywords

Jesus; John Baptist; major and minor; born of women; Kingdom of Heaven.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. O EVANGELHO DE MATEUS E A COMUNIDADE MATEANA	15
2.1 Data, autoria e destinatários.....	15
2.2 Possível local da redação.....	18
2.3 A comunidade mateana.....	19
2.4 A relação do Evangelho de Mateus com a Igreja de Antioquia	22
2.5 Estrutura, idioma e título do Evangelho de Mateus	24
2.6 Marcos e “Q” como fontes de Mateus e o problema sinótico	30
2.7 A teologia de Mateus.....	34
2.7.1 Cristologia	35
2.7.2 Eclesiologia	38
2.7.3 Escatologia.....	40
2.8 Propósitos do Evangelho de Mateus	42
2.8.1 Samuel Perez Millos.....	42
2.8.2 Donald A. Hagner	43
2.8.3 Warren Carter.....	44
2.8.4 Isidoro Mazzarolo	45
2.8.5 Carson, Douglas, Moo e Morris.....	46
2.8.6 Russell Norman Champlin.....	46
2.8.7 Broadus David Hale.....	47
2.8.8 Conclusão	48
3. STATUS QAESTIONIS	50
3.1 Tomás de Aquino	50
3.2 Randolph Vincent Greenwood Tasker.....	53
3.3 Wolfgang Trilling.....	54
3.4 Josef Schmid.....	55
3.5 Jean Radermakers	56
3.6 Javier Pikaza	58
3.7 Benôni Lemos	58
3.8 David Michael Stanley	60

3.9 Rinaldo Fabris e Giuseppe Barbaglio	61
3.10 Angelo Lancellotti	62
3.11 Juan Mateos e Fernando Camacho	63
3.12 Russell Norman Champlin.....	64
3.13 Edmundo Lupieri	66
3.14 André Chouraqui	67
3.15 Donald A. Hagner.....	68
3.16 Fritz Rienecker	69
3.17 Donald Arthur Carson.....	70
3.18 William Hendriksen.....	71
3.19 Warren Carter.....	72
3.20 Ulrich Luz	73
3.21 Manlio Simonetti.....	74
3.22 Roberto Di Paolo	76
3.23 Isidoro Mazzarolo	77
3.24 Senén Vidal.....	77
3.25 Samuel Pérez Millos.....	78
3.26 Massimo Grilli e Cordula Langner	80
3.27 José Antonio Pagola.....	81
3.28 Ariel Álvarez Valdés	81
3.29 Sandro Gallazzi	83
3.30 João Leonel.....	84
3.31 Robert Charles Sproul.....	84
3.32 Franco de Carlo.....	86
3.33 Jaldemir Vitório.....	86
4. EXEGESE DE MT 11,2-15.....	89
4.1 Crítica literária ou da Constituição do texto	89
4.1.1 Delimitação do texto de Mt 11,2-15.....	89
4.1.2 Estrutura de Mt 11,2-15.....	91
4.2 Crítica da forma e gênero literário	97
4.3 Crítica da redação	99
4.4 Crítica das tradições.....	109
4.5 Crítica textual.....	112

4.6 O texto grego de Mt 11,2-15: tradução e segmentação	119
4.7 Comentário exegético de Mt 11,2-15	121
4.7.1 João envia os seus discípulos (Mt 11,2-3)	121
4.7.2 Jesus responde aos discípulos de João Batista (Mt 11,4-6)	124
4.7.3 Jesus dá testemunho de João Batista (Mt 11,7-15)	128
4.7.3.1 João Batista, o maior entre os nascidos de mulheres (Mt 11,11)	133
5. CONCLUSÃO	141
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144

Lista de tabelas

Tabela 1 - Teoria do documento único.....	32
Tabela 2 - Teoria das duas fontes.....	33
Tabela 3 - Teoria dos quatro documentos.....	34
Tabela 4 - Paralelismo sintético de Mt 11,2-3	93
Tabela 5 - Estrutura em forma de ritmo de Mt 11,4-6.....	94
Tabela 6 - Segmentação de Mt 11,7-10.....	95
Tabela 7 - Segmentação de Mt 11,11-15	96
Tabela 8 - Paralelismo antitético em Mt 11,11	96
Tabela 9 - Paralelismo sinonímico em Mt 11,12.....	97
Tabela 10 - Sinopse de Mt 11,2-15 e Lc 7,18-30	102
Tabela 11 - Paralelo entre Mt 11,12-13 e Lc 16,16	106
Tabela 12 - O texto grego de Mt 11,2-15: tradução e segmentação	121
Tabela 13 - Bases intratextuais de Mt 11,10	131

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do Evangelho de Mateus, surge João, o Batista, já denunciando a atitude dos fariseus e saduceus que vinham de Jerusalém para serem batizados por ele no rio Jordão (Mt 3,1-8; Mc 1,4-8; Lc 3,1-18). São bem evidentes as narrativas da vida emblemática de João Batista nos sinóticos, no Evangelho de João e nos Atos dos Apóstolos (Mt 3,1; 11,11; 14,2; 14,8; 16,14; 17,13; Mc 6,24-25; 8,28; Lc 7,20.28.33; 9,19; Jo 1,6.15; At 1,5). Suas aparições nos Evangelhos envolvem o seu anúncio primário de arrependimento, o batismo de Jesus, o envio dos dois discípulos, o elogio feito por Jesus a respeito de João Batista ser o “maior entre os nascidos de mulheres”, a prisão e morte do Batista, e a comparação dele com o profeta Elias.

Mesmo com esses relatos evangélicos sobre João Batista e o seu ministério, sua vida ainda é um enigma comparando-o com os personagens mais ilustres do passado. Os próprios discípulos, tanto os que eram seguidores de João quanto os que depois passaram a ser discípulos de Jesus, ouviam os seus contemporâneos dizer que Jesus era João Batista ressuscitado (Mt 14,1-3).

Pelo que percebemos nos textos bíblicos quanto à criação humana, todos os outros homens depois de Adão, tiveram os seus nascimentos por meio da mulher. O nascimento de mulher manifesta todos os sentidos da vida humana, sua força e a sua fragilidade, caracterizando assim a igualdade de todos os que nascem. Tanto no livro de Jó 14,1; 15,14; 25,4, como na carta aos Gl 4,4 aparece a expressão “nascido de mulher”. Mas é na declaração que Jesus faz a respeito de João que se percebe uma grandeza nesse nascimento.

Esta pesquisa delimitou-se a analisar exegeticamente o sentido de João Batista ser “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,2-15), já que Jesus também é “nascido de mulher” (Gl 4,4), tendo como nossa área de pesquisa a teologia bíblica, com ênfase no Novo Testamento, partindo da perícopes de Mt 11,2-15, como referencial base da nossa pesquisa.

Em primeiro lugar, fazemos esta pesquisa no propósito de contribuir para o mundo acadêmico e para o estudo científico do Novo Testamento, bem como da realidade pastoral e eclesial. Entendemos que a pesquisa nos Evangelhos é fascinante. A grandeza de detalhes apresentados pelos sinóticos em suas perspectivas e teologias diferentes, por si só, cria em nós uma curiosidade para

entender as intenções e os sentidos subjacentes nestes textos bíblicos e mais especialmente a partir da temática expressa nas frases: “entre os nascidos de mulheres” e “maior e menor no reino dos céus” (Mt 11,11).

Em segundo lugar, o texto de Mt 11,2-15 nos oferece diversos elementos de investigação. Nesse sentido, realizamos a pesquisa com a finalidade de contribuir para um bom desenvolvimento do estudo bíblico-teológico-pastoral e para o crescimento espiritual dos fiéis.

Em terceiro lugar, somos motivados a trabalhar academicamente nessa temática, por questões levantadas a respeito do Evangelho de Mateus e por ter sido um dos livros do Novo Testamento mais pesquisados nos séculos passados e nos dias hodiernos. Sua estrutura, idioma e teologia nos impulsionam a fazer tal desdobramento não somente de modo exegético, mas também de forma bíblico-teológico-pastoral, a fim de ajudar na caminhada de nossas igrejas.

Devido à complexidade do assunto, é imprescindível entender o Evangelho de Mateus e seu contexto histórico, para uma melhor compreensão da temática; analisar as pesquisas já realizadas a respeito do tema; desenvolver a exegese de Mt 11,2-15, subsidiado pelo Método Histórico-Crítico e pela Análise Retórica Bíblica.

O presente tema foi escolhido como uma investigação para apontar quais as principais dificuldades na compreensão da expressão “o maior entre nascidos de mulheres”. Acreditamos que o assunto em questão tem uma grande relevância para a pesquisa acadêmica. cremos que examinar esta perícopes do ponto de vista proposto, nos ajudará a melhor entender em relação à afirmação de Cristo sobre João ser “o maior entre os nascidos de mulheres” e em relação ao “menor no Reino do Céus ser maior do que ele” (Mt 11,11).

A temática aqui indicada se reveste de um importante alcance exegético-bíblico-teológico-pastoral por demonstrar um aspecto que possibilita esclarecer o objeto da pesquisa. Uma outra característica intrínseca desse tema é a sua relação com o paralelo de Lc 7,18-28, que descreve, com algumas semelhanças e dessemelhanças de palavras e frases, o relato do testemunho de Jesus a respeito de João Batista, proposto pelo texto base desta pesquisa. Porém, Lc 7,18-28 não será o objeto de estudo de nossa pesquisa.

Desta forma, pesquisar a perícopes de Mt 11,2-15 nos permite ver a beleza que existe dentro desse livro e a importância que ele tinha na Igreja Primitiva. Nos dias atuais, é perceptível o significado e a estima deste escrito para a Igreja. A perícopes

de Mt 11,2-15 faz parte do conjunto de textos do referido livro, sendo uma obra-prima inspirada por Deus e utilizada por uma comunidade de fiéis que a recebeu como um livro de ensinamento e discipulado.

Quanto à metodologia, optou-se pela pesquisa bibliográfica, análise textual, a sintaxe da língua grega e os recursos da crítica histórica. Faremos o uso do Método Histórico-Crítico e da Análise Retórica, cômicos de seus limites, principalmente no Evangelho de Mateus, por este estar carregado de uma rica e frutífera teologia. Desta metodologia, usaremos os fundamentais passos exegéticos estabelecidos pela pesquisa. A presente investigação será desenvolvida com base nos exames do texto bíblico, a partir do Novo Testamento Grego de Nestle-Aland 28ª Edição.

A presente pesquisa, em seu conteúdo, está distribuída em três capítulos. Cada capítulo tem o objetivo de demonstrar a importância do tema escolhido. Sendo assim, no primeiro capítulo, trataremos de questões introdutórias ao Evangelho de Mateus, percorrendo pelos trajetos históricos, sociais e políticos em que a comunidade mateana estava inserida. Em seguida, discorreremos sobre a autoria, datação, local da escrita, autenticidade, possível local da redação, destinatários, propósitos, estrutura, idioma, as fontes do problema sinótico, estilo literário e a teologia de Mateus.

No segundo capítulo, faremos um *status quaestionis* a respeito do tema “João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres” em Mt 11,2-15, com as contribuições de autores de épocas correntes e de línguas diferentes. Neste capítulo atentaremos ao que se refere ao v. 11 de nossa perícopes e não ao comentário como um todo, visto ser nele o foco de nossa pesquisa, a partir da expressão: “o maior entre os nascidos de mulheres”.

No terceiro capítulo, faremos a exegese de Mt 11,2-15, utilizando as etapas do Método Histórico-Crítico e da Análise Retórica Bíblica, para que haja uma melhor compreensão exegética do tema. As seções deste capítulo estarão divididas pelos seguintes tópicos: a crítica literária ou da constituição do texto, a crítica da forma, a crítica do gênero literário, a crítica da redação, a crítica das tradições, o texto e sua tradução e o comentário exegético-bíblico-teológico-pastoral.

Partindo desses pressupostos, surge o interesse em pesquisar o tema proposto a partir do valioso Evangelho de Mateus, a saber: “João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres”, que encontramos na perícopes de Mt 11,2-15, constituindo os objetos formal e material deste trabalho.

2 O EVANGELHO DE MATEUS E A COMUNIDADE MATEANA

São fascinantes as pesquisas em torno dos textos canônicos neotestamentários¹. No conjunto dos quatro primeiros livros do Novo Testamento, o Evangelho de Mateus ocupa o primeiro lugar, sendo o livro² base para o tema dessa pesquisa. Sabe-se que os quatro Evangelhos não são uma biografia da pessoa de Jesus, mas sim o testemunho das comunidades dos fiéis, que as redigiram no período do primeiro século. Também eram a sua mensagem a respeito de Jesus, sua vida, ensinamentos e milagres. Desta forma, o Evangelho de Mateus é um testemunho das vivências religiosas da comunidade e de suas tradições cristãs firmadas em Jesus Cristo.

Neste capítulo buscamos apresentar as partes que compõem as questões introdutórias do Evangelho de Mateus. Na seção 2.1, analisamos dados como: datação, autoria e destinatários do livro, procurando considerar as mais importantes opiniões sobre o assunto. Na seção 2.2, descrevemos a possível localidade onde foi escrito o presente Evangelho. Na seção 2.3, analisamos o contexto da comunidade mateana em seus aspectos mais importantes para o desenvolvimento do tema. Na seção 2.4, apresentamos a relação do evangelho de Mateus com a Igreja de Antioquia e suas contribuições para essa comunidade. Na seção 2.5, pesquisamos sobre a estrutura, o idioma e o título do Evangelho de Mateus. Na seção 2.6, analisamos as fontes usadas pelo evangelista em seu escrito. Na seção 2.7, trabalhamos os contornos da teologia Mateana, sintetizando a cristologia, a eclesiologia e a escatologia. E, por fim, na seção 2.8, abordamos os propósitos do Evangelho de Mateus.

2.1. Data, autoria e destinatários

Sobre a datação e a autoria do Evangelho de Mateus, encontramos diversas opiniões entre autores e pesquisadores do Novo Testamento³. É bem verdade que

¹ GONZAGA, W., O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento, Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 24, jan./abr. 2017; GONZAGA, W., As Cartas Católicas no Cânon do Novo Testamento, Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 49, n. 2, p. 422, mai./ago. 2017; GONZAGA, W., Compêndio do Cânon bíblico, p. 19.

² O termo “livro” aqui usado e em todo o conteúdo deste projeto, com letra maiúscula e minúscula, está sendo usado para se referir ao Evangelho de Mateus.

³ HENDRIKSEN, W., Mateus. Comentário do Novo Testamento, p. 137.

eles partem sempre do princípio das testemunhas mais antigas para afirmar a data e a autoria do Evangelho de Mateus⁴, porém, são nas pesquisas recentes que começam a surgir as diferenças entre opiniões sobre a data e autoria desse livro. A esse respeito, Monasterio afirma que:

Podemos encontrar um *término a quo*? O judaísmo com o qual Mateus polemiza reflete as características unitárias e legalistas posteriores ao ano 70; o texto de 22,7 não pode ser explicado senão como referência à destruição de Jerusalém. Portanto, é preciso datar o evangelho, como a maioria dos autores afirma, pouco depois do ano 80⁵.

Há autores que datam o escrito de Mateus nos anos 80. Contudo, existem aqueles que defendem a datação desse Escrito nos anos 60⁶. Se, realmente, o Evangelho de Mateus foi escrito nos anos próximos a 80, então Mateus não poderia ser o autor⁷. Carson, Moo e Morris afirmam que as citações de Inácio a respeito de Mateus sustentam uma delimitação para a data do desenvolvimento do escrito mateano entre 70 a 80 d.C., e que outros defendem uma aproximação mais tardia, considerando o período entre 80 e 100 d.C.⁸.

Já para Boring, no Evangelho não existe uma correspondência cronológica que demonstre o momento em que Mateus foi compilado. Ele acredita que a data não pode ser identificada com total segurança⁹. Por conseguinte, Boring oferece alguns indícios de um tempo geral, como:

(1) De acordo com a Hipótese dos dois documentos 2DH, Mateus deve ter sido escrito após de Q e Marcos. Há boas razões para datar Marcos alguns anos antes de 70 d.C., de modo que Mateus deve ser posterior o suficiente para que Marcos se tornasse a tradição sagrada de uma comunidade. (2) A revolta de 66-70 d. C, e a destruição de Jerusalém estão quase seguramente refletidas em 22,7; cf. também 21,41; 23,38. No entanto, Mateus não parece ficar impressionado pela catástrofe, que parece estar a certa distância no espaço e no tempo. (3) Mateus parece estar comprometido com o desenvolvimento do judaísmo formativo na geração pós 70. (4) Mateus e não apenas a tradição mateana, parece ter sido utilizado tanto pela Didaqué quanto por Inácio. A Didaqué, provavelmente, vem do período em torno de 100 d.C.; Inácio escreve por volta de 110 d.C. assim, parece que Mateus foi

⁴ MILLOS, S. P., Mateo, p. 44-46; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 7; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 43-46; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew. Introduction, translation, and notes, p. 24; HENDRIKSEN, W., Mateus. Comentário do Novo Testamento, p. 142-144.

⁵ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 257.

⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 52; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 12; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 73-75; CARSON, D. A., O comentário de Mateus., p. 39; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 44.

⁷ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 35-36; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 167.

⁸ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L., Introdução ao Novo Testamento, p. 85; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 257.

⁹ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 969. Aqui, Boring apresenta quatro indícios de tempo para a datação do presente Evangelho.

composto no período entre 80 e 100, para o qual 90 pode servir como uma boa figura simbólica¹⁰.

A tradição mais antiga para defender a autoria do livro a Mateus busca a sua base nos escritos de Papias, que atribui a composição do Evangelho ao discípulo de Jesus chamado Mateus¹¹. Outros membros da tradição antiga também conferem que o escritor é Mateus¹². Para alguns pesquisadores do NT, o autor do livro em questão possivelmente era um judeu-cristão¹³ e há, ainda, outros que acreditam ser ele um pagão-cristão anônimo¹⁴.

O escrito mateano sempre foi considerado o livro da Igreja, o mais usado por ela, para a catequese dos novos crentes e para o discipulado daqueles que já viviam em torno de Jesus e que eram mais próximos dele do que as multidões que o cercavam. Nesse caso é importante ver, aqui, quem são os primeiros destinatários desse Evangelho. A esse respeito, Mazzarolo afirma que:

Os destinatários primeiros da obra de Mateus seriam os cristãos da Palestina, ou de uma cidade onde a presença de judeus fosse significativa, que vivia em tensão. Os que aderiam ao cristianismo eram hostilizados pelos que o rejeitavam e as perseguições eram constantes. A comunidade de Mateus conhece muito bem as tradições dos antepassados, sabedora dos preceitos, costumes e normas dos judeus, e encontra muita oposição e dificuldades para mudar suas convicções. Essa comunidade pode ser a Antioquia da Síria ou outra comunidade da cidade costeira, mas sempre próxima da Palestina¹⁵.

O que seria possível constatar é que o livro buscava auxiliar os crentes de sua própria região. Caso seja aceito que Mateus tenha trabalhado em grandes metrópoles, onde havia uma grande comunidade judaica, ou na Palestina ou na Síria, já que o Evangelho tem grandes características de traços judaicos, é provável que o autor, a princípio, não estivesse falando a uma comunidade cristã gentílica¹⁶.

¹⁰ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 969.

¹¹ EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, p. 119; GRILLI, M.; LANGNER, C. Comentario al Evangelio de Mateo, p.7; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 44.

¹² EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, p. 119; Apud. CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 258-259. O autor cita os nomes de Orígenes, Irineu e Papias.

¹³ BARBAGLIO, G.; FABRIS, Os Evangelhos (I), p. 40.

¹⁴ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, pp. 965-966. Para esse autor, o Evangelho é atribuído a Mateus, para assegurar o testemunho apostólico. Ele também apresenta as provas que os críticos fazem contra a autoria apostólica. Boring supõe que o autor era anônimo e de origem judaica, judeu da diáspora, com uma estreita intimidade cultural helenista, de língua grega e com capacidade de ler a Septuaginta. Também tinha condições de trabalhar com o hebraico, e tinha também um bom conhecimento das tradições e dos métodos da sinagoga.

¹⁵ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p. 5.

¹⁶ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L., Introdução ao Novo Testamento, p. 90; MILLOS, S. P., Mateo, p. 52-53

Champlin baseia-se no testemunho antigo para fazer suas afirmações concernentes aos destinatários do Evangelho de Mateus estarem em uma região da Ásia Menor e da Síria, sabendo que os indícios mais propícios apontam para esses lugares. Nesse sentido, ele sustenta que:

O testemunho antigo é de que o evangelho de Mateus visava sobretudo aos judeus recém-convertidos, como uma espécie de manual de instrução na fé. Assim dão a entender Irineu e outros. Entretanto, outros supõem que seu propósito se assemelha ao do Apocalipse, isto é, consolar e fortalecer os mártires em potencial, assegurando-lhes o caráter genuíno de Jesus como Messias. Nesse caso deve estar em pauta uma audiência bem mais lata. Se o evangelho de Mateus foi escrito em algum lugar da Síria, os cristãos daquele país podem ter sido os destinatários originais dos livros. Há, porém, quem observe que esse é o mais universal dos evangelhos, pelo que a nenhuma localidade particular foi ele endereçado. O evangelho de Mateus tem sido chamado de “manual da vida de Cristo e da teologia bíblica”. E isso aponta para uma larga audiência. Se tivermos de supor alguma audiência específica, então nada mais convincente pode ser dito além do que esse livro visava aos cristãos, judeus e gentios da Ásia Menor e da Síria¹⁷.

Mesmo que haja alguma diferença nas opiniões dos autores, as informações e afirmações corroboram na direção dos destinatários serem cristãos-palestinoses ou cristãos-gentios, mas que viviam próximo dos territórios da Palestina¹⁸. Tais considerações direcionam a uma investigação do possível local onde o evangelista estava para desenvolver o seu evangelho.

2.2. Possível local da redação

Ao observar as questões importantes do Evangelho de Mateus, percebe-se que não há uma ideia unânime para alguns tópicos, como o local da redação deste Evangelho. Dentre os autores e pesquisadores do NT, a grande maioria defende a cidade de Antioquia como o local de sua escrita. Merrill afirma que Antioquia pode ser o lugar mesmo do desenvolvimento do Evangelho de Mateus¹⁹. Os escritos primitivos, principalmente os de Papias e Inácio concordam com isso. As Igrejas Primitivas judaicas na Síria tinham esse livro como o favorito e para Merrill não há outro lugar que reúna mais condições para tal realização²⁰. Em seu comentário,

¹⁷ CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos, p. 258.

¹⁸ MILLOS, S. P., Mateo, p. 53; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 64.

¹⁹ TENNEY, M. C., O Novo Testamento sua Origem e Análise, p. 162; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 75; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 184.

²⁰ TENNEY, M. C., O Novo Testamento sua Origem e Análise, p. 163. Nesse comentário, Benedict T. Viviano, O. P. defende a ideia de que o Evangelho de Mateus tenha sido escrito em Cesareia Marítima.

Champlin também afirma que o local do escrito de Mateus é a cidade de Antioquia da Síria²¹. Os autores de tradição antiga acreditavam ser o Evangelho desenvolvido na Palestina²². Outros ainda mencionam a Fenícia e também Tiro, como local provável do desenvolvimento do Evangelho²³. Há também autores que consideravam Alexandria, no Egito, como lugar da redação, sendo ela de linha gentílica²⁴. Por fim, há os que defendem a cidade de Cesareia e até propostas de Pella como cidade onde teria sido redigido este texto²⁵.

Essa seção permitiu ver a importância de se identificar o local onde foi desenvolvido esse Evangelho. Contudo também se entende a dificuldade de chegar-se a um denominador comum, mas acreditamos que a cidade de Antioquia seja a mais provável para esse empreendimento²⁶. Assim sendo, descrevemos, a seguir, a respeito da comunidade mateana e as opiniões dos estudiosos a esse respeito.

2.3.

A comunidade mateana

A comunidade mateana era uma comunidade bem diversificada, composta por uma grande parcela basicamente de judeus-cristãos, um grupo de judeus-cristãos helenistas e também outros cristãos que provinham do mundo pagão²⁷. Segundo Boring, essa comunidade era messiânica, um povo escatológico de Deus, com traços diferenciados daqueles que não aceitaram a Jesus de Nazaré como o Messias, mesmo judeus ou gentios²⁸. Vielhauer nos oferece uma afirmação sucinta a respeito dessa comunidade mista:

A comunidade da qual e na qual surgiu o Evangelho de Mateus dá a impressão de ser uma comunidade mista, na qual a parcela cristã-judaica ainda não se separou

²¹ CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos, p. 258. Champlin inicia dizendo que possivelmente não se deve afirmar com precisão o lugar onde se desenvolveu o Livro porque ele tem um bom conteúdo de material judaico, e por isso alguns acreditavam ser o Livro oriundo da Palestina; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, pp. 11-12.

²² CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 34.

²³ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 11-12; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 75.

²⁴ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 11-12; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 75.

²⁵ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 258; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 167.

²⁶ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 969.

²⁷ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 9; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 71; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 40. Barbaglio afirma que na comunidade mateana, os que eram cristãos-helenistas poderiam também ser denominados como anomistas, eles eram a favor da total liberdade da Lei de Moisés.

²⁸ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 975.

totalmente da sinagoga e se encontra em veemente confronto com o judaísmo. Com efeito, parece ser assim como KILPATRICK tentou demonstrar, que esse judaísmo já não é mais o judaísmo multivariado que se nos depara em Marcos, e sim, o judaísmo da Mishná, em fase de consolidação. Várias manifestações indicam que uma parte dessa comunidade, talvez a cristã-gentílica, pensava de forma mais liberal do que a outra com relação à Lei. Dificilmente, porém, se poderá falar de um antinomismo em face de Mt 5,17-20; 7,5ss; 24,10ss²⁹.

Essa comunidade cristã estava em confronto com o judaísmo formativo farisaico³⁰. As questões entre esses dois grupos se referiam a qual deles seria o verdadeiramente povo de Deus, que interpretava perfeitamente as Santas Escrituras e que detinha o real conhecimento da Lei³¹. Overman faz as seguintes considerações sobre essa comunidade:

No ambiente fluido e fragmentado do judaísmo pós 70, tanto o judaísmo formativo como a comunidade de Mateus lutavam para estabelecer, ordenar e definir suas crenças e sua vida. Ambos eram influenciados pelo cenário mais amplo da natureza sectária do judaísmo e, de fato, ambos adotaram certos padrões e procedimentos característicos desse período, transformando-os para seu próprio uso no período pós-70. Os desenvolvimentos sociais e institucionais da comunidade de Mateus que vamos examinar agora servem como evidências do processo de definição e desenvolvimento nessa comunidade depois de 70. Como o judaísmo formativo, a comunidade de Mateus estava lutando para sobreviver e encontrar seu caminho no que foi, sem dúvida, um período incerto e instável na Palestina depois da construção do Templo de Jerusalém. Esses desenvolvimentos auxiliaram a assegurar a perpetuação da comunidade e, como todos os papéis e instituições, ajudaram a guiar os membros da comunidade em sua vida e seu comportamento em relação aos outros membros e aos de fora do grupo³².

Possivelmente, a comunidade de Mateus já se considerava divorciada da sinagoga, tendo em vista que alguns textos de seu Evangelho tratam sobre ela como algo muito comum. Mateus tenta tradicionalizar as crenças de sua comunidade em relação à vida e ministério de Jesus³³. É óbvio que nem todos da comunidade se desligaram da sinagoga, e provavelmente possa ser esse o motivo das divergências entre os grupos. Mas os problemas não paravam por aí, pois, também havia as questões internas da comunidade que talvez fossem produzidas pela diversidade de membros que compunham esse grupo de fiéis. Sobre isso nos afirma Monasterio:

Há deficiências notáveis na coerência vital dos cristãos, o que explica a insistência na exortação a “produzir bons frutos”. Também se observa a “pouca fé” quando

²⁹ VIELHAUER, P., *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 395. Citado pelo autor aqui, KILPATRICK, G. D. *Era teólogo e sacerdote anglicano e sua obra usada foi: The origin of the Gospel according to St. Matthew*.

³⁰ BORING, M. E., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 974-976; HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 71-73.

³¹ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 252.

³² OVERMAN, J. A., *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo*, p. 79.

³³ OVERMAN, J. A., *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo*, p. 80; GRILLI, M.; LANGNER, C., *Comentário al Evangelio de Mateo*, p. 10.

chegam momentos difíceis. Há falsos profetas que propagam doutrinas errôneas (7,15-23; 24,11.24), escandalizam e desencaminham os membros fracos da comunidade (18,6.10.12-14). Provavelmente, trata-se de doutrinas liberais sobre a Lei e fundadas num desvanecimento carismático (7,21-23)³⁴.

A comunidade mateana estava localizada em um grande centro urbano³⁵, tendo característica organizacional com possíveis ministérios e aplicações disciplinares³⁶. Pelo fato de o evangelista fazer uso das Escrituras e com a demonstração do conhecimento dos costumes judaicos, provavelmente, pode inferir-se uma escola de escribas cristãos nessa comunidade. Boring, no que diz respeito ao status social de alguns membros dessa comunidade, afirma que:

O fato de Mateus parecer representar uma comunidade urbana é ilustrado pelas evidências supracitadas para Antioquia. Dados adicionais sugerem uma comunidade que tinha, pelo menos, alguns membros relativamente ricos. As bem-aventuranças “Q” para os “pobres” e “os que têm fome” tornam-se, em Mateus, “pobres de espírito” e “os que tem fome e sede de justiça” (Mt 5,3. 6 // Lc 6,20-21). As referências a moedas de cobre de baixo valor são substituídas por referências ao ouro e a moedas de maior valor (Mt 6,8 // Mt 10,9; Lc 19,11-27 // Mt 25,14-30), e são contadas histórias que contêm valores financeiros muito altos (e.g., 18, 23-35) e jantares luxuosos (22,1-14). Mateus especificamente acrescenta a Marcos que José de Arimateia, que sepultou Jesus, era tanto um discípulo quanto um homem rico (27,57)³⁷.

Um outro dado importante desta comunidade seria a possibilidade de uma escola de escribas cristãos. Provavelmente o Evangelho de Mateus possa ter sido desenvolvido no meio desse grupo e o seu autor tenha características judaico-cristãs, com uma excelente capacidade de escriba³⁸.

São evidentes as citações do Antigo Testamento no Evangelho de Mateus, extraídas sobretudo da versão da LXX. Vendo isto, Overman percebe que, de alguma maneira, a exemplo da comunidade de Qumran, Mateus estava empenhado em se apoiar nas Escrituras, a fim de enfatizar as crenças e práticas de sua

³⁴ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 252.

³⁵ CARTER, W. *O Evangelho de São Mateus*, pp. 48-50. O autor aqui afirma que: “O mundo acadêmico recente afirma que a audiência de Mateus provavelmente não consistia predominantemente de ‘marginais involuntários’ do nível social mais baixo, mas de uma amostra da sociedade urbana”. Carter cita autores e pesquisadores que ratificam a sua teoria, acrescentando que por causa da forma do escrito mateano, sugere assim, uma comunidade que também tinha uma educação e boa erudição; GRILLI, M.; LANGNER, C., *Comentario al Evangelio de Mateo*, p. 9.

³⁶ W. CARTER. *O Evangelho de São Mateus*, p. 50-54. Carter afirma que a comunidade Mateana possivelmente era numericamente pequena, ou seja, minoritária. Ele segue dizendo que é improvável afirmar quantos discípulos formavam essa comunidade, mas ele propõe conjecturas para apresentar suas estimativas.

³⁷ BORING, M. E., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 979.

³⁸ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 252; GRILLI, M.; LANGNER, C. *Comentario al Evangelio de Mateo*, p. 11; HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 75.

comunidade, opondo-se ao grupo com o qual estava em divergência. O evangelista se firmava nas profecias, onde encontrava base para ser usado como propósito de confirmar a autoridade e a posição de Jesus e, ao mesmo tempo, garantir a fé e a vida de sua comunidade, já que o judaísmo formativo fazia as mesmas reivindicações quanto às promessas e tradições³⁹.

Quanto às questões sobre a comunidade mateana, onde o Evangelho foi desenvolvido, fica evidente a importância de compreender o processo constitutivo desse grupo, ou grupos de fiéis. O próximo passo é relacionar o escrito evangélico mateano com a comunidade e a Igreja de Antioquia, onde também entende-se ser o lugar dessa comunidade.

2.4.

A relação do Evangelho de Mateus com a Igreja de Antioquia⁴⁰

Como já foi posto acima, a comunidade mateana é um grupo diversificado de pessoas em suas origens, que agora fazem parte do povo de Deus. Dentre esses grupos de cristãos diversos está a Igreja de Antioquia⁴¹, onde possivelmente pode ter surgido o Evangelho de Mateus⁴². Essa cidade era a principal província do governo romano na Síria com uma característica bem miscigenada. O grego era o idioma oficial e a cultura helênica era bem forte no meio desse povo misto. Havia ali também uma comunidade judaica com uma forte influência do helenismo⁴³.

A Igreja de Antioquia foi constituída segundo os propósitos de Deus e a perseguição contra os cristãos judeus helenistas de Jerusalém, que migraram para essa cidade, contribuiu para o desenvolvimento da Igreja ali localizada⁴⁴. Em Antioquia, um fato notório foi o reconhecimento que os seguidores de Jesus tiveram

³⁹ OVERMAN, J. A., O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo, p. 83; MILLOS, S. P., Mateo, p. 47-48.

⁴⁰ CARTER, W., Evangelho de São Mateus, p. 36-47. Este autor entende que a Igreja de Mateus está localizada em Antioquia da Síria, sendo ela a terceira maior cidade do império romano. Ele ainda afirma que a estimativa populacional dessa cidade naquele período era de 150.000 a 200.000 habitantes. Na base estrutural social, a cidade tinha os mesmos aspectos das províncias do império, sendo constituída por dois grupos básicos, a pequena elite que controlava a cidade e a não-elite que era composta por pobres e poucos ricos. Sua organização e espaço físico era de uma verticalidade social. As diferenças sociais eram grandes, pois enquanto os da elite viviam em grandes casas e com mordomias, os outros viviam em pequenas casas ou apartamentos menores em cortiços de vários andares.

⁴¹ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 969;

⁴² MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus. p. 5.

⁴³ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 253.

⁴⁴ CARTER, W., Evangelho de São Mateus, p. 50-51.

pelos habitantes em serem chamados, pela primeira vez, de cristãos (At 11,26). Além disso, os gentios foram incorporados como cristãos nessa comunidade de fiéis, livres das exigências das tradições judaicas. Dois polos de grande importância para o surgimento do cristianismo primitivo foram as cidades de Jerusalém e Antioquia, que mesmo seguindo o único Senhor, não deixavam de ter suas distinções. De um lado, temos a comunidade de Jerusalém, composta por judeu-cristãos intrinsicamente ligados às tradições da Lei e, de outro, a comunidade de Antioquia, composta por judeu-cristãos helenistas e cristãos provenientes do paganismo, com suas características próprias⁴⁵.

Havia uma intrínseca relação entre o Evangelho de Mateus e a Igreja de Antioquia, pois acredita-se que foi ali que se desenvolveu este Evangelho⁴⁶. Monasterio nos oferece possibilidades entre as particularidades literárias e teológicas do livro de Mateus e a situação vital da Igreja em Antioquia. Para ele, esse evangelista é o único que menciona a possível visita ativa de Jesus à Síria (Mt 4,24), sendo um escrito em grego, era também o idioma dos centros urbanos, mesmo que no interior houvesse a possibilidade de existir o idioma hebraico ou aramaico⁴⁷. As tradições gregas afluíam na cidade de Antioquia e isto seria uma boa característica para o surgimento desse Evangelho nesta cidade⁴⁸. Outro dado importante é o de Inácio de Antioquia, que foi o primeiro a usar o Evangelho de Mateus em seus escritos (Esmirna, 1,1; Policarpo, 2,2; Efésios 19,2-3)⁴⁹. As características da Igreja mateana são idênticas às que encontramos em Antioquia, no sentido de ministérios. Lá havia profetas e mestres.

Outro aspecto importante, para a confirmação da elaboração do Evangelho de Mateus na Igreja de Antioquia, foi o embate entre judeus de estirpe farisaica, que o evangelista conheceu como sendo depois da década de 70 d.C.⁵⁰, e os cristãos, que se desligavam da sinagoga. Tais disputas foram bem acaloradas nesta cidade, a ponto de influenciarem os séculos posteriores. Assim sendo, é imperioso afirmar que o Evangelho de Mateus e a história da cidade de Antioquia se identificam intrinsecamente.

⁴⁵ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 253.

⁴⁶ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 254.

⁴⁷ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, pp. 254-256.

⁴⁸ CARTER, W., Evangelho de São Mateus, pp. 36-50.

⁴⁹ Apud. CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 255.

⁵⁰ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 972.

2.5. Estrutura, idioma e título do Evangelho de Mateus

O autor do Evangelho de Mateus era um compilador fiel dos costumes transmitidos pela Igreja Primitiva sobre a obra de Jesus e a vida da Igreja. Ele também construiu de maneira criativa tais costumes com novas perspectivas e novos realces. Para o autor desenvolver o seu escrito, ele usou “duas categorias amplas de material, a narrativa e o discurso”⁵¹. Isto fez com que ele alcançasse os seus variados objetivos. Sobre a estrutura do Evangelho de Mateus, Viviano afirma que:

Se levarmos a sério a combinação de discurso e narrativa no evangelho e a compreendermos como, pelo menos em parte, devida à inserção dos ditos de Q na estrutura da narrativa de Marcos, devemos admirar o equilíbrio sutil que o evangelista alcançou. Mas se observarmos os cinco grandes discursos nos quais Mateus reuniu muito material catequético, como, por exemplo, o Sermão da Montanha (caps. 5-7), o Discurso Missionário (10), o Discurso em Parábolas (13), o Discurso sobre a Comunidade (18) e os Discursos Apocalípticos de Juízo (23-25), e o cuidado e o domínio óbvios com que reuniu, percebemos o centro do interesse positivo e da criatividade de Mateus. (O material apologético e polêmico tende a ser introduzido no material narrativo, com exceção óbvia do cap. 23.) Certamente cristãos posteriores encontraram imediatamente nos discursos as obras-primas do evangelho⁵².

Viviano percebe que o Evangelho está estruturado “em duas categorias amplas de material”, a narrativa e o discurso, possibilitando assim o uso do livro como um manual para os líderes da Igreja⁵³. Desta forma, o livro contribuía para o desenvolvimento da mensagem, do ensino, do culto, da missão e da apologia.

Na perspectiva de Monasterio, o Evangelho de Mateus tem um grande aspecto doutrinal, objetivando instruir a comunidade mateana a respeito dos diversos aspectos do Reino dos Céus. Assim, o Evangelho está estruturado em seções narrativas que são idênticas ao Evangelho de Marcos. Monasterio afirma que:

[...] Mateus é o mais esquemático e conciso; busca normalmente explicitar ensinamentos doutrinários. Por exemplo, comparar o longo e vivo relato do endemoninhado de Gerasa em Mc 5,1-20 com o paralelo em Mateus 8,28-34; e a cura da sogra de Pedro em Mc 1,29-31 com Mt 8,14-15. O interesse doutrinal revela-

⁵¹ VIVIANO, B. T.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E.; BROW, R. E. (ed.). In: Novo Comentário Bíblico. São Jerônimo, p. 133; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 12-15; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 50-51; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 62-73.

⁵² VIVIANO, B. T.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E.; BROW, R. E. (ed.). In: Novo Comentário Bíblico, p. 133.

⁵³ VIVIANO, B. T.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E.; BROW, R. E. (ed.). In: Novo Comentário Bíblico, p. 133.

se, sobretudo, nos cinco grandes discursos, balizam toda a obra e demonstram sua grande capacidade de síntese através da combinação das fontes⁵⁴.

É evidente que o Evangelho de Mateus tem uma estrutura concisa, de modo que os discursos não são partes soltas e estranhas que irrompem o relato, pelo contrário, completam-se nele, fazendo uma conexão com as seções narrativas, garantindo o entendimento da ação⁵⁵.

No contexto judaico, era comum reunir os escritos em grupos de cinco, “cinco Livros de Moisés, cinco Livros dos Salmos, cinco divisões nos Megillot e em Pirké Abot”⁵⁶. Mesmo havendo essa cultura no judaísmo antigo, não seria conveniente relacionar os cinco discursos do Evangelho de Mateus com os cinco livros do Pentateuco, pois muitos associam o método. Monasterio acredita que os discursos nesse Evangelho têm, cada um, sua unidade própria literária e temática⁵⁷. Por isso, Monasterio introduz em sua pesquisa os cinco discursos de Mateus, da seguinte forma:

- A) Mt 5,1–7: O Sermão da Montanha: Jesus proclama o Reino dos Céus e suas exigências.
- B) Mt 9,35–10,42: O discurso Missionário: A ampliação do Reino dos Céus.
- C) Mt 13,3b-52: O discurso em Parábolas: A natureza do Reino dos Céus.
- D) Mt 18,3-34: O discurso eclesiológico: A comunidade que aceita o Reino dos Céus.
- E) Mt 23,1 – 25,46: O discurso escatológico: Preparados para a vinda do Reino dos Céus⁵⁸.

Tenney observa a estrutura do livro de Mateus com um duplo esboço, marcado com frases repetidas⁵⁹. A primeira parte seria a biográfica, com uma boa aparência da biografia de Jesus em Marcos e Lucas. Isso se caracteriza nos dois momentos da divisão, um destes está em Mt 4,17: “Daí em diante Jesus começou a pregar: arrependam-se, pois o Reino dos Céus está próximo”, e outro texto está em Mt 16,21: “Desde então Jesus começou a explicar aos seus discípulos que é necessário ele partir para Jerusalém e muitas coisas sofrer dos anciãos, dos chefes

⁵⁴ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192. Encontramos aqui, onde o autor afirma que no final de cada discurso, Mateus usa uma terminologia própria dele, caracterizando sua identidade e importância. A fraseologia “e sucedeu quando terminou Jesus estas Palavras...”, servia não somente como conclusão do discurso, mas também como uma maneira de transição à narração; D. A, HAGNER. Matthew 1-13, p. 51.

⁵⁵ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, pp. 51-56.

⁵⁶ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192.

⁵⁷ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192. Esses discursos revelam diversas características do Reino dos Céus, havendo uma progressão entre eles.

⁵⁸ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, pp. 192-195.

⁵⁹ TENNEY, M. C., O Novo Testamento sua Origem e Análise, p. 163.

dos sacerdotes e dos mestres da lei, e ser morto e ao terceiro dia ser ressuscitado”. O primeiro texto (Mt 4,17) se refere ao início do ministério da pregação de Jesus, indicando o seu aparecimento público, e o segundo (Mt 16,21) aponta para a sua impopularidade, que desemboca na sua paixão⁶⁰.

A segunda parte do esboço do Evangelho de Mateus é característica do primeiro Evangelho. O livro está em forma de um esboço tópico. Tenney apresenta esse esboço em cinco livros com uma temática própria e dominante⁶¹. A sua proposta de divisão dessa estrutura está em sete partes, incluindo a introdução do livro e a conclusão, com o desfecho do relato da paixão de Cristo.

É bem verdade que no séc. II d.C. já havia um reconhecimento de que o Evangelho de Mateus tinha uma estrutura que contava com cinco livros, a partir de seus cinco discursos⁶². O autor do referido Evangelho teve a preocupação de estruturá-lo de forma lógica e sistemática. Sendo assim, para deixar isso claro nas seções, ele usa uma espécie de nota final de cada livro⁶³, podendo ser visto nos seguintes textos: Mt 7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1: “Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς λόγους τούτους/*E aconteceu que, concluindo Jesus estes ensinios...*”.

Analisando a estrutura do Evangelho de Mateus, Curvillier mescla as opiniões de autores e pesquisadores que contribuíram para o seu desenvolvimento explicativo. Ele descreve assim o que entende a respeito dessas opiniões:

Enquanto alguns se detêm na organização geográfica semelhante a de Marcos, a maior parte dos exegetas constata a complexidade da matéria Mateana. Alguns privilegiam a organização temática em torno de cinco discursos (e sua conclusão estereotipada “Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς...” cf. 7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1), que se alternam com as partes narrativas; outros sublinham o caráter estruturante da expressão “Ἀπὸ τότε ἤρξατο”, em 4,17 e 16,21, passagens as quais é preciso, talvez, juntar 26,16; outros ainda querem, a todo custo, descobrir no evangelho estruturas em quiasmo (jamais se pode, entretanto, mostrar que a figura retórica do quiasmo tenha sido aplicada, na literatura antiga, ao conjunto de uma obra). É sem dúvida prudente não se ater à prova da coerência do conjunto da

⁶⁰ TENNEY, M. C., O Novo Testamento sua Origem e Análise, p. 163.

⁶¹ TENNEY, M. C., O Novo Testamento sua Origem e Análise, pp. 163-164. Os tópicos temáticos divididos por Merrill são “I. as profecias realizadas do Messias: o advento 1,1-4, 11; II. Os princípios do Messias anunciados: O discurso inaugural; convite para entrar 4,12-7, 29; III. O poder do Messias revelado: os milagres; convite para seguir 8, 1-11,1; IV. O programa do Messias explanado: as parábolas; convite para aceitação; convite para entender 11, 2-13,53; V. O propósito do Messias declarado: a crise da cruz; chamado para testemunhar 13, 54-19,2; VI. Os problemas do Messias apresentados: conflito com os oponentes; convite ao arrependimento 19, 3-26, 2; VII. A paixão do Messias consumada: a morte e ressurreição 26,3-28, 10; VIII. Epílogo: boato e realidade; convite à ação 28, 11-20”.

⁶² HALE, B. D., Introdução ao Estudo do Novo Testamento, p. 91.

⁶³ PAROSCHI, W., Origem e Transmissão do texto do Novo Testamento, p. 31. O autor, aqui, define o termo “colofões” como sendo notas acrescentadas no final dos manuscritos. Ele ainda explica que a palavra grega κολοφών significa “topo”, “término” e está relacionado ao verbo κολοφώνέω que significa “coroar”.

narração. De qualquer maneira, é impossível explicar a complexidade da narração por meio de uma estrutura, por mais detalhada que seja⁶⁴.

Curvillier faz um plano estrutural do Evangelho de Mateus dividindo-o em seis partes: A preparação da Boa-nova (1,1 – 4,11); O anúncio da Boa-nova (4,12 – 11,1); Fé e incredulidade (11,2 – 16,12); A comunidade dos discípulos de Jesus (16,13 – 20,34); Últimos dias em Jerusalém (21,1 – 25,46) e o Relato da Paixão (26,1 – 28,20)⁶⁵.

Champlin também nos deixa entrever em suas considerações sobre a estrutura do livro de Mateus, que “o evangelho de Mateus é tópico, e não cronológico. Isso significa que o interesse do autor era expor seu material arranjado por assuntos, e não seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos”⁶⁶.

Com essas observações, o autor afirma que Mateus está didaticamente dividido em cinco grandes blocos, e os fatos históricos estão arrumados em volta dessas seções. O material reunido pelo evangelista é tipicamente em cinco blocos. Para ele, a cronologia não é elemento central para o autor do livro, tendo em vista que o evangelista ajuntou declarações realizadas em diversos momentos e as uniu segundo os tipos⁶⁷.

A respeito do idioma grego em que foi compilado o Evangelho de Mateus, deve ser igualmente objeto apreciado, tendo em vista a importância, não somente dos testemunhos mais antigos a respeito desse assunto, onde percebemos suas valiosas contribuições, mas também pela crença de que a análise que os estudiosos dos dias hodiernos fizeram sobre a língua usada pelo evangelista traz novas perspectivas e até evidências diferentes dos testemunhos mais antigos. É compreensível que cada tempo tenha contribuído para as conclusões desse assunto.

De acordo com Albright e Mann, que citam os testemunhos mais antigos, tais como Papias, Irineu, Eusébio e Jerônimo, o Evangelho primitivo de Mateus teria sido escrito possivelmente em hebraico⁶⁸. O hebraico clássico pode ter se perdido pelos judeus no exílio da Babilônia, e quando voltaram para a sua terra nativa no período de Esdras e Neemias retornaram falando o aramaico. Mas existe uma outra

⁶⁴ CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, p. 81-82.

⁶⁵ CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, p. 81-82.

⁶⁶ CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos, p. 259.

⁶⁷ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 44-45; R. N. CHAMPLIN. Mateus – Marcos, p. 260-262. O autor oferece em seu comentário o esquema em cinco discursos do evangelho, com um grande esboço separando também as seções.

⁶⁸ ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 175; EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, p. 119. MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p. 4-5.

linha de pesquisadores que afirmam ser o livro de tonalidade pessoal, com um autor individual. Porém, a obra em questão poderia ter passado por uma revisão feita através de um grupo de cristãos. Por esse motivo, Mazzarolo afirma que a língua e o estilo são de caráter popular, mas bem elaborado e trabalhado, sendo o indicador de um texto de uma comunidade cristã com alto nível cultural e entendida no Antigo Testamento⁶⁹. Uma opinião um pouco divergente de Mazzarolo, seria a de Monasterio, que afirma o seguinte sobre o idioma usado no Evangelho de Mateus:

A literatura do Novo Testamento nasce na encruzilhada cultural do mundo helenístico e do mundo semítico. E isso se percebe de maneira especial no evangelho de Mateus, o mais judaico dos evangelhos, que não obstante, escreve num grego mais correto que o do Evangelho de Marcos e que, contra o que se acreditava em outros tempos, não é mera tradução de um original aramaico ou hebraico, mas usa de diversos procedimentos estilísticos de origem semítica⁷⁰.

As questões levantadas sobre o idioma do Evangelho de Mateus, tem suas raízes nas afirmações de Papias, que foram conservadas por Eusébio de Cesareia em seu livro História Eclesiástica⁷¹. Eusébio de Cesareia testemunha que “Mateus compilou os *logias* na língua ‘hebraica’ (isto é, aramaica), e cada um os traduzia da melhor maneira possível”⁷². É evidente que esse testemunho serviu como alicerce da antiga tradição para aceitar o idioma hebraico (aramaico), como sendo a possível língua original de escrita desse Evangelho⁷³.

Contra a tradição antiga, os estudiosos modernos, em sua maioria, acreditam que o Evangelho aqui visto, teve seu original grego. E que isso seria a dependência de Mateus de um original grego de Marcos e da fonte “Q”. Champlin afirma que alguns confundem o fato aceitando um original duplo, ou seja, uma obra em aramaico e outra em grego, acreditando ser isso difundido desde o princípio⁷⁴.

Quando abrimos as páginas de nossas Bíblias, no Novo Testamento, já encontramos nos primeiros livros os títulos de cada um deles. Não é diferente no Evangelho de Mateus, onde encontramos no texto grego o título “KATA

⁶⁹ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p.5.

⁷⁰ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 188.

⁷¹ EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, p. 119.

⁷² EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, p. 119; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 44; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 45-46.

⁷³ CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos, p. 258.

⁷⁴ CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, p. 259. O autor acredita que isso seria forçar a questão. Ele acrescenta em seu comentário que os indícios mais contundentes contra um original aramaico, seria o fato de não existir uma única cópia desse documento que tenha chegado até os dias de hoje, e que por outro lado temos cerca de 1.400 cópias gregas de Mateus. Ele cita diversos autores que firmam crença no original grego do Evangelho de Mateus.

ΜΑΘΘΑΙΟΝ” (*kata Maththaion/segundo Mateus*)⁷⁵. A esse respeito afirma Vincent:

O Evangelho (εὐαγγέλιον). Esta expressão significa, *originalmente, um presente dado em troca de uma boa notícia*. Assim, Homero faz Ulisses dizer a Eumeu: “*seja esta recompensa (εὐαγγέλιον) entregue em troca destas boas novas*”. No grego ático ela significa (no plural) *um sacrifício por boas notícias*. Posteriormente, veio assumir o sentido único de *boas novas* – as alegres *notícias* do reino do Messias. Apesar de a expressão ser naturalmente utilizada como título dos livros que continham a história das boas novas, no texto do Novo Testamento em si, ela jamais é aplicada no sentido de um livro escrito, mas sempre significa *a palavra proclamada*. Segundo (κατὰ). O uso deste termo difere da expressão Evangelho de Mateus. O Evangelho é de Deus, não de Mateus, nem de Lucas; sendo, substancialmente, um e o mesmo em todos os escritos dos evangelistas. Logo, o vocábulo “segundo”, implica um elemento genérico no Evangelho que Mateus passa adiante no seu estilo peculiar. O significado é: *as novas do reino, conforme entregues ou representadas por Mateus*. Mateus (Ματθαῖον). Mateus e Levi designam a mesma pessoa (Mt 9,9; Mc 2,14; Lc 5,27). O nome Levi não aparece em nenhuma lista que apresenta os apóstolos de Jesus, Mateus, entretanto, é mencionado em todas. [...] este último é uma forma contraída do nome hebraico Mattathias e significa presente de Deus, que corresponde ao nome grego Teodoro (Θεός Deus; δῶρον um presente)⁷⁶.

Não sabe-se ao certo, se os quatro Evangelhos veiculavam sem uma designação adequada, κατὰ Μαθθαῖον (*kata Maththaion/segundo Mateus*). Ou alguma coisa desse tipo. O que parece é que os escritos evangelísticos poderiam ter veiculado de forma anônima e a princípio, sem os seus títulos. Não se tem conhecimento sobre o quão antigo é esse título. Carson, Moo e Morris dão as seguintes afirmações sobre o título do Evangelho:

Até há pouco, a maioria dos estudiosos pressupunha tacitamente que no começo os quatro evangelhos circulavam anônimos e que os títulos atuais foram lhes dados pela primeira vez por volta de 125 d. C. Não há praticamente elemento algum que favoreça decisivamente essa data; ela não passa de uma conjectura erudita, baseada apenas na suposição de que na sua forma original os evangelhos eram inteiramente anônimos e no fato de que, por volta de 140, e talvez antes, os títulos tradicionais eram amplamente conhecidos, sem uma variação significativa⁷⁷.

⁷⁵ NESTLE-ALAND. Novum Testamentum Graece. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, p. 1, em nota de rodapé, afirma que o Evangelho de Mateus também recebeu títulos diversos nos mais variados tipos de Manuscritos que trazem o texto do Evangelho de Mateus, a saber: εὐαγγέλιον κατα Ματθαιον (Μαθθαιον W 565) D K W Γ Δ f¹³ 33. 565. 700. 892. 1424 ℵ¹ bo † αγιον ευαγγελιον κατα Ματθαιον f¹ (bo^{ms}) † αρχιν συν θεω του κατα Ματθαιον ευαγγελιου 1241 † εκ του κατα Ματθαιον L † - s* B* † txt s¹ B¹.

⁷⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 21; VICENT, M. R., Estudo no Vocabulário grego do Novo Testamento, p. 7. A citação de Homero pelo autor foi retirada de: Homero, Od. xiv. 152; GONZAGA, W. “A noção de ἀλήθεια e de εὐαγγέλιον no NT”. Atualidade Teológica PUC-Rio, Rio de Janeiro, Ano 18, fasc. 46, p. 30-34, 2014.

⁷⁷ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L., Introdução ao Novo Testamento, p. 73. Nessa obra os autores fazem citação de Martin Hengel que na sua obra intitulada “Studies in the gospel of Mark”, aborda de forma clara e objetiva a respeito dos títulos dos evangelhos.

As opiniões são bem diferentes entre alguns estudiosos a respeito do significado do título “κατὰ Μαθθαίου” (*katà Maththaion/segundo Mateus*). Para uns, o título tem sentido de autoria, mas para outros, o título “κατὰ Μαθθαίου” não apontaria para o sentido de autoria, e sim como um escrito feito de conformidade ao ensino de alguém⁷⁸.

As questões acima analisadas servem para ajudar a presente pesquisa. Pois ao olhar para a estrutura, o idioma e até mesmo para o título do Evangelho de Mateus, percebe-se a importância de se averiguar as fontes usadas pelo evangelista para estruturar o seu Evangelho.

2.6.

Marcos e “Q” como fontes de Mateus e o problema sinótico

Neste tópico queremos observar as possíveis fontes literárias usadas pelo autor do Evangelho de Mateus. É bem verdade que os estudiosos reconhecem que este evangelista fez uso de duas fontes principais, a fonte “Q”⁷⁹ e o Evangelho de Marcos. Monasterio afirma que o evangelista, ao usar essas duas fontes, percebeu um ponto de vista literário e teológico⁸⁰, a partir do qual Mateus realiza basicamente uma síntese partindo de Marcos e da fonte “Q”, onde Marcos é sua base referencial, que dá a característica narrativa do Evangelho, e a fonte “Q” lhe serve como base de material discursivo. Do ponto de vista teológico, segundo Monasterio, Mateus é obra de síntese, pois o trabalho narrativo de Marcos buscou apresentar Jesus como Filho de Deus por meio da cruz, já a fonte “Q” oferece um conjunto de ditos com ênfase escatológica revelando Jesus na posição de um juiz futuro como Filho do Homem⁸¹.

Mesmo que o evangelista tenha usado Marcos e “Q”, há também, no Evangelho, uma quantidade significativa de passagens que são peculiares apenas a Mateus, originadas de uma fonte “M” (material próprio de Mateus). Champlin

⁷⁸ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L., Introdução ao Novo Testamento, p. 74.

⁷⁹ OPORTO, S. G., Ditos Primitivos de Jesus, p. 9. O autor explica que essa sigla vem da primeira letra da palavra alemã “Quelle”, que significa “fonte”. A sigla passou a ser usada a partir do final do século 19. Seu uso designava o conjunto de ditos de Jesus, que Mateus e Lucas teriam usado na formação dos seus escritos evangelísticos; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 7; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 47-48; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 39-48.

⁸⁰ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 187.

⁸¹ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 188; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 47; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, pp. 42-43.

afirma que são consideradas tradições da Igreja de Antioquia da Síria e possivelmente foram usadas por ele, e também as experiências de sua atividade redacional contribuíram para o seu material próprio⁸². Curvillier faz as seguintes considerações a respeito da hipótese das duas fontes:

O Evangelho de Mateus compreende 1.048 versículos. No contexto da teoria das duas fontes, Mateus utiliza o evangelho de Marcos, a fonte dos logia (Q) e tradições que lhe são próprias (SMT). Dos 661 versículos de Marcos, ele toma 523, ou seja, 80% (o que constitui quase a metade do evangelho de Mateus). Mas pode-se considerar que 90% da matéria marcana se encontra em Mateus. Ele reproduz Marcos bastante fielmente, mas modifica sua ordem (até o capítulo 14)⁸³.

Praticamente uma grande parte dos comentários sobre o Evangelho de Mateus defende a teoria das duas fontes. Carson, por exemplo, escreve que: “A hipótese das duas fontes permanece a solução geral mais atraente”⁸⁴. No âmbito das questões das duas fontes, percebe-se também que Mateus faz suas citações do Antigo Testamento, utilizando a versão grega dos Setenta (LXX)⁸⁵. Portanto, entendem-se as grandes questões que estão por detrás da hipótese das duas fontes e a importância de se pesquisar os Evangelhos e seus testemunhos.

Tendo presente que o problema sinótico⁸⁶ versa sobre as semelhanças e as diferenças que existem nos três primeiros Evangelhos⁸⁷, como problema exposto, surgiu a necessidade de oferecer uma solução para essa dificuldade. É evidente que a solução para essa questão não é mais fácil do que a exposição propriamente dita do problema.

Para oferecer uma resposta plausível sobre o problema sinótico foram desenvolvidas algumas hipóteses que possivelmente responderiam a algumas questões levantadas sobre esse problema. Analisando esses autores que abordam sobre o problema sinótico⁸⁸, percebe-se que eles concordam, na maioria das vezes,

⁸² CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos, p. 259.

⁸³ CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, p. 90-91.

⁸⁴ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 32.

⁸⁵ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 32-33; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S. Matthew, p. 60.

⁸⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 35-41; CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos, p. 152. O autor desta obra faz uma análise da palavra sinótico, demonstrando o seu significado concernente aos três primeiros evangelhos. Ele também é um dos autores que abarca, em seu comentário, as quatro teorias para tentar solucionar e ou dar uma resposta adequada para o problema sinótico.

⁸⁷ VIELHAUER, P., História da Literatura cristã primitiva, p. 295-300. Além da teoria das duas fontes, o autor cita em sua obra quatro tentativas de solução para o problema sinótico: “A Teoria do Evangelho Original; A teoria da Tradição; A teoria das diegeses e A teoria do uso de uns evangelistas por outros”; MILLOS, S. P., Mateo, p. 35.

⁸⁸ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 29; CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos, p. 152; VIELHAUER, P. História da Literatura cristã primitiva. p. 295-300; CARMONA, A. R.;

sobre a quantidade de hipóteses levantadas para o desenvolvimento de uma possível solução deste assunto. Porém, o que na verdade os diferencia são os nomes dados por eles para cada uma dessas hipóteses. A relação entre Mateus, Marcos e Lucas é clara e evidente, pois os três têm um plano geral parecido. Essas relações nos Evangelhos sinóticos podem ser melhor observadas usando uma sinopse dos Evangelhos⁸⁹.

Uma das hipóteses sugeridas como propostas de solução da questão sinótica é a teoria da “dependência comum de um Evangelho original”⁹⁰. Trata-se de uma teoria que supõe a formação dos Evangelhos independentes um do outro, não usando nenhuma fonte comum, seja na tradição oral ou escrita, em hebraico ou aramaico⁹¹. Não obstante, tal teoria não se sustém, pois, a relação entre os Evangelhos é forte, porque 85% do material contido nos sinóticos são comuns ao menos entre dois dos três Evangelhos⁹².

Uma outra teoria hipotética é a do documento único. Alguns estudiosos afirmam que teria sido escrito um único documento apostólico antigo, que possivelmente composto em aramaico de modo autônomo, mas usado pelos três Evangelistas⁹³. Assim sendo, a tabela a seguir pode auxiliar na compreensão desse tema⁹⁴.

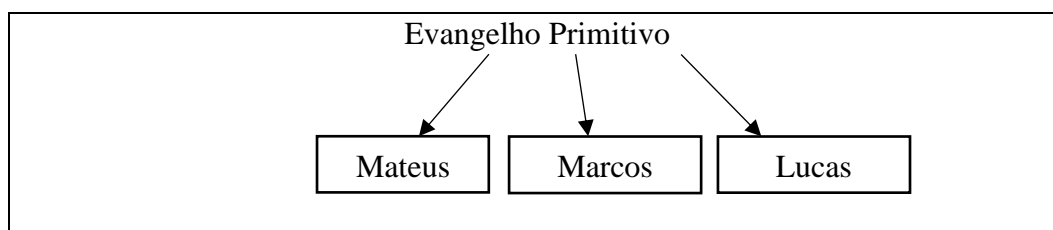


Tabela 1 - Teoria do documento único

MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 63; MILLOS, S. P., Mateo, p. 38.

⁸⁹ KONINGS, J., Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”, 340 páginas; MILLOS, S. P. Mateo, p. 35-40

⁹⁰ MILLOS, S. P. Mateo, p. 35-40

⁹¹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 36; CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L., Introdução ao Novo Testamento. p. 31.

⁹² CARSON, D. A., O comentário de Mateus. p. 29.

⁹³ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 63; MILLOS, S. P., Mateo, p. 35-36; HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 53.

⁹⁴ CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, p. 20. O gráfico esboçado na pesquisa, pode ser encontrado também nesta obra.

A maioria dos autores⁹⁵, mesmo que eles exponham em seus escritos a teoria do documento único, não a aceita, porque ela não consegue sustentar uma solução plausível, pois os próprios Evangelhos sinóticos demonstram, de certa forma, uma singularidade, como se percebe no material usado por eles. A exemplo disso, existem informações no prólogo de Lc 1,1-4, que podem refutar essa teoria do documento único⁹⁶.

Como já mencionado anteriormente, a teoria das duas fontes é mais uma hipótese, considerada quase por unanimidade como a resposta mais plausível a respeito do problema sinótico⁹⁷. Encontra seu predecessor no filósofo F. Scheiëmacher⁹⁸, que se baseou nos testemunhos de Papias a respeito de Mateus. Nesse contexto, demonstrar-se-á em um quadro abaixo a relação que existe entre os três primeiros Evangelhos chamados sinóticos, para asseverar a teoria das duas fontes⁹⁹.

Os 330 versículos de Marcos se encontram também em Mateus e em Lucas. 278 de Marcos estão parte em Mateus, parte em Lucas. 230 são comuns a Mateus e Lucas. Versículos próprios são: 53 em Marcos; 330 em Mateus; 500 em Lucas. As perícopes da tradição tríplice constituem a metade de Marcos e uma parte de Mateus e Lucas. A dupla tradição supõe uma quinta parte de Mateus e Lucas¹⁰⁰.

Mateus	Marcos	Lucas
330	330	330
178	278	100
230	230
330
.....	53
.....	500

Tabela 2 - Teoria das duas fontes

Visto que a teoria das duas fontes não nos ofereceu uma proposta para o material usado por Mateus e por Lucas que não se encontram nem em Marcos nem na fonte “Q”, uma outra teoria hipotética foi levantada, a teoria dos “quatro documentos”¹⁰¹. Essa hipótese baseia-se na soma do material do Evangelho de

⁹⁵ MILLOS, S. P., Mateo, p. 38-39; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 29-34; VIELHAUER, P., História da Literatura cristã primitiva, p. 298-299; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 63.

⁹⁶ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 62.

⁹⁷ CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, pp. 81-82.

⁹⁸ Apud. CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 65; HENDRIKSEN, W. Mateus, p. 59- 74.

⁹⁹ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 59..

¹⁰⁰ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 60.

¹⁰¹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 40-41; CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos, p. 152; HALE, B. D., Introdução ao estudo Novo Testamento, p. 58, nomeia essa teoria como “A teoria dos documentos

Marcos e do material da fonte “Q”, onde agora é acrescentado o material chamado “M” (próprio de Mt) e o material chamado “L” (próprio de Lc) ¹⁰². Abaixo é apresentada uma tabela que ilustra melhor a ideia da teoria dos quatro documentos¹⁰³.

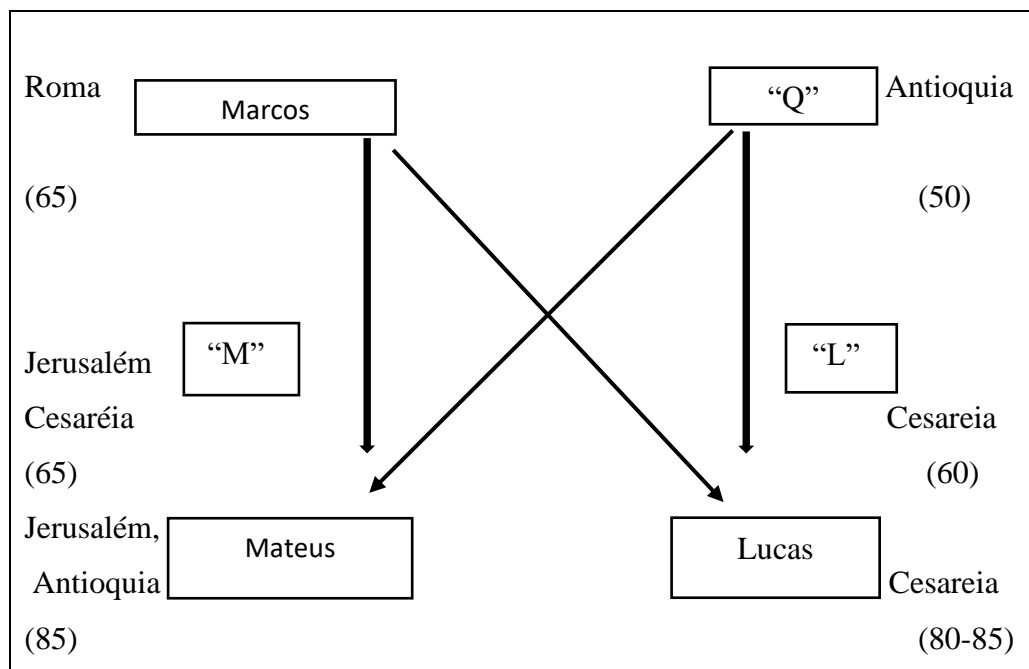


Tabela 3 - Teoria dos quatro documentos

Portanto, entende-se a importância de ter sido levantada a questão do problema sinótico e as possíveis respostas oferecidas pelas teorias aqui supracitadas. As duas últimas teorias apresentam uma abordagem mais equilibrada e com uma boa recepção pelos estudiosos. Embora alguns autores optem pela teoria dos quatro documentos e suas contribuições, essa pesquisa, porém, concorda com Carson a respeito da teoria das duas fontes¹⁰⁴.

2.7. A teologia de Mateus

É bem verdade que os quatro Evangelhos têm a sua teologia própria, contendo uma cristologia, eclesiologia e escatologia etc. De certo modo, essas áreas da teologia têm o seu desenvolvimento inicial nesses escritos. Com isso, percebe-se

múltiplos. Nesse propósito, Hale afirma que o primeiro proponente dessa teoria foi B. H. Streeter; HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 53-55.

¹⁰² VIELHAUER, P., História da Literatura cristã primitiva, p. 303-304. O autor esclarece aqui o sentido das siglas “M” e “L” que fazem parte da teoria dos quatro documentos.

¹⁰³ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L., Introdução ao Novo Testamento, p. 35.

¹⁰⁴ CARSON, D. A. O comentário de Mateus, p. 32.

que o Evangelho de Mateus, com toda a sua estrutura literária, é reconhecido como o Evangelho que tem essas três principais áreas da teologia, interligadas uma com a outra, com um caráter perceptível e pessoal do autor em todo o contexto do livro. O evangelista, ao compor o seu Evangelho, permite transparecer a cristologia, a eclesiologia e a escatologia, onde agora será feita uma abordagem sobre estes três grandes temas presente neste Evangelho.

2.7.1. Cristologia

O evangelista Mateus, já no início do seu escrito, apresenta Jesus como o Cristo, o ungido de Deus (Mt 1,1.16-17: “Χριστός”)¹⁰⁵. A esse propósito, Vielhauer inclui Mt 2, como sendo a pré-história, constituindo aspecto fundamental para a cristologia. Ele afirma que:

A pré-história (história da infância) de Mt 1 e 2 é especialmente importante para a cristologia de Mateus. Nesses capítulos se entrelaçam concepções judaicas e helenistas, ou judaico-helenistas que o autor encontrou em sua tradição e aproveitou. Jesus é o “Messias”, o “Filho de Davi”, com genealogia legítima que remonta até Abraão (1,1-17), e por isso é o legítimo “rei dos judeus” (2,2). Mas ele também é o “Filho de Deus”, e não apenas por adoção, e, sim, já por sua milagrosa concepção e nascimento (1,18-25). Aqui a filiação divina é entendida fisicamente como frequentemente no mundo helenista¹⁰⁶.

É evidente que Mateus reconhece que Jesus, o nazareno, é o Messias de Israel¹⁰⁷. Cuvillier vê isto de forma manifesta na narrativa de Mateus em três aspectos. O primeiro seria que o Jesus de Mateus é apresentado por duas vezes como o enviado ou enviando os seus discípulos à casa de Israel (Mt 10,5-6; 15,20). O segundo aspecto consiste nas citações de cumprimento, onde percebe-se que Jesus é o enviado aguardado e anunciado. O terceiro aspecto são os títulos cristológicos de Jesus recebidos do Antigo Testamento “Filho de Davi, Messias, Filho do homem”¹⁰⁸. Carson apresenta uma estrutura parecida com a de Cuvillier, no sentido das abordagens aos elementos distintivos da cristologia mateana¹⁰⁹.

¹⁰⁵ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 559; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 157.

¹⁰⁶ VIELHAUER, P., História da Literatura cristã primitiva, p. 391.

¹⁰⁷ GRILLI, M.; LANGNER, C. Comentario al Evangelio de Mateo, p. 17; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 80.

¹⁰⁸ CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, p. 97.

¹⁰⁹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 45. O autor aqui cita a obra “Stages in Christology in the Synoptic Gospels” de G. M. Styler, onde ele afirma que Mateus sustenta uma cristologia mais explícita do que a de Marcos; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 17.

A cristologia de Mateus é clara e os títulos cristológicos que ele contém contribuem para esta formação. “Ἰησοῦς Χριστός υἱοῦ Δαβὶδ/*Jesus Cristo, o filho de Davi*”, já aparece nos primeiros capítulos do livro e com repetições da expressão em versículos do mesmo capítulo (Mt 1,1.16-18)¹¹⁰. Esse é um dos títulos mais importantes que aparece nesse Evangelho e ele está intrinsecamente vinculado ao título “Messias”¹¹¹. Não obstante, o título “Filho de Davi” representa Jesus como o Messias enviado a Israel como realização das promessas. Porém, são poucas as aparições dessa expressão no Evangelho de Mateus (Mt 11,2-3; 16,16; 26,63). Monasterio afirma que esse título é uma qualificação correta de Jesus, entretanto, é insuficiente e com ambiguidades. Ele argumenta:

[...] Quando Jesus introduz esse título numa discussão é para questionar o messianismo de mera filiação davídica (22,41-45). Somente numa ocasião Jesus utiliza esse título, mas de uma forma um tanto enigmática, na terceira pessoa, se bem que não há dúvida de que se refere a si mesmo (23,10). Mateus previne também, contra os impostores que se arrogam essa função. Na seção introdutória, junto ao de Messias, tem importância fundamental o tema da descendência davídica de Jesus. Já observamos isso em (1,1.6.17.20; 2,6). Mateus é o texto do Novo Testamento que mais utiliza a expressão Filho de Davi; das nove vezes em que aparece no Evangelho, sete foram introduzidas por seu redator¹¹².

“Filho de Davi” foi, na verdade, o título aclamado pela multidão (Mt 21,9.15). Na manifestação do poder de Jesus, o povo fez menção a esse título (Mt 12,23). Os necessitados e os que estão precisando de misericórdia o clamam pelo título “Filho de Davi” (Mt 20,30). Mateus faz uso do título cristológico “Filho de Davi” para vinculá-lo ao “Servo de Deus sofredor”¹¹³. A respeito do título “Filho de Deus” (“υἱοῦ θεοῦ”), é possível que este título seja o mais importante dentro da cristologia mateana. Monasterio afirma que:

É o título mais importante de Jesus, mas, sobretudo, é o mistério íntimo de sua pessoa. Na introdução (1,1-4,22) está muito bem elaborada a apresentação programática e progressiva de Jesus. É o Filho de Davi e o Filho de Abraão; nele verifica-se as promessas messiânicas e a bênção universal; mas, sobretudo, é o Filho de Deus (2,15), que cumpre o destino de Israel e que será proclamado pelo Pai seu Filho (3,17). Provavelmente isso está relacionado para Mateus a sua concepção de

¹¹⁰ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 560. O autor afirma que o título “filho de Davi”, ocorre 17 vezes em Mt, 7 vezes em Mc e 13 vezes em Lc. Sendo que em Mt, esse título tem o caráter especial; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 17; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 61.

¹¹¹ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 17.

¹¹² CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 226.

¹¹³ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 17; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 157.

uma virgem pela força do Espírito (1,20-23). A voz do céu voltará a proclamá-lo Filho de Deus quando começar a parte mais difícil de sua missão (17,5)¹¹⁴.

Outro título cristológico importante é o título “κύριος/Senhora”. Esse título demonstra que o evangelista acompanhou a tradução grega da Septuaginta, onde se refere ao nome impronunciável de Deus no Antigo Testamento. O título é característico do Evangelho mateano, no sentido de Jesus ser aclamado como Senhor pelos personagens desse livro¹¹⁵.

Mateus tem dois usos do título “κύριος/Senhora”. Primeiro é usado nas atividades de Jesus para os homens, especialmente as curativas, ou seja, “salvação” (Mt 8,2.6.8.25; 9, 28; 14,30; 15,22.25; 16,22; 17,15; 18,21; 20,30.33)¹¹⁶. Segundo, o título “κύριος/Senhora” é mais importante ao ser aplicado a Jesus como o “Juiz do tempo” (Mt 7,21-23; 25,11.37-44)¹¹⁷.

Monasterio argumenta que “é uma expressão no vocativo sempre em contexto de respeito, de pedido de ajuda e de fé. Nunca está na boca dos adversários, nem como designação narrativa em terceira pessoa”¹¹⁸. Tanto os discípulos como Pedro e outros homens e mulheres, anônimos ou não, reportavam-se a Jesus como “Κύριος/Senhora”.

A expressão: “υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου/Filho do Homem”¹¹⁹ é um título cristológico igualmente usado por Mateus. Ele parece ser um título de designação complicado, mas o propósito do uso dele aqui é impreterivelmente por causa do seu valor redacional. No que tange a isso, Monasterio afirma que:

Nos sinóticos, há três classes de ditos sobre o Filho do Homem: os que se referem ao ministério terreno de Jesus (8,20), os que se relacionam com sua paixão e morte (17,22; 20,18; 26,2) e os que falam da parusia do Filho do Homem. Todos esses ditos sempre se encontram na boca de Jesus como autodesignação. É peculiar de Mateus falar do Reino do filho do Homem [...] o que é mais característico de Mateus são seus ditos do Filho do Homem futuro como juiz¹²⁰.

¹¹⁴ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p 227-228.

¹¹⁵ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 19; SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 560; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 61; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 154.

¹¹⁶ ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 154.

¹¹⁷ ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 154.

¹¹⁸ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 229.

¹¹⁹ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 569. O título “Filho do Homem”, tem uma ocorrência de 29 vezes no Evangelho de Mateus; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 156.

¹²⁰ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 231. O autor, aqui, entende que em alguns casos sobre a expressão Filho do Homem, pode ser uma referência clara a Dn 7, 13-14, não apenas concernente ao título, mas também a alguns elementos como: nuvens, céus, vir, glória, reino, juízo (19, 28; 13, 41; 25, 31-33).

A ideia que Mateus tem do Filho do Homem é de alguém que recebe a autoridade de Deus, e é colocado no trono de Deus para ser juiz¹²¹. O evangelista recorreu ao estilo das teofanias bíblicas com o propósito de criminalizar esse juízo com as citações que faz do Antigo Testamento, quase sempre a partir da versão grega da LXX.

2.7.2. Eclesiologia

O Evangelho de Mateus, em comparação com os outros Evangelhos sinóticos, é o único que usa o termo “Igreja” (ἐκκλησία), em duas passagens (Mt 16,18; 18,17)¹²². Uma dessas menções tem relação direta com o novo povo de Deus¹²³. Os discursos desse Evangelho deixam claro a vida da Igreja, com os seus conflitos e possíveis ministérios. Concernente ao que se entende por Igreja em Mateus, Carson nos apresenta os seguintes aspectos sobre essa eclesiologia:

Determinados aspectos destacam-se. O primeiro, Mateus insiste que Jesus predisse a continuação de seu pequeno grupo de discípulos em uma comunidade distinta, um povo santo e messiânico, a “igreja”. Esse tema baseia-se em diversas passagens, não em apenas um ou dois textos de autenticidade discutível. O segundo, Jesus insiste que a obediência às exigências éticas do reino, longe de ser opcional para os que compõem a igreja, têm de caracterizar a vida destes. A fidelidade deles prova ser falsa sempre que não fazem o que Jesus ensina (7,21-23). O terceiro, deve-se impor determinada disciplina à comunidade (16,18-19; 18,15-18). Mas Mateus descreve essa disciplina em princípios, não em detalhes (não há menção a diáconos, líderes religiosos, presbíteros ou semelhantes) e, por isso, essa disciplina não é anacrônica desde que podemos aceitar o fato de que Jesus previu a continuação de sua comunidade¹²⁴.

Mateus revela uma eclesiologia com perspectivas do Reino de Deus. Toda a sua estrutura, ou seja, o *modus vivendi* da Igreja, deve ser o oposto da dominação meramente humana. Assim, afirma Mazzarolo: “o modelo de Jesus é a libertação do homem, e o modelo do império é a sua escravidão¹²⁵.”

Na eclesiologia do evangelista, os fatores cristológicos e escatológicos estão presentes, pois o grupo de Jesus é sua Igreja e com o passar do tempo adquire uma

¹²¹ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 231.

¹²² GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 19; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 62.

¹²³ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 229; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 153.

¹²⁴ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 50.

¹²⁵ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p.11. O autor aqui afirma que um dos motivos dos sofrimentos dessa igreja, é por viver diferente dos paradigmas contemporâneos.

forte concepção escatológica¹²⁶. Jesus está continuamente com sua Igreja e ela deve seguir com sua missão a todas as nações. Com isso, Monasterio delinea duas características básicas de Mateus: a primeira característica é a permanente presença de Jesus na Igreja, significando que Jesus é o Deus conosco, o sempre presente; a segunda característica é a intrínseca continuidade entre Jesus e a Igreja. A continuidade na Igreja é evidente no comissionamento dos discípulos em Mt 10,1-14 e 28,16-20¹²⁷.

Para Mateus, a Igreja é uma comunidade comprometida com a comunhão que tem a presença de Jesus. Nela, não podem existir diferenças, mas sim, imitação da unidade e da comunhão que há entre o Pai e o Filho. Fundamentalmente, a comunidade de Mateus é uma comunidade de irmãos¹²⁸.

Existem outros aspectos eclesiológicos no livro e dentro desses aspectos está a concepção de “discípulo” (μαθητής), que deve ser observada à forma referencial e especial desse termo no Evangelho de Mateus¹²⁹. Enquanto o termo apóstolo só aparece uma vez no Evangelho (Mt 10,2), o vocábulo discípulo se evidencia em todo o livro assinalando a eclesiologia de Mateus. Sobre isso, Monasterio afirma que:

Os discípulos são pessoas que se vincularam de forma especial ao Jesus histórico; mas, sua realidade está atualizada eclesiológicamente, de modo que ser discípulo é um conceito que deixa transparecer o que significa ser cristão. Referências ao acontecimento passado e atualização eclesial são sempre dimensões inseparáveis em Mateus. Precisamente porque se vincularam especialmente com Jesus, sua realidade se converte em modelo para o presente¹³⁰.

Além do aspecto característico eclesiológico do discipulado nesse Evangelho, temos Pedro como o discípulo proeminente¹³¹. Ele é pessoa marcante em Mt 16,16-20, texto que até os dias hodiernos causa divergências teológicas e doutrinárias. Mateus não somente apresenta fatos negativos de Pedro, mas também revela seu lado positivo de discípulo e o enfatiza. A esse respeito Cullmann afirma:

¹²⁶ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 19.

¹²⁷ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 229.

¹²⁸ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 560. Nessa obra, o autor afirma que o conceito-chave da eclesiologia mateana é o discipulado, com uma ocorrência do termo, cerca de 72 vezes, em comparação as 46 vezes em Mc e 37 vezes em Lc; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 18; D. A. HAGNER. Matthew 1-13, p. 62.

¹²⁹ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 18; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 63. ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 75.

¹³⁰ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A. Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 234.

¹³¹ CULLMANN, O., Pedro. Discípulo, Apóstolo, Mártir, p. 28. O autor percebe em suas pesquisas nos Evangelhos, que, Pedro é realmente o discípulo que ocupa uma posição especial; VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 13.

No entanto, mesmo dentro desse círculo mais íntimo, Pedro está quase sempre em primeiro lugar, na história da pesca maravilhosa (Lc 5,1 e segs.) Pedro é evidentemente o protagonista, embora, bem no final, os filhos de Zebedeu também sejam incluídos. Conforme Mt 14,28, só Pedro tenta imitar o seu Senhor que está a andar sobre o lago. Ele quase sempre se nos apresenta como porta-voz dos doze. Vimos acima que Pedro responde, quando Jesus dirige uma pergunta a todos os discípulos (Mc 8,29 segs. paral.)¹³².

Além disso, por exemplo, o evangelista o coloca como sendo sempre aquele que toma as iniciativas entre os outros discípulos¹³³. Pedro é quem afirma que Jesus é o Cristo (Mt 16,18; Mc 8,27-30; Lc 9,18-21); ele é considerado o alicerce da Igreja (Mt 16,20); mas também é o que nega Jesus (Mt 26,70-75; Mc 14,66-72; Lc 22,25-27). Destarte, com todas as questões envolvendo sua vida, Pedro é figura fundamental na comunidade mateana, com uma capacidade instrumental de caráter doutrinal¹³⁴.

Um dado importante da eclesiologia do Evangelho de Mateus é a probabilidade da existência de profetas e escribas na comunidade. É possível que esses ministros, escribas cristãos e profetas da Igreja juntos com Pedro, fossem os administradores da disciplina na comunidade de fiéis (Mt 18,15-20)¹³⁵. Os profetas e escribas podem ser vistos nas passagens de Mateus (23,34; 13,51-52), que afirmam a existência deles na comunidade mateana. Monasterio afirma que tais ministérios são conhecidos no cristianismo primitivo¹³⁶. Portanto, percebe-se a grandiosidade e a riqueza da eclesiologia de Mateus com todos os seus aspectos e argumentos.

2.7.3. Escatologia

Tendo analisado de maneira sintética a cristologia e a eclesiologia de Mateus, com os seus contornos de maior relevância, agora serão tratadas algumas questões

¹³² CULLMANN, O., Pedro. Discípulo, Apóstolo, Mártir, p. 28-29.

¹³³ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 12.

¹³⁴ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 236-238; CULLMANN, O., Pedro. Discípulo, Apóstolo, Mártir, p. 29.

¹³⁵ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 585-586. A princípio, o autor inicia dizendo que a comunidade mateana desconhecia ministérios institucionalizados, se reconhecendo como uma comunidade de irmãos, onde o batismo é constitutivo e no meio dessa comunidade circulam os profetas, os doutores da lei e os carismáticos. Ao mesmo tempo ele fala da autoridade da Igreja em aplicar a medida disciplinar eclesiástica institucionalizada. Ao finalizar sobre esta questão, o autor afirma que: “a análise em sua totalidade mostra que a comunidade já está marcada por uma forte institucionalização”.

¹³⁶ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 239. O autor indica a (Didakhé, XI, 3-6).

sobre a escatologia do mesmo Evangelho¹³⁷. A escatologia de Mateus é, sem dúvida, uma obra bem elaborada, com uma extensão que já se destaca desde o início dos discursos até o final. Exemplos básicos seriam desde o Sermão da Montanha, nos caps. 5 – 7, até o próprio discurso escatológico, nos caps. 23 – 25. O evangelista enfatiza em seus ensinamentos a vinda de Jesus e o aspecto do juízo futuro. Sobre isso, Monasterio afirma que:

Já vimos anteriormente que Mateus destaca a vida de Jesus como Filho do Homem na função de juiz universal e glorioso, que dará a cada um conforme os seus méritos (16,27-28; 24,29-31.37.39.44; 26,64; 13,36-43; 25,31; 19,28). É o único evangelista que usa a expressão *parusia* para falar da vinda do Filho do Homem (24,3.27.37.39). É também ele quem dá mais destaque ao juízo futuro, que decidirá a sorte definitiva do homem¹³⁸.

A comunidade mateana é consciente de uma *parusia* iminente (Mt 24,32-36), porém, o grupo de Mateus tem, por um lado, o sentimento claro e consciente do atraso desta *parusia* (Mt 25,5)¹³⁹ e, por outro lado, não é propósito do evangelista fazer especulações a respeito do futuro escatológico e sim abordar sobre essas questões para estimular a comunidade a viver uma vida de prudência e praticar o bem. Segundo Monasterio, dois temas enfatizam a escatologia mateana: a preocupação moral e o interesse pela vida cristã, com um senso crítico do juízo futuro de Deus, abandonando qualquer falsa segurança¹⁴⁰.

Entende-se que a escatologia de Mateus tem um caráter específico de juízo, onde cremos ser ele um juízo universal. Mas qual seria o tempo escatológico? Para Mazzarolo não existe separação entre tempo e escatologia, ambos são intrínsecos um ao outro, de maneira que o tempo presente será futuro da mesma forma que a escatologia é presente¹⁴¹. Se considerarmos que Jesus dizia que “é chegado o Reino dos Céus” (Mt 4,17: ἤγγικεν γὰρ ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν), como uma expressão

¹³⁷ SCHNELLE, U. Teologia do Novo Testamento, p. 592. A escatologia de Mateus é importante para um entendimento do lugar histórico e teológico desse evangelista; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 63.

¹³⁸ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 242.

¹³⁹ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 5594-595; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 63.

¹⁴⁰ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 243.

¹⁴¹ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p.10. O autor continua afirmando que Deus ofereceu através de Jesus, o Messias, no tempo de cada pessoa o privilégio de fazer a escolha de seu futuro escatológico. Nessa obra, fica evidente que cada homem e mulher é responsável por suas escolhas. O autor finaliza dizendo: “O juízo depende da história, de uma declaração ou de uma negação do Filho do Homem e da prática da justiça”. (Mt 10,32-33; Lc 12, 8-9).

de sentido escatológico, deve-se, então, concordar com Carson, que percebe em Mateus quatro períodos de tempos distintos consistentemente¹⁴².

A escatologia do Evangelho de Mateus não só revela o caráter do juízo futuro e tudo o que deve ocorrer nesse período, mas também evidencia o arrependimento, já que o Jesus descrito pelo evangelista se coloca na “grande tradição profética veterotestamentária, na qual a função da linguagem do julgamento é o apelo ao arrependimento”¹⁴³. O autor mateano descreve um tempo onde mulheres e homens poderão ser salvos, caso aceitem a Boa-Nova do Evangelho anunciado pelos discípulos de Jesus.

2.8. Propósitos do Evangelho de Mateus

Neste item queremos abordar opiniões de alguns autores a respeito dos propósitos do Evangelho de Mateus. Apenas algumas propostas. Cada autor mencionado apresenta os objetivos do livro de Mateus, sempre apontando para o aspecto didático que o Evangelho possui. Estes mesmos autores serão abordados novamente no quesito *Status Quaestionis*, que versará especialmente sobre o v. 11, que traz a afirmação de que João, o Batista, é “o maior entre os nascidos de mulheres”.

2.8.1. Samuel Pérez Millos

Samuel Pérez Millos, em seu comentário ao Evangelho de Mateus, entende que seu autor não oferece expressamente uma razão para ter escrito seu Evangelho. Sem sombra de dúvidas, Millos acredita que um dos objetivos do livro é comunicar a mensagem de salvação que repousa sobre a pessoa de Jesus Cristo. É possível que

¹⁴² CARSON, D. A., comentário de Mateus, p. 50. Os quatro períodos de tempo descritos nesta obra são: “1- O período de revelação e da história anterior de Jesus; 2- A inauguração de algo novo na vinda e no ministério dele; 3- O período que inicia com a exaltação de Jesus, a partir do qual toda a soberania de Deus é medida por intermédio dele, e seus seguidores proclamam o evangelho do reino para todas as nações; e 4- A consumação e além dela”.

¹⁴³ CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, p. 102. O autor aqui afirma que a linguagem desse julgamento faz aparecer uma outra linguagem de revelação, fazendo o homem aparecer assim como ele é, indivíduos escravos da hipocrisia e do mal.

esta intenção do evangelista tenha sido consequência do recurso que Mateus tinha quando escreveu seu Evangelho (Mt 28,20)¹⁴⁴.

Uma outra intenção importante de Mateus é enfatizar a identificação de Jesus como o “Filho de Davi”, prometido e esperado. Desde o princípio do Evangelho há uma intencionalidade que é percebida na genealogia (Mt 1,1), onde o autor mateano liga Jesus a Davi e a Abraão, em quem se concentram os pactos de Deus. Os milagres narrados neste Evangelho demonstram certamente uma realidade messiânica de Jesus. Portanto, Jesus é demonstrado aqui como o “Filho de Davi”¹⁴⁵.

O conteúdo apologético, que é outra marca do Evangelho de Mateus é mais uma finalidade do escrito mateano. Os detalhes da ressurreição de Jesus evidenciavam a mentira divulgada pelos líderes religiosos de que o corpo de Jesus não estava na tumba por ter sido roubado pelos discípulos de Jesus (Mt 28,11-15)¹⁴⁶.

O evangelista escreve de maneira intencional para responder à pergunta: “se Jesus é o Messias onde está o seu reino?”. Millos afirma que essa pergunta é respondida de modo pleno no Evangelho, com uma visão voltada para o futuro de onde a manifestação do Reino dos Céus será uma realidade na Terra. Assim, Mateus demonstra a razão de enfatizar o título “Filho de Davi” para referir-se a Jesus, como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento em relação ao Messias¹⁴⁷.

2.8.2. Donald A. Hagner

D. A. Hagner afirma que o gênero, ou o caráter literário e forma de um documento, é vitalmente relacionado aos propósitos de seu autor. Não obstante, ele aponta o Evangelho, o midrash como gêneros literários no escrito mateano. Em forma de Evangelho, Mateus tem a intenção de fazer um relato da vida de Jesus. Basicamente, um Evangelho proclama as boas novas relativas à atividade salvífica de Deus¹⁴⁸.

A estrutura do Evangelho de Mateus, em cinco discursos, fez com que ele fosse considerado como um manual catequético com a finalidade de instruir e edificar os novos discípulos de Jesus. Na Igreja Primitiva, as afirmações de Jesus

¹⁴⁴ MILLOS, S. P., Mateo, p. 51.

¹⁴⁵ MILLOS, S. P., Mateo, p. 51.

¹⁴⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 51

¹⁴⁷ MILLOS, S. P., Mateo, p. 51.

¹⁴⁸ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 57.

eram supremamente autoritárias e desempenhavam um grande papel na instrução de novos convertidos, bem como dos membros mais antigos da Igreja¹⁴⁹. Para Hagner, a visão do Evangelho como catequese está de acordo com a seriedade do ensino em todo o escrito mateano.

Segundo Hagner, “corretivos da Igreja” pode ter sido outro intento no livro de Mateus. A comunidade passa por momentos sérios de dificuldades e o evangelista escreve para corrigir a comunidade de fiéis. No material negativo encontram-se pistas para descobrir o desígnio corretivo do Evangelho. A exemplo disso, Mt 17,22 – 18,35 a comunidade de Mateus estava seriamente dividida e os escândalos eram comuns. Outro exemplo temos em Mt 13, onde a comunidade foi atingida não somente por problemas internos, mas também por uma inquietação espiritual que se manifestou no materialismo, no secularismo e num desrespeito pela lei¹⁵⁰.

para este autor, a propaganda missionária é mais uma das finalidades do Evangelho de Mateus. Pois ele tem a intenção de demonstrar Jesus como o Messias. O Evangelho oferecia a possibilidade de ser usado como instrumento primordial na missão da Igreja aos judeus. Com isso, o destaque na realização em todo o Evangelho pode oferecer suporte para esta hipótese¹⁵¹.

2.8.3. Warren Carter

W. Carter afirma que é pouco convincente dizer que o Evangelho oferece uma exposição histórica da vida de Jesus. O Evangelho em si, não vê, em primeiro lugar, a prioridade em informar sobre a historicidade de Jesus (Mt 7,24-27; 12,46-50). Improvável também seria a opinião que acredita ter o Evangelho um propósito missionário. É perceptível que o livro contém um material que consiga alcançar os novos seguidores de Cristo. No entanto, basicamente, o livro está interessado pelos discípulos formadores, além dos já comprometidos¹⁵².

O Evangelho de Mateus seria melhor entendido como tendo o propósito orientador para os que já pertencem a Jesus como seus discípulos, ou seja, a sua importância educativa e a orientação comunitária. O livro procura formar uma

¹⁴⁹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 58.

¹⁵⁰ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 58.

¹⁵¹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 59.

¹⁵² CARTER, W., Evangelho de São Mateus, p. 23.

comunidade de discípulos. Não obstante, isto é visto nos cinco blocos doutrinários do Evangelho (Mt 5-7; 10; 13; 18; 24-25). Nesse sentido Carter afirma que:

Esta função mais formativa do que informativa e a orientação comunitária têm constituído um constante foco nos estudos do evangelho no último meio século. A maioria dos estudiosos entende que o evangelho tem algum tipo de função educativa e pastoral, embora debatam sobre se ele se preocupa com o repudiar outros grupos cristãos, definir as relações com o restante do judaísmo, ou distanciar os discípulos do judaísmo¹⁵³.

Portanto, o Evangelho de Mateus é propositalmente uma narrativa que forma identidade, que modela um estilo de vida. Carter afirma que “identidade significa aquilo que define o compromisso ou o aporte central de membros da audiência de Mateus, a saber, a sua lealdade para Jesus como agente de Deus”¹⁵⁴.

2.8.4 Isidoro Mazzarolo

I. Mazzarolo compreende que o livro de Mateus é demasiado polêmico no que diz respeito à superação dos esquemas do AT¹⁵⁵. Em sua concepção, a vontade de Jesus é que seus ouvintes possam sair das tradições dos seus pais, para uma nova perspectiva que seria a formação de uma nova comunidade firmada na justiça (Mt 5,20)¹⁵⁶.

O autor aqui acredita que o Evangelho de Mateus tem um objetivo principal. Ele afirma que “o objetivo principal deste Evangelho é fazer com que os convertidos e os que pretendiam sua conversão sejam capazes de acreditar em Jesus como o verdadeiro Messias, o filho de Abraão, legítimo segundo todas as profecias e tradições”¹⁵⁷. Nesse sentido, o autor afirma que Jesus “mostra uma leitura e hermenêutica da Lei partindo da libertação de todas as escravidões” e, por isso, a nova comunidade precisa ser formada na justiça e separada dos padrões opressores e conservadores de um “*status quo*”, cristalizados por gerações¹⁵⁸.

¹⁵³ CARTER, W., Evangelho de São Mateus, p. 24.

¹⁵⁴ CARTER, W., Evangelho de São Mateus, p. 25.

¹⁵⁵ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p. 6.

¹⁵⁶ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p. 6.

¹⁵⁷ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p. 6.

¹⁵⁸ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p. 6.

2.8.5.

D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris

Estes três autores acreditam que, por não ter sido delineado pelo evangelista quais seriam os objetivos de seu Evangelho, isto não se caracteriza como obstáculo para que se façam inferências sobre os propósitos que o Evangelho possivelmente possui. Por isso, eles afirmam que:

Pelo fato de Mateus não incluir declarações diretas acerca de seu propósito em escrever o evangelho, todas as tentativas de identificá-lo são inferências extraídas dos temas que ele aborda e de maneira como trata certos temas em comparação com os outros evangelhos tratam temas semelhantes. Isso nos obriga a reconhecer diversas limitações que se devem impor à busca de descobrir o propósito do autor. Os temas dominantes em Mateus são diversos, complexos e até certo ponto contestados¹⁵⁹.

Pelo fato do Evangelho de Mateus ter uma grande quantidade de citações do AT, eles afirmam que alguns têm a opinião de que o evangelista escreve com o desígnio de instruir os crentes a lerem as Escrituras Sagradas¹⁶⁰. Outra finalidade do livro seria evangelizar os judeus; talvez o propósito de instruir os cristãos no aperfeiçoamento da apologética por causa dos embates contra o judaísmo formativo farisaico. Possivelmente, Mateus tenha escrito para refutar o antinomianismo incipiente ou até o paulinismo, por seu livro explicar algumas leis. Existia ainda a possibilidade de tê-lo escrito para não permitir que houvesse uma institucionalização da Igreja. Para alguns, esses temas e até outros, teoricamente, poderiam ser listados no Evangelho para suprir as distintas dificuldades na comunidade de então.

2.8.6

Russell Norman Champlin

R. N. Champlin enumera ao menos dez propósitos contidos no Evangelho de Mateus, sempre com a finalidade de instruir os cristãos, que teriam esses escritos em mãos. Desta forma, serão apresentados em forma de itens, para que haja uma visão panorâmica dessas finalidades oferecidas pelo autor.

1. O propósito do livro tem a ver com as muitas citações que Mateus faz do Antigo Testamento e elas devem ser ao mesmo tempo literais e polêmicas. Com isso, o autor do evangelho objetiva demonstrar um cristianismo mais elevado do que o judaísmo.

¹⁵⁹ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L., Introdução ao Novo Testamento, p. 90.

¹⁶⁰ CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L., Introdução ao Novo Testamento, p. 91-92.

2. Caracterizar Jesus como o novo Moisés, tendo os seus ensinamentos como uma espécie de nova Lei.
3. Consolar os cristãos que sofriam perseguição, possivelmente comandada pelo imperador Domiciano, caso tenha esse Evangelho sido escrito nesse período.
4. Edificar uma nova autoridade, já que Jerusalém estava destruída. E essa autoridade recaiu sobre os ombros do Apóstolo Pedro.
5. A necessidade de ter um conjunto de ensinamentos, já que havia falta de uma estrutura sistemática dos ensinamentos de Jesus.
6. Revelar aos judeus e gentios que Jesus é o Messias Salvador.
7. Demonstrar uma escatologia que reflita a fé dos cristãos em uma parusia de Cristo bem iminente.
8. Desenvolver a ética do reino divino e de Jesus como o Rei desse reino.
9. Suprir as necessidades de uma Igreja que parece estar crescendo.
10. Apresentar a todos o poderio de Jesus ao curar os enfermos e operar milagres¹⁶¹.

2.8.7.

Broadus David Hale

Para B. D. Hale, um dos desígnios do livro de Mateus é “organizar e sintetizar suas conclusões acerca de Jesus, o Cristo”¹⁶². Segundo ele, o Evangelho tem a intenção de anunciar as obras de Deus realizadas por intermédio de seu Filho amado para perdoar e salvar o homem de sua condição de pecador. Sendo este Evangelho escrito no período da guerra judaico-romana, o livro procura mostrar à comunidade judaico-cristã que o Messias agora é o Jesus de Nazaré, o Servo Sofredor.

Hale cita outros estudiosos que definem um tema principal no Evangelho de Mateus e afirma que “os estudiosos há muito têm argumentado sobre a maneira como Mateus chega ao seu propósito expresso. O tema permanente do Evangelho de Mateus é reconhecido como sendo o Reino do Céu”¹⁶³. Intrínseco a esse tema, está o objetivo litúrgico do Evangelho, para suprir os imperativos da adoração e da leitura pública.

Hale também aborda o escopo “kerigmático” do Evangelho, por seu fundo de pregação, evangelismo e missões. Ele afirma que o objetivo era de anunciar a mensagem de Jesus aos judeus não cristãos. Ligado ao “kerigma” estão os intentos didáticos e apolológicos do presente Evangelho. Didático, afirma ele, porque Mateus estrutura o seu escrito de modo a facilitar o ensino, tendo em vista que uma grande parte da missão de Jesus constitui em ensinar¹⁶⁴. Com isso, percebe-se que

¹⁶¹ CHAMPLIN, R. N., Mateus – Marcos, p. 258.

¹⁶² HALE, B. D., Introdução ao Estudo do Novo Testamento, p. 93.

¹⁶³ HALE, B. D., Introdução ao Estudo do Novo Testamento, p. 94.

¹⁶⁴ HALE, B. D., Introdução ao Estudo do Novo Testamento, p. 95.

Mateus escreve no sentido de orientar os judeu-cristãos a compreenderem o real significado da pessoa de Jesus Cristo, o Messias Sofredor.

2.8.8. Conclusão

Percorreu-se até agora, no presente capítulo, o processo de desenvolvimento e o *Sitz im Leben* em que está situado o Evangelho de Mateus. Neste sentido, foram abarcadas as principais características do escrito mateano e de sua comunidade cristã. É na comunidade mateana que compreende-se toda a importância desse Evangelho e é também nela que percebemos o quanto esse escrito é da Igreja e para a Igreja. Desta forma, toda a sua estrutura, teologia e propósito foram construídos para o crescimento e o desenvolvimento da comunidade de fiéis.

Não há como negar a importância do Evangelho de Mateus na Igreja Primitiva e também na Igreja dos dias atuais, pelos motivos do livro ter um conteúdo que se preocupa com os ensinamentos de Jesus, distribuídos em seus discursos e narrativas. É bem verdade que esse escrito foi um dos mais pesquisados nos tempos passados e continua sendo estudado ainda hoje. Os resultados das pesquisas feitas em torno desse evangelista têm sido animadores. Com eles podemos conhecer melhor todo o contexto que envolve o Evangelho, ouvindo opiniões de testemunhas antigas e recentes.

Com informações do contexto histórico de Mateus, compreende-se ser ele um Evangelho que fez uso de documentos de outras fontes para elaborar os seus escritos. Por esse motivo, observamos a grandeza das semelhanças e diferenças no que tange aos Evangelhos sinóticos¹⁶⁵. É possível também perceber no escrito mateano uma teologia própria do autor e da comunidade, seja pelo uso de termos cristológicos que remetem ao convívio deste grupo de fiéis, seja de uma visão de Igreja e de salvação, tendo em vista que somente o autor faz menção da palavra Igreja. Portanto, acredita-se que essas informações contribuem para o desenvolvimento desta pesquisa, com o objetivo de alcançarmos o tema aqui proposto. Com isso, passa-se para a próxima etapa deste trabalho, onde faremos um *status quaestionis* a respeito do tema “João, o Batista, o maior entre nascidos de mulheres” em Mt 11,2-15, com as contribuições necessárias de vários autores, para

¹⁶⁵ KONINGS, J., Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “fonte Q”, p. 22-23.

o desenvolvimento do próximo capítulo, com a finalidade de responder ao que está sendo proposto aqui em nossa pesquisa.

3 **STATUS QUAESTIONIS**

Neste terceiro capítulo, queremos observar, nos comentários que escolhemos para serem pesquisados, e perceber de que maneira estes exegetas interpretaram a perícopes de Mt 11,2-15, especialmente, a problemática do “*maior entre os nascidos de mulheres*” e do “*menor no Reino do Céus*”, no v. 11. Nesse sentido, aqui o nosso foco se refere ao v. 11 de nossa perícopes, e não ao comentário da perícopes inteira de Mt 11,2-15, que analisaremos no próximo capítulo.

3.1. **Tomás de Aquino**

No séc. XIII, Tomás de Aquino (1225-1274), o maior nome entre os escolásticos, escreveu uma obra em latim, intitulada *Catena Aurea*, onde ele fez uma exposição contínua sobre os Evangelhos, a partir dos comentários dos Padres da Igreja, orientais e ocidentais. Desta sua obra, recebemos a tradução e publicação (2019)¹⁶⁶, para a língua portuguesa, da parte referente ao Evangelho de Mateus. Nela, ele analisa a perícopes Mt 11,2-15 e a divide em quatro seções denominadas de *lectio* (leitura)¹⁶⁷.

Os comentários transcritos por Tomás de Aquino dos vv. 2-15, foram feitos pelos Padres da Igreja Gregório Magno, Ambrósio, João Crisóstomo, Jerônimo e Hilário de Poitiers, Rábano Mauro, Pseudo-Crisóstomo, Agostinho e Remígio de Auxerre¹⁶⁸. Nos vv. 2-6 eles comentam a respeito do envio dos discípulos de João e a sua pergunta sobre o Cristo¹⁶⁹. Os Padres da Igreja aqui mencionados concordam entre si, e afirmam que João Batista fez a pergunta não porque tinha dúvidas de que Jesus seria o Cristo, mas para que os discípulos “tendo ocasião de ver seus milagres e virtudes, cressem n’Ele e aprendessem pela pergunta de seu mestre”¹⁷⁰. A exemplo disso, João Crisóstomo diz que os discípulos “partiram completamente convencidos a respeito de Cristo por causa dos milagres que viram”¹⁷¹.

¹⁶⁶ AQUINO, T. *Catena Aurea*, Exposição contínua sobre os Evangelhos. vol. I. Evangelho de São Mateus.

¹⁶⁷ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 389-398.

¹⁶⁸ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 389-392.

¹⁶⁹ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 389-391.

¹⁷⁰ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 390-391.

¹⁷¹ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 392.

Na exposição dos vv. 7-10, os Padres da Igreja comentam a respeito do testemunho de Jesus sobre a pessoa de João Batista, e compreendem a importância da grandeza de João e o seu papel como precursor do Messias¹⁷². Para eles, João Batista não era um homem flexível e nem inconstante, e muito menos um homem vestido com vestes finas¹⁷³. Gregório Magno afirma que “como precursor, João é, portanto, mais que profeta, porque predisse o que viria depois dele e o apontou, revelando-o”¹⁷⁴. Para João Crisóstomo, o Batista é maior do que os demais profetas por “estar perto de Cristo”¹⁷⁵.

Os comentários feitos por alguns Padres da Igreja sobre os vv. 12-15 dizem respeito ao Reino dos Céus sofrer violência e a relação que há entre a pessoa de João Batista com o profeta Elias¹⁷⁶. Para Gregório Magno “o Reino dos Céus se refere ao trono celestial, ao qual, quando os pecadores, manchados com alguma má ação, retornam mediante a penitência e corrigem-se a si mesmos”¹⁷⁷, e, com isso, ingressam no Reino como saqueadores e “arrebatarem com violência o Reino dos Céus”¹⁷⁸. Jerônimo afirma que “o Reino dos Céus padece violência, e que são os que se violentam que o tomam”¹⁷⁹. Nessa acepção, Jerônimo observa que os servos de Deus é que devem “fazer violência a si mesmos” para chegarem ao Reino dos Céus e “possuí-lo por uma virtude que não temos por natureza”¹⁸⁰.

No que se refere ao Batista ter sido chamado de Elias, Jerônimo diz que não se deve ter a “mesma compreensão que tinham os filósofos e alguns hereges que sustentam a metempsicose, isto é, a migração da alma de um corpo para o outro”¹⁸¹. Segundo Jerônimo, João Batista é Elias porque teve a “mesma graça ou a mesma medida do Espírito Santo”¹⁸². João Crisóstomo afirma a respeito de João Batista ser Elias como “aquele é este e este é aquele”, visto que ambos foram precursores¹⁸³.

Chegamos, agora, ao que mais nos interessa saber: sobre os comentários de alguns Padres da Igreja a respeito de João Batista ser o “maior entre os nascidos de

¹⁷² AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 392-395.

¹⁷³ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 394.

¹⁷⁴ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 394.

¹⁷⁵ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 395.

¹⁷⁶ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 397-398.

¹⁷⁷ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 397.

¹⁷⁸ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 397.

¹⁷⁹ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 397.

¹⁸⁰ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 397.

¹⁸¹ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 398.

¹⁸² AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 398.

¹⁸³ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 398.

mulheres”, e o “menor no Reino dos Céus ser maior do que João” em Mt 11,11. João Crisóstomo afirma que Jesus “não se contentou com a recomendação de João que fez anteriormente, citando o testemunho do profeta, mas expôs a própria opinião que tem dele”¹⁸⁴, e, por isto, o Mestre diz que “não veio ao mundo outro maior que João Batista”, para designar a grandeza do precursor do Messias¹⁸⁵.

Para Rábano Mauro, o texto de Mt 11,11 diz que João é o maior “entre os nascidos de Mulher” e não “de virgem”¹⁸⁶, e isto já demonstra que o nascido da virgem é maior do que aquele que nasce de mulher, pois Rábano Mauro afirma: “a palavra mulher significa propriamente a que teve relações conjugais”, e o termo “mulher” em Jo 19,26 para Maria, apenas foi usado para indicar o seu sexo¹⁸⁷.

Segundo Jerônimo, João Batista “é superior a todos os homens nascidos de mulheres e do concubinato dos homens”¹⁸⁸. No entanto, o Batista não é o que nasceu de “uma virgem e do Espírito Santo”, e este nascimento virginal, por si só, faz com que Jesus seja maior do que João Batista¹⁸⁹. Para este Padre da Igreja, as palavras de Jesus “não puseram João acima dos demais profetas e patriarcas e de todos os homens, mas iguala-os a João”¹⁹⁰. Pois, mesmo eles não sendo maiores do que João “não decorre imediatamente que ele seja maior que os outros”¹⁹¹.

No que se refere a João Batista ser o “menor no Reino dos Céus”, temos a seguinte afirmação de Pseudo-Crisóstomo: “penso que todos os santos, em relação à sutileza do juízo divino, são maiores ou menores entre si; donde entendemos que aquele que não tem ninguém que lhe seja maior, é o maior de todos”.¹⁹² Para João Crisóstomo, o dito de Mt 11,11c seria uma correção do que Jesus havia dito antes, para que “não houvesse excesso de elogios e não levasse os judeus ao erro de preferirem João a Cristo”¹⁹³. Ele continua afirmando que Jesus ao dizer “no Reino dos Céus” está se referindo ao que pertence “às coisas espirituais e em tudo o que

¹⁸⁴ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁸⁵ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁸⁶ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁸⁷ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁸⁸ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁸⁹ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁹⁰ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁹¹ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁹² AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁹³ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

está relacionado às coisas do Céu”¹⁹⁴, e é provável que Cristo esteja citando aqui os apóstolos.

Agostinho de Hipona possibilita duas possíveis interpretações de Mt 11,11c¹⁹⁵. A primeira interpretação é que Jesus pode ter chamado de “Reino dos Céus aquele que ainda não recebemos... como o habitam os anjos, o menor deles é maior que qualquer justo que carrega um corpo corruptível sobre a terra”¹⁹⁶. A segunda interpretação é que o “Reino dos Céus pode-se entender a Igreja, de quem são filhos todos os justos desde o princípio do mundo até os dias atuais”¹⁹⁷.

Para Jerônimo, o “menor no Reino dos Céus” é todo fiel que já se encontra com o Senhor em sua eternidade, e, por isso, é maior do que todos os servos de Deus que ainda estão nas lutas e batalhas da caminhada cristã, pois Jerônimo afirma que: “uma coisa é cingir a coroa da vitória, e outra ainda lutar na linha de batalha”¹⁹⁸.

3.2. Randolph Vincent Greenwood Tasker

Em 1961, Tasker escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus na língua inglesa. Este comentário foi traduzido em português e publicado no Brasil em 1980, em uma coleção de introdução e comentário do Novo Testamento¹⁹⁹. O autor divide a perícopes de Mt 11,2-15 em duas partes: a primeira parte abarca os vv. 4-6, onde Jesus faz a sua réplica aos enviados de João Batista, e a segunda parte consiste nos vv. 7-15, que traz um ensinamento ao povo a respeito do Batista, e o lugar que ele ocupava na dispensação divina²⁰⁰.

Tasker vai direto ao ponto, no que se refere a João Batista. Para ele o Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” por causa de seu ministério de precursor imediato do Messias²⁰¹. Ele é maior do que os profetas que apenas prenunciaram a vinda do Messias. Por isso, a sua importância é singular. E ainda, ele é mais do que profeta, como é asseverado no v. 9. Os profetas que antecederam ao Batista, não

¹⁹⁴ AQUINO, T. *Catena Aurea*, Exposição contínua sobre os Evangelhos. vol. 1. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁹⁵ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁹⁶ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁹⁷ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁹⁸ AQUINO, T. *Catena Aurea*, vol. I. Evangelho de São Mateus, p. 396.

¹⁹⁹ TASKER, R. V. G., Mateus.

²⁰⁰ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 87.

²⁰¹ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 87.

viram e nem conheceram o Messias, enquanto João Batista foi contemporâneo do Messias e teve a prerrogativa de testemunhar acerca da pessoa de Cristo²⁰².

Para este estudioso, a grandeza de João Batista está condicionada até a chegada do Reino dos Céus, onde o menor no Reino é maior do que ele. Sem dúvida, o Batista era grande, mas não era súdito do Reino que o Messias haveria de implantar. João é, de certa forma, o ponto final da profecia veterotestamentária, porém não pôde desfrutar os benefícios proporcionados por esse Reino, pois sua missão implicava a sua morte como mártir, antes de serem alcançadas as benevolências do Reino²⁰³. No entanto, João Batista pode ser considerado menos abençoado do que aqueles humildes servos e discípulos que já vivem na dispensação do Reino dos Céus implantado pelo Messias²⁰⁴.

3.3. Wolfgang Trilling

Em 1962, Trilling escrevia o seu comentário ao evangelho de Mateus, na língua alemã, no período em que estava tendo início o *Concílio Vaticano II*²⁰⁵. Este mesmo comentário foi traduzido e publicado em português, no Brasil, em 1968. O autor divide a perícopes de Mt 11,2-15 em duas partes: a primeira parte consiste nos vv. 2-6 (*A pergunta do Batista*), e a segunda parte consiste nos vv. 7-15 (*O testemunho de Jesus sobre João Batista*)²⁰⁶. Ele afirma e defende em seu comentário, que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres”, porque traz sobre si a imagem do portador da salvação, aquele que endireita o caminho do Senhor²⁰⁷.

Para Trilling, João Batista é como um arauto destemido. Ele também defende que a grandeza do Batista, testemunhada por Jesus no v. 11, já é evidente no v. 9, quando o mestre, de modo elogioso, afirma que o Batista é “mais do que um profeta”, e isto não quer dizer que ele é apenas um mensageiro para o povo, mas sim, que ele é como o mensageiro da salvação, figura salvífica²⁰⁸. Isto não lhe foi

²⁰² TASKER, R. V. G., Mateus, p. 87.

²⁰³ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 92.

²⁰⁴ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 92.

²⁰⁵ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus. O Concílio Vaticano II teve o seu início no segundo semestre de 1962 e o seu término em oito de dezembro de 1965.

²⁰⁶ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, pp. 258-260

²⁰⁷ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 261.

²⁰⁸ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 261.

imposto por causa de sua postura ascética, mas a sua atitude é maior do que a dos outros profetas, e isto lhe conferiu uma importância ímpar, porque ele tinha sido chamado a preparar o caminho do Messias²⁰⁹.

Este autor, ao comentar o v. 11, assevera que João Batista não é apenas um grande vulto como precursor no seu ministério, mas também como homem, entre os nascidos de mulheres não houve maior²¹⁰. O elogio que Jesus fez a respeito de João Batista, afirmando que ele era maior entre os nascidos de mulheres, parece ter sido um elogio extravagante e exagerado, feito por Jesus. Porém, era esse mesmo o propósito do mestre, ele queria elevar a figura do Batista acima de todos os seus contemporâneos, e também colocá-lo acima de todos os homens do passado²¹¹.

Para Trilling, a sentença que vem a seguir põe limite ao que foi dito anteriormente a respeito de João. Na verdade, o Batista é grande, porém, sua grandeza é insignificante comparado à nova idade, ao Reino dos Céus²¹²: “o menor no Reino dos Céus é maior do que ele” (Mt 11,11). Para o autor, a nova idade já se iniciou, o Reino dos Céus avança e os que fazem parte desse novo tempo são maiores do que todos aqueles que viveram e vieram antes destes, e isto inclui o próprio João Batista. Ou seja, na era do Reino dos Céus, o homem que vive nesse tempo, o homem da graça, o homem remido, está em uma maior posição do que João Batista, que é o maior entre os nascidos de mulheres²¹³.

3.4. Josef Schmid

Em 1965, Schmid escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em alemão. Esta mesma obra foi traduzida para a língua espanhola e publicada na Espanha em 1967²¹⁴, sendo esta a tradução que usamos aqui em nosso trabalho. Este autor delimita a perícopes de Mt 11,2-19 e a divide em duas partes: a primeira parte é formada pelos vv. 2-6 (*a pergunta do Batista*) e a segunda parte abarca os vv. 7-19 (*testemunho de Jesus sobre o Batista*)²¹⁵.

²⁰⁹ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 261.

²¹⁰ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 261.

²¹¹ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 262.

²¹² TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 262.

²¹³ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 263.

²¹⁴ SCHMID, J., El Evangelio según San Mateo.

²¹⁵ SCHMID, J., El Evangelio según San Mateo, p. 273-276.

Ao comentar Mt 11,11, Schmid vai direto à questão por nós abordada e afirma que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” por causa do seu papel único de precursor imediato do caminho do Senhor, na obra da redenção²¹⁶. O autor considerou a grandeza do Batista, já quando Jesus asseverou que o mensageiro do deserto é “mais do que um profeta” e, verdadeiramente, segundo ele, João foi o profeta que havia sido predito por outro profeta (Mt 3,1.23)²¹⁷.

Para Schmid, todos os homens que apareceram até aquele momento da história tiveram a sua importância, no entanto, João é considerado maior do que todos eles e esta declaração magnificente a respeito da grandeza de João Batista no v. 11: “não surgiu entre os nascidos de mulheres maior do que João”, saiu dos próprios lábios de Jesus²¹⁸.

Apesar desta maravilhosa declaração da grandeza do Batista, o próprio Jesus também coloca uma imposição a ela, ou seja, o Mestre põe um “limite de importância”²¹⁹ porque uma nova ordem iniciou, e o Batista não pertence a essa nova ordem. Para Schmid, a chegada do Reino dos Céus é a abertura desta nova ordem que, apesar de ter uma “essência escatológica”, já começou a operar as suas bênçãos salvíficas no tempo presente²²⁰. Segundo este estudioso, João Batista não pertence a esse novo tempo da manifestação da presença de Jesus, mesmo sendo aquele que anunciou a vinda do Messias²²¹. Nesse sentido, para Schmid, o Batista faz parte da “velha ordem”. Ainda assim, com sua considerável condição de destaque, ele está em uma posição “depois do último daqueles que fazem parte da nova ordem”, ou seja, o menor no Reino dos Céus é maior do que João Batista²²².

3.5. Jean Radermakers

Em 1972, Radermakers escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus na língua italiana, numa perspectiva de leitura teológico-pastoral²²³. O autor, a exemplo de outros, também divide a perícopa de Mt 11,2-15 em duas partes: a

²¹⁶ SCHMID, J., *El Evangelio según San Mateo*, p. 278.

²¹⁷ SCHMID, J., *El Evangelio según San Mateo*, p. 278.

²¹⁸ SCHMID, J., *El Evangelio según San Mateo*, p. 278.

²¹⁹ SCHMID, J., *El Evangelio según San Mateo*, p. 278.

²²⁰ SCHMID, J., *El Evangelio según San Mateo*, p. 278.

²²¹ SCHMID, J., *El Evangelio según San Mateo*, p. 278.

²²² SCHMID, J., *El Evangelio según San Mateo*, p. 278.

²²³ RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*.

primeira parte consiste nos vv. 2-6 (*a pergunta de João Batista e as obras de Cristo*), e a segunda parte constitui-se dos vv. 7-15 (*João Batista, profeta mensageiro do reino, e os violentos*)²²⁴.

Rademakers defende em seu comentário que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), porque sobre ele estava a expectativa de Israel, exteriorizada pela tradição profética e que nele alcançou o seu cumprimento²²⁵. Este estudioso afirma que João Batista está inserido em uma linha de continuidade com os profetas do Antigo Testamento e que todos eles prepararam o caminho para o Messias²²⁶. No entanto, existe uma ruptura que João experimentou em sua carne, por meio de sua dúvida e seu aprisionamento²²⁷.

Para este autor, o Reino dos Céus, que se aproximou dos homens e mulheres em Jesus, é uma novidade profundamente radical. Não obstante, o menor no Reino dos Céus, ou seja, os discípulos, são maiores do que João Batista²²⁸. Nesse sentido passa-se da realidade humana, a posição de uma criança nascida de uma mulher, para a realidade filial, a condição de um filho do Pai, que somente os “pequeninos” podem compreender (Mt 11,25)²²⁹.

Para Rademakers, tanto o Batista quanto os ouvintes de Jesus e todos os leitores do Evangelho de Mateus precisam perceber e descobrir que Jesus desconsiderava toda a concepção meramente humana do que é grande e pequeno²³⁰. Pois, até então, o que havia era a ideia de que Moisés fosse o primeiro e o maior de todos os profetas (Dt 34,10); porém, na interpretação de Jesus, João Batista parece ser maior do que Moisés, na perspectiva apresentada em Dt 18,15-18²³¹. Nesse sentido, esta ideia vai além, pois a verdadeira grandeza é a pequenez, a humilhação, que se apresenta na atitude de Jesus. Para o autor, o verdadeiro “menor” no Reino dos Céus é o próprio Jesus, em quem reside toda a autoridade, mas não toma sobre si as características de um juiz irado, antes, assume as condições de um servo, se humilha, se envolve com o homens e sofre com eles²³².

²²⁴ RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p. 198-199.

²²⁵ RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p. 199.

²²⁶ RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p. 199.

²²⁷ RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p. 199.

²²⁸ RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p. 199.

²²⁹ RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p. 199.

²³⁰ RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p. 199.

²³¹ RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p. 199.

²³² RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p. 199.

3.6. Javier Pikaza

Em 1974, Pikaza escrevia, na língua espanhola, a sua teologia e comentário ao Evangelho de Mateus. Este comentário foi traduzido em português e publicado no Brasil em 1978²³³. Ele, diferentemente dos demais autores, não divide em partes a perícopes de Mt 11,2-15, mas, a coloca em uma grande seção inteira que vai de Mt 11,2–16,20²³⁴. Conforme este autor, toda essa seção está centralizada na pergunta de João Batista: “*és tu o que há de vir, ou devemos esperar outro?*”²³⁵. Neste comentário, o autor é sucinto em afirmar que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), por causa de seu chamado de anunciar a chegada do Reino dos Céus, e nisto ele se difere de todos os demais profetas veterotestamentários²³⁶.

Para Pikaza, a pergunta de João Batista provoca uma reação dupla em Jesus. Primeiro, porque ele responde ao Batista, revelando a sua própria identidade como o Messias esperado, que somente os pequenos o aceitaram e o seguiram (Mt 11,4-6). Segundo, porque Jesus também revelou a personalidade de João Batista como o profeta que prepara o caminho do Messias e que dispõe os homens e as mulheres para o grande e definitivo juízo divino (Mt 11,7-9)²³⁷.

O autor, ao comentar a respeito da grandeza de João Batista no v. 11, afirma que a distinção decisiva dele está em fazer parte com Jesus do chamado em que Deus proclama o Reino. O Batista jejua, e este é o símbolo da austeridade do juízo. Jesus come e bebe, e isto é o símbolo da nova realidade do Reino, e nisto percebe-se a diferença entre a grandeza de João Batista e Jesus²³⁸.

3.7. Benôni Lemos

Em 1974, era escrito em língua francesa, um comentário ao Evangelho de Mateus, elaborado por diversos autores²³⁹. Esta mesma obra foi traduzida em português e publicada no Brasil em 1985. Neste comentário, a perícopes de Mt 11,2-

²³³ PIKAZA, J., Teologia de Mateus.

²³⁴ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 68.

²³⁵ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 70.

²³⁶ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 70.

²³⁷ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 70.

²³⁸ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 70.

²³⁹ LEMOS, B., Leitura do Evangelho de Mateus.

15 não é dividida em partes, mas faz parte de uma unidade maior que se estende desde o v. 2 até o v. 19 de Mt 11, com a apresentação de João Batista e a sabedoria manifestada por suas obras²⁴⁰. Esta obra vai direto ao que interessa. Ela afirma que, o Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), por ser o mensageiro precursor da chegada do Messias, aquele enviado que prepara e endireita o caminho do que há de vir²⁴¹.

No seu comentário do v. 11, já se percebe a dimensão da grandeza de João Batista, ligado ao elogio extraordinário feito por Jesus no v. 9, “ele é mais do que um profeta”, ele é “o maior entre os nascidos de mulheres” v. 11²⁴². Esta afirmação demonstra a superioridade em grandeza do Batista, concernente a todos os que lhe antecederam. Eles eram importantes por serem mensageiros do Messias, porém, João era o precursor que anunciava com mais abrangência a chegada do Messias, que seria como o temível juiz²⁴³.

É evidente que Jesus declarou a grandeza do Batista, mas ponderou a elevação dele até a chegada do Reino. Jesus afirmou que o Batista é grande, entretanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele. Essa comparação entre o maior e o menor, não foi feita por Jesus com o objetivo de confrontar duas pessoas: João Batista e os que entram no Reino dos Céus, mas sim, duas ordens de grandeza²⁴⁴. A primeira, diz respeito à grandeza do Batista, que é terrena e, por isso, ele é o maior entre os nascidos de mulheres, ocupando assim, o primeiro lugar. A segunda, diz respeito aos que estão no Reino, que são os menores, porém, são maiores do que João Batista, por participarem dos privilégios do Reino dos Céus, onde a grandeza do arauto do deserto não tem comparação²⁴⁵.

Não obstante, os autores desta obra afirmam que a atenção não se detém em João, partindo dele, ela abrange até a chegada do Reino dos Céus que está se aproximando e das qualidades de existência completamente novas que este reino traz para aqueles que participarão dele. Por esse motivo, não é imperioso admirar o Batista, mas sim, trabalhar para ter parte no Reino dos Céus²⁴⁶.

²⁴⁰ LEMOS, B., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 57.

²⁴¹ LEMOS, B., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 57.

²⁴² LEMOS, B., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 57.

²⁴³ LEMOS, B., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 57.

²⁴⁴ LEMOS, B., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 57.

²⁴⁵ LEMOS, B., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 57.

²⁴⁶ LEMOS, B., *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 57.

3.8. David Michael Stanley

No ano de 1975, Stanley escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, fazendo uma análise de seus capítulos e versículos²⁴⁷. O autor também divide a perícopes de Mt 11,2-15 em duas partes: a primeira parte compreende os vv. 2-6 (*indagação do Batista*); a segunda parte consta dos vv. 7-15 (*função de Jesus na história da salvação*)²⁴⁸. Stanley afirma, de forma concisa, que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), devido a sua missão de precursor e arauto do Senhor, mas ele foi, na verdade, o que anunciou a chegada do Messias, e o conheceu, distinguindo-se, assim, de todos os mensageiros que o antecederam²⁴⁹.

O autor, em seu comentário à perícopes de Mt 11,2-15, já percebe a grandeza de João Batista no v. 9. Ele delinea a ocasião em que Jesus testemunha a respeito do Batista, para revelar o sentido da missão dele e definir esta missão: “é muito mais do que um profeta”²⁵⁰. O Batista é mais do que um profeta, porque ele era o arauto de Cristo, o precursor do Messias, que foi reconhecido como Elias no judaísmo tardio, e nesse sentido, é maior do que os profetas que o antecederam²⁵¹.

Segundo Stanley, nenhum homem na história de Israel foi melhor ou maior do que João Batista. Porém, o autor relaciona a sua grandeza aos tempos do Antigo Testamento, à classe dos profetas, período em que as profecias ainda não tinham sido realizadas, e não o liga ao período do Novo Testamento, onde os tempos são dos cumprimentos das profecias e das suas realizações²⁵². Nisto, a grandeza do Batista fica condicionada a um tempo antes da inauguração do Reino dos Céus implantado por Jesus entre os homens e mulheres, formando um novo tempo de salvação e bênção para os que vivem nele, e, onde o menor e mais insignificante membro da Igreja é maior do que João²⁵³.

²⁴⁷ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus.

²⁴⁸ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, pp. 86-87.

²⁴⁹ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 87.

²⁵⁰ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 87.

²⁵¹ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 87.

²⁵² STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 88.

²⁵³ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 88.

3.9. Rinaldo Fabris e Giuseppe Barbaglio

Em 1978, Giuseppe Barbaglio escrevia um comentário ao Evangelho de Mateus, em língua italiana. Este mesmo comentário, foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 1990. Esta obra é o primeiro volume de uma série de comentários da Coleção Bíblica Loyola²⁵⁴. Barbaglio também concorda em dividir a perícopes de Mt 11,2-15 em duas partes: a primeira parte consiste nos vv. 2-6 (*resposta ao Batista*), e a segunda parte compõe-se dos vv. 7-15, (*a grandeza de João*)²⁵⁵.

Este estudioso sustenta categoricamente, que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), porque foi o precursor do Messias. Ele era o mensageiro enviado por Deus que devia preparar o caminho do Messias²⁵⁶. Segundo ele, a grandeza de João Batista tem a sua referência inicial no v. 9, quando os ouvintes são interrogados por Jesus, e como resposta, o próprio Jesus assume a opinião pública, contudo, ele acentua que o Batista é mais do que um profeta²⁵⁷.

Para Barbaglio, o v. 11 é um dito independente, e que possivelmente pode ser reivindicada a sua paternidade ao Mestre, tendo em vista que a comunidade cristã primitiva não exaltaria demasiadamente a figura de João Batista, oposto pela seita dos joanitas à própria pessoa de Cristo, como o vemos aqui em Mt 11,11, representada pela comunidade mateana, e em Lc 7,28²⁵⁸.

No que diz respeito à grandeza de João Batista, este autor afirma que não é o embate entre duas pessoas que está em jogo aqui, mas sim, duas épocas da história da salvação. A primeira época é o tempo da espera, que pode ser vista em todo o processo do Antigo Testamento. E a segunda época é o tempo do cumprimento das promessas que foram feitas em eras passadas²⁵⁹. O cumprimento dessas promessas inicia-se com a presença do Messias esperado, que também inaugurou o tempo escatológico. Nesse sentido, não há como negar a grandeza do Batista. Contudo, ele faz parte do período preparatório, isto é, ele pertence ao tempo da espera²⁶⁰.

²⁵⁴ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. Os Evangelhos (I).

²⁵⁵ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 189-192.

²⁵⁶ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 191.

²⁵⁷ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 189-192.

²⁵⁸ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 191-192.

²⁵⁹ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 192.

²⁶⁰ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 192.

3.10. Angelo Lancellotti

No ano de 1980, Lancellotti escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus²⁶¹. Ele, em conformidade com outros autores, dividiu a perícopes de Mt 11,2-15 em duas partes: a primeira parte consiste nos vv. 2-6 (*embaixada de João Batista*), e a segunda parte compõe-se dos vv. 7-15 (*elogio de João Batista*)²⁶².

Ao comentar a respeito da grandeza de João Batista, Lancellotti assevera que ele é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), pelo fato de ser o precursor que prepararia o caminho do Messias²⁶³. Além disso, este autor, não só percebe, mas também concorda que essa grandeza já está presente no v. 9, onde há o elogio direto de Jesus sobre a identidade do Batista, afirmando que ele é mais do que um profeta. Para ele, a grandeza de João não é apenas pela sua vida austera e pela sua pregação de penitência. Muito mais do que isso, ele é aquele que teve a missão de levar a cabo a fase preparatória do Antigo Testamento, abrindo os novos tempos. Ele era o que anunciava a salvação, e, de certa maneira, a trazia também²⁶⁴.

Para o autor, a expressão “os nascidos de mulheres” é uma circunlocução típica oriental, com que se indica o gênero humano, e esta mesma expressão foi usada para indicar o quão humano era o Batista²⁶⁵. A excelência de João como o predecessor do Messias lhe conferiu um *status* acima de todos os personagens nascidos de mulheres, que anteriormente estavam aguardando ou preparando a vinda do Messias²⁶⁶.

Ao comentar a respeito do menor no Reino dos Céus, o autor percebe que Jesus colocou um limite considerável ao que foi afirmado sobre a primazia do Batista. Ou seja, o autor propõe, com a ajuda da sintaxe semítica, que é atestada diversas vezes na linguagem do Novo Testamento, que o v. 11 poderia ser traduzido da seguinte forma: “Embora entre os nascidos de mulher não tenha aparecido um maior..., todavia o menor etc.”²⁶⁷. Desta forma, João Batista é considerado a última e a mais importante manifestação do Antigo Testamento. Porém, no reino

²⁶¹ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus.

²⁶² LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 110-112.

²⁶³ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 112.

²⁶⁴ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 112.

²⁶⁵ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 112.

²⁶⁶ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 112.

²⁶⁷ LANCELOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 112.

messiânico, ele surge como “inferior” porque o homem que está na nova era da graça encontra-se, em relação ao Batista, uma posição acima²⁶⁸.

3.11. Juan Mateos e Fernando Camacho

Em 1981, Juan Mateos e Fernando Camacho escreviam em língua espanhola, um comentário ao Evangelho de Mateus. Esta mesma obra foi traduzida em português e publicada no Brasil em 1993²⁶⁹. Este comentário tem um teor exegético e também busca transmitir o sentido teológico de cada texto de Mateus nele contido. Aqui, eles também consideraram a perícopes de Mt 11,2-15 em duas partes. A primeira parte baseia-se nos vv. 2-6 (*João Batista estando na prisão*), e a segunda parte compreende os vv. 7-15 (*Jesus dá a resposta aos discípulos de João Batista*)²⁷⁰.

Estes estudiosos, ao fazerem a exegese de Mt 11,2-15, percebem e afirmam que a sentença anunciada por Jesus no v. 11, a respeito de João Batista ser o “maior entre os nascidos de mulheres”, está ligada ao seu ministério de precursor do Messias²⁷¹. Segundo eles, é por esse motivo que o Batista se tornou o maior de todos os personagens históricos que o antecederam.

Para Mateos e Camacho, a grandeza do mensageiro do deserto já está sendo expressamente mencionada no v. 7, e continua no v. 9, com a consideração de que o Batista é mais do que um profeta²⁷². Aqui, também se entende que, a grandeza do Batista está vinculada à sua missão de apontar diretamente para o Messias, pois ele é o mensageiro que prepara o caminho da libertação definitiva, que será realizada pelas obras do Messias e cuja terra prometida é o Reino dos Céus²⁷³.

Ao comentarem o v. 11, estes estudiosos afirmam que Jesus acentua claramente a grandeza de João Batista: “não surgiu ninguém entre os nascidos de mulheres maior do que João”. Porém, ao mesmo tempo, essa grandeza é delimitada por Jesus até a chegada desse reino, composto por seus discípulos, anteriormente denominados de “pequenos” (Mt 10,42), que agora são maiores do que o próprio

²⁶⁸ LANCELLOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 112.

²⁶⁹ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus.

²⁷⁰ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 125-126.

²⁷¹ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 126.

²⁷² MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 126.

²⁷³ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 126.

Batista, por fazerem parte desse reino: “mas o menor no Reino dos Céus é maior do que ele”²⁷⁴.

Mateos e Camacho afirmam que Jesus marca a diferença entre o tempo do Antigo Testamento e o que se inicia com ele. O Batista estava às portas do Reino dos Céus proclamando a sua iminência, contudo, a distância entre este reino e os homens e mulheres só pode ser superada pela aceitação a Jesus²⁷⁵. Não obstante, João Batista é grande e vê a terra prometida, mas não pode entrar nela. No entanto, os que pertencem ao reino regozijam-se de uma realidade de que o Batista não pôde participar²⁷⁶.

3.12. Russell Norman Champlin

Em 1986, Champlin escrevia na língua portuguesa o seu comentário ao Evangelho de Mateus. Nesta obra, o autor analisa versículo por versículo, tomando como base a crítica textual de Metzger²⁷⁷. Champlin reconhece e afirma que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres”²⁷⁸ e indica alguns dos possíveis motivos. Na perspectiva do autor, a grandeza do Batista está esboçada no próprio texto de Mt 11,7-11, onde ele elenca as particularidades a respeito do “maior entre os nascidos de mulheres”, a saber²⁷⁹:

- 1- O caráter de João não se assemelhava a um caniço;
- 2- Não era como certas autoridades dos judeus, que buscavam favores políticos e assim enfraqueciam sua independência religiosa;
- 3- Em contraste com outros homens religiosos, não frequentava os palácios dos reis, procurando o favor de indivíduos investidos de alta posição; mas satisfazia-se em ser um homem simples, cumprindo a sua missão em lugar obscuro;
- 4- Era profeta do nível mais elevado;
- 5- Era mensageiro especial de Deus, o precursor do Messias;
- 6- Foi o maior dos profetas antigos, de toda a história de Israel.

Além das afirmações acima, o autor percebe que o Batista é grande por ser o “precursor do Messias”²⁸⁰, porque “viu e testificou pessoalmente o Messias”²⁸¹, e também porque “era o representante especial do Reino dos Céus e veio anunciar o

²⁷⁴ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 127.

²⁷⁵ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 127.

²⁷⁶ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 127.

²⁷⁷ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 393.

²⁷⁸ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 393.

²⁷⁹ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 393.

²⁸⁰ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 392.

²⁸¹ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 392.

estabelecimento deste reino”²⁸². Champlin salienta que “alguns interpretaram que Jesus não se referiu às qualidades morais nem à grandeza pessoal de seu caráter, e sim, à posição de João Batista dentro da teocracia”. Porém, o autor entende que esta interpretação foi feita por aqueles que não aceitavam a ideia de que o Batista poderia ser maior do que “Abraão, José, Isaías, Elias, Jeremias”²⁸³ e muitos outros considerados grandes no Antigo Testamento. Não obstante, o autor compreende que as palavras de Jesus a respeito da grandeza de João foram ditas de “forma absoluta”²⁸⁴, querendo dizer “de forma categórica”, não oferecendo condições para uma interpretação que as “classifique como uma posição de João Batista dentro do Reino”²⁸⁵.

No que diz respeito ao “menor no Reino dos Céus”, Champlin apresenta algumas interpretações diferentes que apontam para um possível significado da locução “o menor no Reino é maior do que João”²⁸⁶. A exemplo disto, o autor defende que o termo “menor” se refere a Jesus, pois ele era considerado o menor pelos judeus²⁸⁷. No entanto, Champlin afirma que esta ideia dificilmente “ajusta-se dentro da declaração de Jesus”²⁸⁸. Uma outra teoria seria a afirmação de que não é o céu que está em foco, mas o “reino terrestre do Messias” e seu estabelecimento. Aqui, segundo o autor, Jesus estaria se referindo à “vinda da nova sociedade em geral” e não do mundo vindouro²⁸⁹.

Nesse sentido, o servo fiel que está vivo no tempo da vinda do Reino, está em uma “posição de mais alto privilégio do que qualquer outro antes da chegada do reino”²⁹⁰. Champlin ainda apresenta uma interpretação em que se reconhece que João nasceu de mulher e que não surgiu ninguém maior do que ele, porém, “os discípulos do reino terão outro tipo de nascimento, o nascimento que se origina nos céus” e, por isso, os “nascidos segundo os céus” são mais privilegiados do que todos os que viveram antes do estabelecimento do Reino²⁹¹.

²⁸² CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 392.

²⁸³ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 393.

²⁸⁴ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 393.

²⁸⁵ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 393.

²⁸⁶ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 394.

²⁸⁷ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 394.

²⁸⁸ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 394.

²⁸⁹ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 394.

²⁹⁰ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 394.

²⁹¹ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 394.

3.13. Edmundo Lupieri

Em 1988, Lupieri escrevia, na língua italiana, o seu comentário a respeito da vida de João Batista, numa perspectiva a partir da tradição dos Evangelhos sinóticos²⁹². Esta obra oferece uma grande contribuição para a pesquisa científica, devido à sua forma de expor a pessoa do Batista a partir dos textos de Mateus, Marcos e Lucas, delineando os principais aspectos da vida e do ministério de João Batista.

Lupieri comenta acerca de João Batista no livro de Mateus, mas reconhece que não há material próprio neste Evangelho a respeito de João e o que o evangelista usou aqui em seu escrito teria sido extraído da fonte “Q”²⁹³. Lupieri segue um caminho diferente dos demais autores ao comentar Mt 11,2-15. Ele não aborda a respeito de João Batista ser o “maior entre os nascidos de mulheres” (v. 11), mas afirma a importância do Batista na dimensão profética da Escritura quando Jesus asseverou que ele é “mais do que um profeta” (Mt 11,9)²⁹⁴.

Lupieri parte do texto de Lc 7,28 para apresentar as suas afirmações e considerações no que diz respeito à grandeza do Batista²⁹⁵. O autor não deixa claro o porquê de João ser o “maior entre os nascidos de mulheres”, ele também não fala sobre o papel de precursor do Batista e nem que ele era o profeta com uma missão única. Lupieri afirma que a “cronologia do nascimento de João em relação à de Jesus” seria um dado importante para Lucas explicar a associação entre os dois²⁹⁶. Conforme o autor, Deus escolheu o “menor dos dois” (Jesus), cronologicamente falando, e o fez maior do que o grande (João Batista), usando o critério do nascimento²⁹⁷.

Para Lupieri, o Batista “estaria cronologicamente no reino de Deus e, portanto, é “mais que um profeta” (Lc 7,26)²⁹⁸ e o que vem depois dele é “maior” (Lc 7,28b) e “mais forte” (Lc 3,6)²⁹⁹. Segundo o autor, João não era o Cristo mas um entre “os nascidos de mulheres”, sendo que ninguém é “maior” do que ele (Lc

²⁹² LUPIERI, E., *Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche*.

²⁹³ LUPIERI, E., *Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche*, p. 81.

²⁹⁴ LUPIERI, E., *Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche*, p. 97.

²⁹⁵ LUPIERI, E., *Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche*, p. 96.

²⁹⁶ LUPIERI, E., *Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche*, p. 97.

²⁹⁷ LUPIERI, E., *Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche*, p. 97.

²⁹⁸ LUPIERI, E., *Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche*, p. 97.

²⁹⁹ LUPIERI, E., *Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche*, p. 97.

7,28a)³⁰⁰. Ele compara o nascimento de João com os nascimentos dos ilustres descritos nos textos veterotestamentários, e apresenta neles algumas características comuns que existem entre estes fatos relatados, como: “as mulheres que dão à luz a figuras importantes no Antigo Testamento, em geral, são estéreis ou idosas, sem filhos”³⁰¹, como foi a própria mãe do Batista e, com isso, o autor acredita que Lucas tinha um material suficiente para persuadir os seus leitores de que não houve ninguém “maior do que João entre os nascidos de mulheres”³⁰².

3.14. André Chouraqui

Em 1992, André Chouraqui escreveu a sua obra em língua francesa que foi traduzida e publicada para o português do Brasil (1996)³⁰³, na qual ele analisa e considera a perícopes de Mt 11,1-16 e a divide em seu comentário em cinco partes: a primeira consta dos vv. 1-2; a segunda consiste nos vv. 3-5; a terceira contém os vv. 6-9; a quarta é formada pelos vv. 10-12; e a quinta compreende os vv. 13-16³⁰⁴.

Chouraqui faz seu comentário exegético ao texto de Mt 11,1-16, salientando as questões mais importantes contidas nesta perícopes. Ele comenta a respeito da prisão de João Batista (v.2), a pergunta de João se Jesus é o Cristo ou se há de vir outro (v. 3), os milagres realizados por Jesus como resposta a João e a prova de que era o Messias (v. 4-5), as palavras de Jesus para a multidão acerca da pessoa e ministério do Batista (v. 6-9), a violência que sofre o Reino dos Céus e os violentos (v. 10-15) e de João Batista como todos os profetas que o antecederam (v. 13-16)³⁰⁵.

Na referida obra, Chouraqui não fez nenhum comentário ao v. 11, no que se refere a João Batista ser “o maior entre os nascidos de mulheres” e o “menor no Reino dos Céus ser maior do ele”, que é a base da temática desta pesquisa. O autor, na verdade, enfatiza que “Iéshoua faz de Iohanân um profeta igual a todos aqueles que se sucederam após Moshè”, ou seja, Chouraqui considera o Batista no mesmo nível que os demais mensageiros que o antecederam³⁰⁶. Ele também ressalta a

³⁰⁰ LUPIERI, E., Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche, p. 97.

³⁰¹ LUPIERI, E., Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche, p. 97.

³⁰² LUPIERI, E., Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche, p. 97.

³⁰³ CHOURAQUI, A. A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus).

³⁰⁴ CHOURAQUI, A. A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus), p. 161-165.

³⁰⁵ CHOURAQUI, A. A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus), p. 161-165.

³⁰⁶ CHOURAQUI, A. A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus), p. 165.

identificação que Jesus fez de João Batista com o profeta Elias, e afirma que mesmo João na prisão “ele é o verdadeiro inspirado e o verdadeiro anunciador do reino dos céus”³⁰⁷. Com isso, é possível ver que mesmo não fazendo nenhum comentário a esse respeito, percebe-se que há em João Batista um diferencial sobre os demais profetas veterotestamentários.

3.15.

Donald A. Hagner

No ano de 1993, Hagner escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus capítulos 1–13³⁰⁸. O autor divide a pericope de Mt 11,2-15 em duas partes: a primeira parte abarca os vv. 2-6, (*resposta de Jesus à pergunta de João Batista*), e a segunda compreende os vv. 7-15, (*estimativa de Jesus acerca de João o Batista*)³⁰⁹.

O autor é assevera que João Batista é “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), pelo fato de ser o antecessor e o anunciador que indicava diretamente para o Messias, através de sua mensagem, o que os demais profetas não fizeram, visto que eles anunciaram, porém, não apontaram de maneira clara para o Messias como fez o mensageiro do deserto³¹⁰. Hagner, ao comentar o v. 11, afirma que a problemática sugerida neste versículo depende da premissa de que o Batista é um personagem transitório entre duas ordens separadas, e isso pode ser visto em conjunto dos vv. 12-14³¹¹. Para este autor, João Batista é o ápice da antiga ordem, ou seja, um profeta semelhante aos profetas do passado, porém, com um toque de superioridade porque ele é mais do que um profeta³¹².

Segundo este estudioso, em João Batista estava toda a expectativa do Antigo Testamento e ele era o último e definitivo mensageiro que apontava diretamente para a presença do Messias. Não obstante, em uma perspectiva humana, “ninguém maior do que João jamais nasceu”³¹³, isto é, ninguém da antiga aliança sobrepõe a João em importância. Hagner ainda afirma que a importância do Batista se

³⁰⁷ CHOURAQUI, A. A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus), p. 165.

³⁰⁸ HAGNER, D. A., Matthew 1-13.

³⁰⁹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 298-308.

³¹⁰ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 308.

³¹¹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 305.

³¹² HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 305.

³¹³ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 305.

centraliza na posição e no papel dele, no ponto da virada da história da salvação, da Antiga Aliança para a Nova Aliança³¹⁴.

Conforme Hagner, a grandeza do Batista não deve referir-se ao mérito humano intrínseco. Na verdade, João era “grande diante do Senhor” (Lc 1,15), mas a grandeza pretendida é a incomparável grandeza do Reino do Céus³¹⁵. Para isso, o autor propõe que esta discussão não é apenas entre dois indivíduos, mas entre duas épocas, duas alianças. Ele também afirma que nem o próprio João Batista pode ser excluído do Reino, já que Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Elias, Davi, Salomão e outros do passado vão estar na festa messiânica³¹⁶. De fato, o autor afirma que tão gloriosa é a nova realidade que aparece no ministério de Jesus, que a maior *era* que a antecede ainda é inferior ao mínimo na nova *ordem* da dinâmica do Reino. A *era* do cumprimento atual ofusca o *tempo* da promessa³¹⁷.

3.16. Fritz Rienecker

Em 1994, Rienecker escrevia, em alemão, um comentário ao Evangelho de Mateus, que foi traduzido para o português e publicado no Brasil, em 1998³¹⁸. Este autor, ao fazer a análise exegética do texto, não divide em partes a perícopes de Mt 11,2-15, mas a considera como um único bloco que vai dos versículos 2-19, contendo a pergunta de João Batista e a resposta de Jesus³¹⁹.

Para Rienecker, a grandeza de João Batista já é evidenciada nos vv. 7-9, quando Jesus tem a oportunidade de elogiar e louvar o Batista diante de seus ouvintes³²⁰. Aqui, neste discurso, Jesus sublinha primeiramente a importância de seu precursor no Reino de Deus e o seu lugar em comparação com os que fazem parte dos novos tempos. Nesse sentido, já pode ser visto que existiram duas manifestações divinas expressas no discurso de Jesus ao povo daquele tempo³²¹. A primeira manifestação diz respeito à atuação da figura de João e a segunda implica a própria atuação de Jesus³²².

³¹⁴ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 306.

³¹⁵ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 306.

³¹⁶ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 306.

³¹⁷ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 306.

³¹⁸ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus.

³¹⁹ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 185.

³²⁰ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 189.

³²¹ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 190.

³²² RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 190.

O autor sustenta em seu comentário que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), por ele ter sido o precursor enviado que profetizou a chegada do Messias, o mensageiro que iria à frente para preparar o caminho do Senhor³²³. Segundo ele, Jesus não só afirmou a grandeza do Batista no v. 11, mas também explicou a sua importância entre os demais profetas no v. 9. De fato, ele é “maior do que um profeta”, e, por isso, ninguém poderia ser chamado de grande a não ser o Batista³²⁴. A sua grandeza se evidencia entre os demais profetas por causa da sua posição única no Reino. João foi o que “concluiu a antiga aliança e começou a nova”³²⁵.

Ao analisar a respeito dos menores no Reino dos Céus, o autor afirma que essa grandeza do Batista parece ter recebido de Jesus uma reticência, pois o Senhor afirma que “o menor no Reino dos Céus, é maior do que ele” (Mt 11,11)³²⁶. O maior é menor do que os que estão no Reino porque eles “receberam a dádiva de experimentar a força redentora do Messias”³²⁷, algo que o Batista ainda não experimentou. Os participantes do Reino são maiores porque receberam uma percepção mais ampla da natureza e do desenvolvimento das benevolências do Reino dos Céus, o que também João ainda não recebeu³²⁸.

3.17. Donald Arthur Carson

Em 1995, Carson, escrevia em língua inglesa, um comentário ao Evangelho de Mateus. Esta mesma obra foi traduzida para língua portuguesa e publicada no Brasil em 2010³²⁹. Este autor divide a perícopes de Mt 11,2-15 em duas partes: a primeira parte constitui-se nos vv. 2-6, com a *pergunta de João e a resposta de Jesus*, e a segunda parte consiste nos vv. 7-15, com *João o Batista na história da salvação*³³⁰.

Em seu comentário, Carson vai direto ao assunto e afirma que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11) pelo fato de somente ele, dentre

³²³ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 190.

³²⁴ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 190.

³²⁵ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 190.

³²⁶ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 190.

³²⁷ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 190.

³²⁸ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 190.

³²⁹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus.

³³⁰ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 310-313.

todos os demais profetas que faziam parte da antiga aliança, ter sido o precursor que “preparou o caminho para YHWH-Jesus” e aponta-o de maneira mais pessoal³³¹.

Para este autor, o Batista é grande porque de um jeito todo especial indicou, através de sua mensagem, com clareza, a Jesus, o Messias³³². Com isso, Carson concorda que o v. 9 evidencia a superioridade de João Batista em seu chamado como precursor do Messias, uma vez que ele é “mais do que um profeta”, pois estes profetas não poderiam ser considerados adequados como precursores imediatos do Messias como foi o Batista. Nesse sentido é que João Batista é o maior entre os nascidos de mulheres³³³.

No que tange ao comentário sobre “o menor no Reino dos Céus ser maior do que João Batista” (Mt 11,11), Carson argumenta que isto não pode ser tomado em limites de um simples privilégio, mas o menor no Reino deve ser considerado superior ao Batista porque já está vivendo no Reino instaurado por Jesus, o Messias que outrora havia sido proclamado por João³³⁴. Nessa perspectiva, o menor é maior do que João Batista, pois aponta de forma mais clara e evidente para Jesus do que o Batista apontou³³⁵.

3.18. William Hendriksen

No ano 2000, Hendriksen escrevia em língua inglesa, o seu comentário ao Evangelho de Mateus. Este mesmo comentário foi traduzido para a língua portuguesa e publicado no Brasil em dois volumes no ano de 2001³³⁶. Este autor, não divide a perícopes de Mt 11,2-15 em partes mas a considera como uma grande unidade, ampliando-a até o v. 19, com “a dúvida de João Batista e a forma como Jesus lidou com ela”³³⁷.

Ao comentar o v. 11, Hendriksen afirma que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” não somente pelo fato de ser um profeta, mas por ser aquele que profetizava sobre a vinda do Messias e por ser também “o objeto da

³³¹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 315.

³³² CARSON, D. A., O comentário de Mateus, 2010, p. 315.

³³³ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, 2010, p. 315.

³³⁴ CARSON, D. A., O comentário de Me Mateus, 2010, p. 315.

³³⁵ CARSON, D. A., O comentário de M Mateus, 2010, p. 315.

³³⁶ HENDRIKSEN, W., Mateus.

³³⁷ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 682.

profecia”³³⁸. Assim, para ele, o Batista tem a sua grandeza definida por ter sido anunciada a sua entrada na história da salvação por outros profetas (Mt 3,1)³³⁹.

Segundo este estudioso, a grandeza do Batista caracteriza-se pela forma em que este arauto do Senhor cumpriu a sua missão. João realizou fielmente o que um mensageiro devia fazer³⁴⁰. O mensageiro do deserto pregava apontando diretamente para a chegada do Messias (Jo 1,29), anunciava de forma enfática o arrependimento (Mt 3,1-3), e de maneira simples e humilde; não se fez de Cristo (Mt 3,11), mas aceitou o seu chamado de precursor do Messias e, por isso, sua grandeza pode ser relacionada à sua humildade³⁴¹.

Nas considerações de Hendriksen, no que se refere a João Batista ser o “menor no Reino dos Céus” e o “menor do Reino” ser maior do que ele, o autor afirma que o Batista não pode ser considerado como um homem não salvo, entretanto, ele deve ser considerado como alguém que, de alguma maneira, seja participante da salvação divina³⁴². A isso, o menor no Reino dos Céus é maior do que o Batista. Haja vista que este não estava em contato profundo como os discípulos de Jesus estiveram³⁴³. Para o autor, o mensageiro do deserto não era um integrante imediato do Reino e nem foi uma testemunha direta, no que diz respeito à crucificação de Jesus, e também não experimentou os benefícios do evento Pentecostes³⁴⁴.

3.19. Warren Carter

No ano 2000, Carter escrevia em língua inglesa, um comentário ao Evangelho de Mateus. Esta mesma obra foi traduzida para o português e publicada no Brasil em 2002³⁴⁵. O autor dividiu a perícopes de Mt 11,2-15 em duas partes: a primeira parte abarca os vv. 2-6 (*a pergunta de João sobre a identidade de Jesus*) e a segunda parte consiste dos vv. 7-17 (*afirmação de Jesus sobre a identidade de João*)³⁴⁶.

³³⁸ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 690.

³³⁹ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 690.

³⁴⁰ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 690.

³⁴¹ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 691.

³⁴² HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 691.

³⁴³ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 691.

³⁴⁴ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 692.

³⁴⁵ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus.

³⁴⁶ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 324-325.

Carter afirma a respeito de João Batista ser o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11) ter a ver com o seu ministério de preparar de forma toda especial, o povo para a vinda e a missão do Messias³⁴⁷. Segundo este autor, a grandeza do Batista está evidente no v. 9, quando da afirmação de Jesus, ao dizer que o mensageiro do deserto “é mais do que um profeta”³⁴⁸. João Batista foi um profeta que enfrentou os poderosos e os religiosos de seu tempo, e ainda proclamou o arrependimento para “preparar a iminente intervenção de Deus”³⁴⁹.

Ao comentar o v. 11, a respeito do menor no Reino dos Céus ser maior do que João, Carter não apoia a ideia de que o Batista esteja excluído do Reino, tendo em vista que este reinado se faz presente, mesmo que de modo humilde e em parte³⁵⁰. Porém, o autor concorda com a hipótese de que Jesus esteja falando de si mesmo no que tange ao menor no Reino dos Céus ser maior do que João³⁵¹. Para ele, isso é bem provável, já que o Batista tem uma conduta subordinada (Mt 3,1-12), quanto à autoridade de Jesus, que reorienta a grandeza como “serviço” e não como “dominação”³⁵².

3.20. Ulrich Luz

No ano de 2001, Luz escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa. Nesta obra, o autor faz comentários exegéticos aos capítulos 8–20 deste Evangelho e também analisa a estrutura dos textos e apresenta uma história da interpretação dos versículos relevantes³⁵³. Ele divide a perícopes de Mt 11,2-15 em duas partes: a primeira parte é composta pelos vv. 2-6 (*a pergunta do Batista*) e a segunda parte compreende os vv. 7-15 (*Elias retornou e o seu chamado para a decisão*)³⁵⁴.

Luz vai direto ao ponto quando comenta o v. 11. Ele afirma que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” pela questão de ser o precursor do Messias³⁵⁵. Segundo este estudioso, a grandeza do Batista precisa ser pensada como

³⁴⁷ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 327.

³⁴⁸ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 326.

³⁴⁹ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 326.

³⁵⁰ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 327.

³⁵¹ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 327.

³⁵² CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 327.

³⁵³ LUZ, U., Matthew 8-20.

³⁵⁴ LUZ, U., Matthew 8-20, p.130-144.

³⁵⁵ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 139.

mais ligada à sua missão e em relação ao inteiro conjunto de sua mensagem, mais do que ao próprio curso de sua vida. Ou seja, a grandeza de João não se concentra na sua vida austera no deserto, mas em seu ministério de proclamar a vinda do Messias³⁵⁶.

Segundo Luz, a grandeza do mensageiro do deserto começa a ser evidenciada nos ditos de Jesus no v. 9, quando o mestre, de forma elogiosa, afirma que o Batista é maior do que um profeta³⁵⁷. Ao dizer isto a respeito de João, Jesus não havia oferecido uma “fórmula” objetiva para definir quem era realmente o Batista, porém, se ele havia dito que João era mais do que um profeta, Jesus esperava então que houvesse uma obediência toda especial a João³⁵⁸.

Quando analisa o v. 11, Luz percebe que há uma dificuldade em definir quem seria o “menor no Reino dos Céus”. Segundo o autor, a interpretação clássica compreendeu que o Reino dos Céus está na manifestação de Jesus, e acreditou que “o menor discípulo de Jesus seria como alguém maior do que o mais ilustre judeu”³⁵⁹. E esta mesma interpretação clássica legitimou a consideração de que a “regeneração, para a relação dos discípulos com Deus, como seus discípulos está no batismo e no Espírito Santo”³⁶⁰. Porém, os discípulos de Jesus, assim como os judeus, também nasceram de mulheres, e isto pode dificultar sobre quem seria o “maior no Reino”³⁶¹. Luz afirma que a expressão “o menor no Reino dos Céus” foi uma saída estratégica da Igreja, que cunhou esta frase diante de uma necessidade para definir o lugar do Batista na história da salvação, mas não com a intenção de cristianizar a pessoa do Batista, já que ele fazia parte do “antigo mundo e não do novo mundo”³⁶².

3.21. Manlio Simonetti

No ano de 2001, Simonetti escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa. Esta obra foi traduzida em espanhol e publicada na Espanha em 2004, fazendo parte de uma coletânea de comentários expostos pelos

³⁵⁶ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 139.

³⁵⁷ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 138.

³⁵⁸ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 138.

³⁵⁹ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 139.

³⁶⁰ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 139.

³⁶¹ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 139.

³⁶² LUZ, U., Matthew 8-20, p. 139.

Padres da Igreja e autores do período Patrístico³⁶³. Ele não dividiu a perícopé de Mt 11,2-15 em partes, antes, a considerou como uma grande unidade que abrange Mt 11,1-19, que traz o envio dos discípulos de João e Jesus falando a respeito de João Batista³⁶⁴.

Ao comentar Mt 11,11 Simonetti afirma que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” por causa de sua aproximação com o Messias, sendo ele o mensageiro enviado por Deus que precederia a vinda do Messias³⁶⁵. Segundo ele, o Batista é maior do que todos os “santos” do passado, e também é maior do que todos os mensageiros da antiga aliança, por ter testemunhado e anunciado a respeito de Cristo³⁶⁶. Todos os profetas do passado anunciaram todas as coisas futuras e a vinda de Cristo, antes de seu tempo. Porém, o Batista não apenas profetizou a respeito do Messias, mas também assinalou para Cristo de forma mais clara e concisa, como que “face a face”³⁶⁷.

Ao interpretar Mt 11,11, no que diz respeito ao “menor no Reino dos Céus”, Simonetti concorda que o mensageiro do deserto é o “menor no Reino” por não participar da graça grandiosa oferecida àqueles que nasceram para a vida incorruptível que segue logo após a ressurreição dos mortos, de modo a não aceitar mais a morte³⁶⁸. Nesse tempo, o menor no Reino dos Céus terá a abundância do Espírito Santo atuando em sua vida, de maneira que “será impossível para aquele que tenha menor participação”³⁶⁹. Outrossim, o menor no Reino dos Céus é maior do que o Batista, porque já desfruta nas bênçãos presentes da chegada deste Reino, e que este menor é maior por estar em Deus e ainda é maior do que aqueles que estão em combate³⁷⁰.

³⁶³ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13).

³⁶⁴ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 290-303.

³⁶⁵ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 298. João Crisóstomo, homilías sobre el Evangelio de Mateo, 37,2.

³⁶⁶ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 297. Anónimo, Obra incompleta sobre el Evangelio de Mateo, 27.

³⁶⁷ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 297. Anónimo, Obra incompleta sobre el Evangelio de Mateo, 27.

³⁶⁸ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 299. Teodoro de Mopsuestia, Fragmentos sobre el Evangelio de Mateo, 59.

³⁶⁹ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 299. Teodoro de Mopsuestia, Fragmentos sobre el Evangelio de Mateo, 59.

³⁷⁰ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 299. Jerónimo, Comentario al Evangelio. de Mateo, 2, 11,11.

3.22. Roberto Di Paolo

Em 2005, Di Paolo escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua italiana. Esta obra utilizou o método da *Análise Retórica Bíblica Semítica* como ferramenta de sua exegese ao texto³⁷¹. Ele considerou a perícopos partindo de Mt 11,1-19 e a subdividiu em duas partes: a primeira parte é constituída pelos vv. 1-6 (*quem é Jesus*) e a segunda parte integra os vv.7-19 (*quem é João*)³⁷².

Di Paolo vai direto ao ponto da questão a respeito de João Batista ser o “maior entre os nascidos de mulheres”. Ele afirma que o Batista é grande por causa do seu papel de profeta único que proclamou e preparou a vinda do Messias³⁷³. Para este estudioso, a grandeza do Batista pode ser redimensionada a partir de Mt 11,9, onde o mensageiro do deserto tem o ofício singular de ser um ponto de chegada no desenvolvimento da história da salvação de Deus³⁷⁴. Para Di Paolo, a grandeza de João Batista tem relação com o seu chamado divino de anunciar essa vinda e de preparar o caminho do Deus que vem, e, por isso, Jesus o declarou maior do que todos os profetas, pois ele não apenas profetizou ou preparou o caminho para o Messias, mas ele é aquele que também conclui este processo da profecia em vista da vinda do Messias³⁷⁵.

No que diz respeito ao menor no Reino dos Céus ser maior do que João Batista, Di Paolo percebe que, mesmo ele sendo considerado “o maior entre todos os nascidos de mulheres”, essa grandeza se relativiza, tornando-se insignificante em comparação com a elevação de uma dimensão maior, que é o próprio Reino, e que essa grandeza desaparece no Reino dos Céus³⁷⁶. Para ele, aqui não se trata de “duas pessoas, mas sim de duas economias divinas”, onde o Reino dos Céus transcende o tempo precedente, de modo que o que está no tempo passado, por maior que seja, é menor e inferior ao Reino dos Céus³⁷⁷.

³⁷¹ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 6; R, MEYNET., *Rhetorical Analysis*, p. 21. A *Análise Retórica Bíblica Semítica* tem a finalidade de entender os textos. E para alcançar este fim é necessário e fundamental colocar em evidência a composição do texto e determinar-lhe os seus limites.

³⁷² DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 18-30.

³⁷³ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 46.

³⁷⁴ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 44.

³⁷⁵ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 45.

³⁷⁶ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 46.

³⁷⁷ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 46.

3.23. Isidoro Mazzarolo

Em 2005, Mazzarolo escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, editado aqui no Brasil e em língua portuguesa. Esta mesma obra buscou analisar de forma exegética todo o conteúdo do livro mateano³⁷⁸. O autor delimitou a perícopre de Mt 11,1-15 em duas partes: a primeira parte contém os vv. 1-6 (*a pergunta de João Batista*) e a segunda parte é formada pelos vv. 7-15 (*dos nascidos de mulher, João é o maior*)³⁷⁹.

Mazzarolo faz um comentário à perícopre de Mt 11,2-15, abordando as suas partes, no que se refere ao Batista, ao envio dos seu discípulos (v. 2), à sua pergunta a respeito do Cristo (v. 3), à resposta de Jesus (vv. 4-6), e ao testemunho de Jesus a respeito da pessoa e do ministério de João Batista (vv. 7-15)³⁸⁰. Porém, em sua análise exegética de Mt 11,2-15, o autor apenas cita a afirmação de Jesus a respeito de João ser “o maior entre os nascidos de mulheres”, mas não deixa clara a questão levantada sobre João Batista ser o “maior entre os nascidos de mulheres”³⁸¹. O que Mazzarolo realça é que, segundo Cristo, “João é mais que um profeta”³⁸² e que o realce recai sobre “a importância do Reino de Deus em relação ao lugar ou às honras e prestígio diante dos homens”³⁸³.

3.24. Senén Vidal

No ano de 2006, Vidal escrevia, na língua espanhola, um comentário a respeito da missão de Jesus, o Galileu. Esta pesquisa foi traduzida para o português e publicada no Brasil em 2009. O que curiosamente nos chama a atenção nesta obra, é que este autor oferece um importante material de pesquisa a respeito também da missão de João Batista, de modo a demonstrar a relação entre a missão de Jesus e a missão do Batista³⁸⁴.

³⁷⁸ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus. Em nosso trabalho, usamos o texto da segunda edição (2016), a qual, na verdade, é uma reimpressão do texto original, sem alterações.

³⁷⁹ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 172-173.

³⁸⁰ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 172-173.

³⁸¹ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 172-174.

³⁸² MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 172-174.

³⁸³ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 174.

³⁸⁴ VIDAL, S., Jesus, o Galileu, p. 10-11. Esta obra tem a finalidade de apresentar a missão de Jesus, o Galileu dentro de um acontecimento histórico, onde percebe-se um processo evolutivo em três etapas que equivale aos “três projetos do Reino de Deus” contemplados por Jesus. As três etapas

Segundo Vidal, João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), por ser o precursor que prepara o caminho de YHWH e do Messias³⁸⁵. A grandeza do Batista é toda especial, porém, ela evidencia a diferença e a separação entre a missão do Batista e a missão de Jesus³⁸⁶. Para este estudioso, a grandeza e a missão do mensageiro do deserto pertencem a uma época antiga “*época da espera*”, que foi suplantada pela chegada da missão do Messias, que é o período do cumprimento daquilo que o próprio Batista havia anunciado anteriormente³⁸⁷. Para Vidal, há uma sucessão temporal entre João e Jesus, para um tempo superior, que é a chegada do Reino dos Céus aos homens e mulheres que ouvem e se arrependem dos seus pecados³⁸⁸.

No que se refere ao menor no Reino dos Céus ser maior do que João, este autor afirma que a “diferença e a superioridade” da missão do Messias entre a missão do Batista, é a chegada do Reino dos Céus, de modo que “o menor no Reino do Céus é maior do que o Batista, mesmo sendo este o maior entre os nascidos de mulheres”³⁸⁹. Nesse sentido, os discípulos que pertencem a esse Reino, os que participam da mudança radical qualitativa manifestada na missão do Messias, coloca-os acima da grandeza de João Batista, que não pode ser medida pelo período antigo em que o mensageiro do deserto pertenceu³⁹⁰.

3.25. Samuel Pérez Millos

Em 2009, Millos escrevia, em língua espanhola, um extenso comentário ao Evangelho de Mateus. Esta mesma obra se preocupou em analisar exegeticamente o texto grego de Mateus, fazendo comentários de cada capítulo e versículo³⁹¹. Millos delimitou e considerou a perícopes de Mt 11, partindo dos vv. 16-19, e a dividiu em três partes: a primeira parte é composta pelos vv. 1-6 (*pergunta de João*

são: “a ligação de Jesus com a missão de João Batista; a missão galileia; a missão que implantaria, em Jerusalém, um reino messiânico especial”.

³⁸⁵ VIDAL, S., Jesus, o Galileu, p. 44.

³⁸⁶ VIDAL, S., Jesus, o Galileu, p. 80.

³⁸⁷ VIDAL, S., Jesus, o Galileu, p. 80.

³⁸⁸ VIDAL, S., Jesus, o Galileu, p. 80.

³⁸⁹ VIDAL, S., Jesus, o Galileu, p. 80.

³⁹⁰ VIDAL, S., Jesus, o Galileu, p. 80-81.

³⁹¹ MILLOS, S. P., Mateo.

e resposta); a segunda parte consiste nos vv. 7-15 (*testemunho sobre João*); a terceira parte compreende os vv. 1-19 (comparações)³⁹².

Millos, ao comentar Mt 11,11, afirma categoricamente que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11) por causa de sua missão e vida³⁹³. Para ele, a grandeza do Batista tem a ver com o seu ministério profético. De fato, a sua missão de precursor do Messias é o que caracteriza a grandeza do mensageiro do deserto³⁹⁴. Muitos foram importantes na terra, porém nenhum deles chegou à grandeza do Batista. Ele foi o único que proclamou a chegada do Messias, com ênfase, para que todos prestassem a atenção na condição do Messias como o “Cordeiro de Deus” (Jo 1,29)³⁹⁵. Além disso, ele anunciou o arrependimento como a única forma de participar do Reino dos Céus³⁹⁶.

Millos concorda com a afirmação bíblica em dizer que embora o Batista seja grande, o menor no Reino dos Céus é maior do ele. Segundo este estudioso, João fazia parte de um tempo histórico da revelação do Reino dos Céus, que se fez efetivo logo após o acontecimento do Calvário e de Pentecostes “no Reino em mistério”, ou seja, a Igreja de Jesus Cristo³⁹⁷. Isso não significa que o Batista não fosse salvo, porém ele não fazia parte do corpo de discípulos de Cristo que é a Igreja, ele não foi a “esposa do Cordeiro”, mas, apenas o amigo do noivo³⁹⁸. Para este autor, João foi, de fato, maior do que todos do Antigo Testamento, contudo, o menor discípulo no Reino dos Céus é maior que João, no que tange a privilégios espirituais e posição em Cristo³⁹⁹. O menor neste Reino é maior porque proclama o salvador morto, ressuscitado e glorificado, e o Batista terreno não conseguiu ver nem contemplar a face do Messias ressuscitado e exaltado, como a Igreja viu e testemunhou, e agora vive da superabundância da graça oferecida pelo Cristo ressuscitado⁴⁰⁰.

³⁹² MILLOS, S. P., Mateo, p. 715-742.

³⁹³ MILLOS, S. P., Mateo, p. 730.

³⁹⁴ MILLOS, S. P., Mateo, p. 730.

³⁹⁵ MILLOS, S. P., Mateo, p. 730.

³⁹⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 730.

³⁹⁷ MILLOS, S. P., Mateo, p. 731.

³⁹⁸ MILLOS, S. P., Mateo, p. 731.

³⁹⁹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 731.

⁴⁰⁰ MILLOS, S. P., Mateo, p. 730.

3.26. Massimo Grilli e Cordula Langner

No ano de 2011, Grilli e Langner escreviam um comentário ao Evangelho de Mateus, em língua espanhola⁴⁰¹. Esta obra oferece uma importante introdução ao livro de Mateus, e em seguida é feito um trabalho hermenêutico em cada capítulo. Estes autores consideraram a perícopes de Mt 11,2-19 e a dividiram em três partes: a primeira parte compreende os vv. 2-6 (*a pergunta pela identidade de Jesus*); a segunda parte consiste nos vv. 7-15 (*a identidade de João Batista*); a terceira parte é formada pelos vv. 16-19 (*João, o Batista e o filho do homem*)⁴⁰².

Estes estudiosos afirmam que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), pelo fato de ele ser o anunciador do Reino dos Céus, e esse chamado para anunciar a novidade desse Reino é, ao mesmo tempo, um chamado divino, que é atribuído ao próprio Deus, como aquele que atua através do Batista, para preparar o caminho do Messias e anunciar a chegada do Reino e é nesse sentido que o apresenta como o maior entre todos do passado⁴⁰³.

Segundo estes autores, a grandeza do Batista é vista na maneira toda especial em que Jesus testemunha à multidão afirmando que “ele é mais do que um profeta”⁴⁰⁴. João é o cumprimento das Escrituras, ele foi aquele mensageiro que preparou o caminho para o Messias⁴⁰⁵. A sua grandeza também consistia em saber e reconhecer que ele não era o Messias, mas o anunciador que prepara e corrobora para a chegada do Messias esperado⁴⁰⁶.

Mesmo depois do destaque que Jesus prestou acerca da pessoa de João Batista, ele agora afirma que “até o menor no Reino é maior do que ele”⁴⁰⁷. Segundo estes estudiosos, o menor no Reino é chamado para viver nesse Reino que o próprio Batista anunciou, no entanto, o mensageiro do deserto apenas experimentou indiretamente a presença do Reino, porque estava na prisão e suas dúvidas somente poderiam ser respondidas por meio de seus discípulos, que o informam a respeito das obras que o Messias estava realizando⁴⁰⁸.

⁴⁰¹ GRILLE, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo.

⁴⁰² GRILLE, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 299-300.

⁴⁰³ GRILLE, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 303.

⁴⁰⁴ GRILLE, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 301.

⁴⁰⁵ GRILLE, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 303.

⁴⁰⁶ GRILLE, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 303.

⁴⁰⁷ GRILLE, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 303.

⁴⁰⁸ GRILLE, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 303.

3.27.**José Antonio Pagola**

Em 2011, Pagola escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua espanhola. Esta mesma obra foi traduzida para o português e publicada no Brasil em 2013⁴⁰⁹. Este comentário trabalha o texto inteiro de Mateus, oferecendo uma abordagem em perspectiva libertadora⁴¹⁰.

Pagola analisa a perícopes de Mt 11,2-11⁴¹¹. Ele aborda a prisão de João Batista na fortaleza de Maqueronte, considera João Batista como “o profeta que envia dois de seus discípulos”⁴¹², cita a pergunta do Batista a respeito da identidade de Jesus como o Cristo, comenta a resposta de Jesus enfatizando os seus sinais miraculosos, confirmando, assim, que ele era o Messias prometido e esperado, e explica o significado do não se escandalizar em Jesus⁴¹³.

No que diz respeito a Mt 11,11, Pagola não faz nenhum comentário. O autor transcreve o texto de Mt 11,2-11 em sua obra, porém, ele não diz nem afirma porque João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres”⁴¹⁴. Além de não haver nenhuma citação a respeito da grandeza do Batista, o autor também não explica o significado da expressão “o menor no Reino dos Céus ser maior do que João”⁴¹⁵. É possível crer que Pagola tenha tido a finalidade de apresentar a perícopes de Mt 11,2-11, não enfatizando a pessoa de João Batista, mas sim, o enfoque na pessoa e ministério de Jesus, como uma proposta de revelar “gestos libertadores para aqueles que necessitam de vida”⁴¹⁶.

3.28.**Ariel Álvarez Valdés**

Em 2012, Valdés escrevia em língua espanhola uma obra inteiramente dedicada à pessoa e ao ministério de João Batista. Este mesmo comentário foi

⁴⁰⁹ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, 2013.

⁴¹⁰ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 7-10. A perspectiva libertadora nesta obra não tem a ver com “gestos justiceiros”, mas a diaconia libertadora dos que precisam de vida. a sua identidade de Jesus pode ser revelada por meio de suas obras, que é a tarefa de curar, sanar e libertar a vida.

⁴¹¹ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 135.

⁴¹² PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 140.

⁴¹³ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 140.

⁴¹⁴ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 136.

⁴¹⁵ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 136.

⁴¹⁶ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 136.

traduzido para a língua portuguesa e publicado no Brasil em 2013. Neste livro é possível perceber algumas novas observações e também a criação de novas respostas para delinear uma descrição mais ampla da enigmática vida e missão do mensageiro do deserto, que instaurou o batismo⁴¹⁷.

Ao comentar Mt 11,11, Valdés afirma que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres”, por ter sido ele o que saiu para anunciar e preparar o caminho do Messias, e que a sua grandeza e fama estão ligadas ao seu ministério de preparar e viabilizar a chegada da manifestação de Cristo ao público⁴¹⁸. Para ele, o Batista era uma das pessoas mais importantes no Novo Testamento e isto é perceptível nas próprias palavras de Jesus, que distinguiu o seu papel extraordinário e único no propósito salvífico de Deus⁴¹⁹. É por esse motivo que este autor fundamenta a grandeza do Batista nos quatro Evangelhos, pois neles estão descritos que João anunciava a vinda do Messias⁴²⁰.

O fato de João Batista ter sido o anunciador da vinda do Messias, como é atestado no Novo Testamento, fez com que a tradição cristã lhe desse o sublime título de “o precursor”⁴²¹. Ele ainda foi honrado em Jo 1,7, como “a testemunha privilegiada de Jesus”, pois a sua missão foi única e exclusivamente anunciar e dar testemunho a respeito do Messias, que já estava entre eles. E é por isto, que os Evangelhos introduzem logo no início, em suas narrativas, a figura de João Batista no deserto anunciando a vinda de alguém que é “maior e superior a ele”⁴²².

No que tange ao “menor ser o maior no Reino dos Céus”, Valdés, diferentemente dos outros autores, nada aborda a esse respeito. A pequenez que é referenciada ao Batista é por ele ter entendido o seu chamado com simplicidade de anunciar o Reino dos Céus e de reconhecer que não era o Messias prometido por Deus⁴²³.

⁴¹⁷ VALDÉS, A. A., Enigmas da vida de João Batista, 2013.

⁴¹⁸ VALDÉS, A. A., Enigmas da vida de João Batista, p. 63.

⁴¹⁹ VALDÉS, A. A., Enigmas da vida de João Batista, p. 91.

⁴²⁰ VALDÉS, A. A., Enigmas da vida de João Batista, p. 63. O autor afirma que João Batista saiu para anunciar a mensagem com a finalidade de preparar o caminho do Senhor conforme tem nos quatro Evangelhos e por isso a tradição deu-lhe o título emblemático de “o precursor”.

⁴²¹ VALDÉS, A. A., Enigmas da vida de João Batista, p. 63.

⁴²² VALDÉS, A. A., Enigmas da vida de João Batista, p. 63.

⁴²³ VALDÉS, A. A., Enigmas da vida de João Batista, p. 64.

3.29. Sandro Gallazzi

No de 2013, Gallazzi escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua portuguesa, numa perspectiva de leitura a partir dos pequeninos⁴²⁴. Nesta obra, o autor delimitou a perícopes de Mt 11,1-15 e a dividiu em duas partes: a primeira parte abarca os vv. 1-6 (*os pobres são evangelizados*), e a segunda parte consiste nos vv. 7-15 (*o menor no Reino dos céus é maior do que ele*)⁴²⁵.

Gallazzi afirma que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11) pelo fato de ser o mensageiro que anuncia a vinda do Messias, e que ele era o Elias que devia vir⁴²⁶. Segundo este autor, o Batista é um “divisor de águas”, ele é alguém que está entre duas épocas da história, pois nele se cumprem a lei e os profetas⁴²⁷. Para este estudioso, o mensageiro do deserto é grande porque nele se reúne tudo o que o Antigo Testamento tem de “profético”, de “preparatório” para aquilo que haveria de vir⁴²⁸. Neste sentido, nos tempos de João Batista inicia-se uma nova época. Ele afirma que o Batista “continua e, contemporaneamente, inicia a economia do Reino”⁴²⁹.

No que diz respeito ao menor no Reino dos Céus ser maior do que João Batista, Gallazzi afirma que não é razoável considerar os termos “menor” e “maior”, simplesmente como comparativos de grandeza⁴³⁰. Para este autor, não se deve esquecer que o Reino dos Céus pertence aos “pobres no Espírito” (Mt 5,3; Lc 6,20), ou seja, o Reino pertence aos que são deixados à margem, e é a estes que Jesus se referiu, e o autor afirma que: “o menor é dito de todos os pequeninos: os pobres, os que choram, os humildes, os que tem fome e sede de justiça, os misericordiosos, os pacificadores e, sobretudo, os perseguidos por causa da justiça” (Mt 5,3-12; Lc 6,20-22)⁴³¹. Esses pequeninos que agora são considerados “maiores no Reino”, são aqueles que receberam a “força e a presença” do Espírito Santo que os impulsiona para o serviço da justiça⁴³².

⁴²⁴ GALLAZI, S., O Evangelho de Mateus, 2013.

⁴²⁵ GALLAZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 209-215.

⁴²⁶ GALLAZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 217.

⁴²⁷ GALLAZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 217.

⁴²⁸ GALLAZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 217.

⁴²⁹ GALLAZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 217.

⁴³⁰ GALLAZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 217.

⁴³¹ GALLAZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 217.

⁴³² GALLAZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 217.

3.30. João Leonel

Em 2013, Leonel escrevia, em língua portuguesa, uma obra a respeito do Evangelho de Mateus⁴³³. A pesquisa deste autor não se concentra em um comentário do livro de Mateus⁴³⁴. Neste trabalho, Leonel aborda algumas formas de “métodos interpretativos modernos” baseados nas ciências sociais e na teoria literária, tanto no ambiente europeu e americano como no âmbito brasileiro, para interpretar o Evangelho de Mateus⁴³⁵. Segundo o autor, estes métodos interpretativos “indicam a revitalização dos estudos mateanos e sua contribuição para as pesquisas acadêmicas”⁴³⁶.

O único comentário exegético que encontramos na obra de Leonel está na perícopes de Mt 14,22-33⁴³⁷. Nela, o autor aplica a análise narrativa, e também emprega algumas etapas do método histórico-crítico⁴³⁸. Leonel nada afirma no que tange à perícopes de Mt 11,2-15. Ele não faz referência ao ministério e vida de João Batista, não menciona porque o Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” e muito menos faz citação do “menor no Reino dos Céus”.

3.31. Robert Charles Sproul

Em 2013, Sproul escrevia na língua inglesa o seu comentário expositivo ao Evangelho de Mateus. Esta mesma obra foi traduzida para o português e publicada no Brasil em 2017⁴³⁹. Este autor não divide a perícopes de Mt 11,1-11, mas a considera como uma grande unidade textual que se caracteriza com “*a indagação do Batista*”⁴⁴⁰.

Sproul assevera que João Batista é o “maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11) por ser o mensageiro escolhido, o arauto do Reino, o que viria e apresentaria o Messias Rei⁴⁴¹. Para este estudioso, a grandeza de João pode ser

⁴³³ LEONEL, J., Mateus, o Evangelho, 2013.

⁴³⁴ LEONEL, J., Mateus, o Evangelho, p.13-28.

⁴³⁵ LEONEL, J., Mateus, o Evangelho, p. 29-68.

⁴³⁶ LEONEL, J., Mateus, o Evangelho, p. 29

⁴³⁷ LEONEL, J., Mateus, o Evangelho, p. 117.

⁴³⁸ LEONEL, J., Mateus, o Evangelho, p. 118-147.

⁴³⁹ SPROUL, R. C., Mateus, 2013.

⁴⁴⁰ SPROUL, R. C., Mateus, p. 291.

⁴⁴¹ SPROUL, R. C., Mateus, p. 296.

percebida nos vv. 9-10, pois neles Jesus considerou o Batista “mais do que um profeta”. Nesse sentido, o mensageiro do deserto se enquadrava nas prescrições de um profeta: “pregava destemidamente e se vestia com vestes rústicas”⁴⁴², apesar disso, o Batista não era apenas um profeta, mas o profeta cuja vinda havia sido profetizada⁴⁴³.

Segundo Sproul, as palavras que saíram da boca de Jesus, no que diz respeito à grandeza de João Batista, coloca-o acima de todos os homens que nasceram antes dele, incluindo os grandes notáveis do Antigo Testamento, como os patriarcas, legisladores, sacerdotes, juízes, reis e profetas⁴⁴⁴. Não obstante, Sproul compreende que o Batista “é a pessoa mais subestimada em todo o Novo Testamento, isso se não for em toda a Bíblia”, porém, não com certeza por Jesus, tendo em vista o que declarou a respeito de João⁴⁴⁵.

No que se refere ao menor no Reino ser maior do que João, este autor afirma que não sabe ao certo quem seja este “menor no Reino dos Céus”, pois ele não vê uma identificação destes nas palavras de Jesus no v. 11⁴⁴⁶. Na verdade, ele supõe que talvez Jesus estaria ou não falando de algum indivíduo específico, contudo, seria possível que Jesus estivesse se referindo e considerando todos os discípulos como os “menores no Reino de Deus”⁴⁴⁷.

Para Sproul, o termo “maior” pode ser considerado como tendo o sentido de estar em uma condição de “bem-aventurança extraordinária”, e nesse sentido, os discípulos, por estarem vivendo nos desígnios salvíficos de Deus, recebem uma “bem-aventurança” maior do que a recebida por João⁴⁴⁸. Segundo este estudioso, o Batista viveu e pregou no horizonte do Antigo Testamento e a nova Aliança iniciou na noite em que Jesus foi traído, e, nessa perspectiva, o menor discípulo “nascido desde a coroação do Rei”, pode ser considerado como tendo uma “bem-aventurança” superior à que João Batista usufruiu em seu tempo⁴⁴⁹.

⁴⁴² SPROUL, R. C., Mateus, p. 293.

⁴⁴³ SPROUL, R. C., Mateus, p. 296.

⁴⁴⁴ SPROUL, R. C., Mateus, p. 296.

⁴⁴⁵ SPROUL, R. C., Mateus, p. 296.

⁴⁴⁶ SPROUL, R. C., Mateus, p. 296.

⁴⁴⁷ SPROUL, R. C., Mateus, p. 297.

⁴⁴⁸ SPROUL, R. C., Mateus, p. 297.

⁴⁴⁹ SPROUL, R. C., Mateus, p. 297.

3.32. Franco de Carlo

Em 2016, De Carlo escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua italiana⁴⁵⁰. Nesta obra, o autor oferece uma boa introdução ao livro de Mateus, na qual ele também faz uma abordagem exegética dos textos deste Evangelho e oferece sua tradução⁴⁵¹. De Carlo não divide a perícopes de Mt 11,2-15, mas a considera como uma única unidade⁴⁵².

De Carlo afirma que a declaração de Jesus em Mt 11,11 coloca João Batista em uma posição de destaque, com a “maior proeminência” sobre todos os outros homens que lhe antecederam⁴⁵³, pois conforme a tradução feita por ele do v. 11: “não surgiu entre os gerados de mulheres (um) maior do que João Batista”, demonstra a grandeza do Batista em comparação aos que eram considerados grandes e importantes antes do seu nascimento⁴⁵⁴. O autor associa a grandeza de João Batista ao fato de ele ser o mensageiro enviado por Deus e o define como estando na “categoria de profeta”. De Carlo entende e assegura que o Batista é “mais do que um profeta”⁴⁵⁵.

No que concerne ao “menor ser o maior no Reino dos Céus”, De Carlo compreende que esta afirmação enfatiza a situação daqueles que se encontram na realidade da vinda do Reino e a “menção dos pequenos está ligada à categoria teológica central do Reino dos Céus e permite um relançamento com uma releitura atualizada”⁴⁵⁶.

3.33. Jaldemir Vitório

Em 2019, Vitório escreveu o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua portuguesa⁴⁵⁷. Neste mesmo trabalho, o autor comenta os textos e faz a análise de todo o livro de Mateus. Vitório considera a perícopes de Mt 11,1-19. Ele a divide em duas partes: a primeira parte consiste dos vv. 1-6 (*pergunta de João*

⁴⁵⁰ DE CARLO, F., *Vangelo secondo Matteo*, 2016.

⁴⁵¹ DE CARLO, F., *Vangelo secondo Matteo*, p. 17-108.

⁴⁵² DE CARLO, F., *Vangelo secondo Matteo*, p. 348.

⁴⁵³ DE CARLO, F., *Vangelo secondo Matteo*, p. 349.

⁴⁵⁴ DE CARLO, F., *Vangelo secondo Matteo*, p. 349.

⁴⁵⁵ DE CARLO, F., *Vangelo secondo Matteo*, p. 349.

⁴⁵⁶ DE CARLO, F., *Vangelo secondo Matteo*, p. 350.

⁴⁵⁷ VITÓRIO, J., *Lendo o Evangelho segundo Mateus*.

Batista), e a segunda parte abarca os vv. 7-19 (*testemunho de Jesus sobre João Batista*)⁴⁵⁸.

Para Vitório, a temática de João Batista sendo “o maior entre os nascidos de mulheres” em Mt 11,11 tem como contexto “o conflito entre a comunidade mateana e a comunidade de João Batista”⁴⁵⁹. Ele afirma que o grupo dos discípulos de João pregava a “superioridade de seu mestre”, ou seja, os seguidores do Batista consideravam-no superior a Jesus por tê-lo batizado⁴⁶⁰. Já a comunidade mateana, não concordava com essa ideia e questionava os discípulos de João, tomando como perspectiva o “Reino dos Céus anunciado e implementado por Jesus”⁴⁶¹. Com essa afirmação de Vitório, de que as comunidades, tanto a de João Batista como a mateana conflitavam entre si no que tange à superioridade de seus mestres, surge na comunidade de Mateus a sentença de que o “menor no Reino dos Céus é maior do que ele (João Batista)”⁴⁶².

Vitório reconhece que João Batista é “o maior entre os nascidos de mulheres”, pelo fato de que “João Batista foi deveras grande”⁴⁶³. No entanto, ele não se aprofunda na questão do tema e não diz o porquê desta grandeza. É possível que o autor esteja querendo salientar a controvérsia entre essas duas comunidades de discípulos, que tinham uma ideia fixa da grandeza de seus mestres⁴⁶⁴.

Para Vitório, o mensageiro do deserto é grande, entretanto, ele não teve a graça de se “tornar discípulo do Reino”⁴⁶⁵. O autor afirma que o Batista “se tornou o ponto-limite de chegada da tradição dos antigos”, e é aqui que se delineia a questão do “menor no Reino dos Céus” ser maior que João, visto que a chegada do Messias, que anunciou a implantação do Reino dos Céus, faz com que os seus pequeninos seguidores sejam maiores do ele, “mesmo que entre os nascidos de mulher, não apareceu maior do que João Batista”⁴⁶⁶.

Após termos percorrido e analisado os textos destes estudiosos e feito um levantamento do que eles compreenderam e interpretaram de Mt 11,11 no que tange

⁴⁵⁸ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 131-135.

⁴⁵⁹ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 134.

⁴⁶⁰ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 134.

⁴⁶¹ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 134.

⁴⁶² VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 134.

⁴⁶³ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 134.

⁴⁶⁴ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 134.

⁴⁶⁵ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 134.

⁴⁶⁶ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 134.

à temática em torno de João Batista ser “o maior entre os nascidos de mulheres”, constatamos que há um ponto comum entre a grande maioria destes autores, em reconhecer que a grandeza do Batista tem a ver com o seu chamado de precursor do Messias, o anunciador que apontava com mais clareza para Jesus indicando-o como o Cristo enviado por Deus, ou melhor, o “cordeiro que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Por apontar diretamente o Messias, João Batista é “maior do que todos os nascidos de mulheres”, ou seja, maior que Abraão e os patriarcas, que Moisés, os juízes, Davi e os reis, Elias e os profetas nascidos antes dele. Vimos ainda que os discípulos de Jesus, tanto os do passado como os discípulos dos dias atuais e futuros, são aqueles considerados pelos estudiosos aqui observados como os que são “o menor no Reino dos Céus”, sendo considerados “maiores do que João”.

4 EXEGESE DE MT 11,2-15

No capítulo anterior, foi realizado um *status quaestionis* a respeito da perícope de Mt 11,2-15, principalmente no que diz respeito à questão do v. 11, que aborda a grandeza de João Batista. O objetivo ali era o de considerar o que alguns pesquisadores afirmam sobre como o Batista é “o maior entre os nascidos de mulheres”. No presente capítulo, consideraremos as particularidades da perícope de Mt 11,2-15, escolhida para esse trabalho. Nesse sentido, faremos uso do Método Histórico-Crítico⁴⁶⁷, com algumas de suas etapas que compõem esse método, e da Análise Retórica Bíblica Semítica.

4.1. Crítica literária ou da Constituição do texto

Chegamos a uma parte da exegese que consideramos ser de suma importância, a crítica literária. Egger define a crítica literária como aquela que “analisa os textos neotestamentários para identificar e reconstruir eventuais fontes utilizadas na redação dos escritos do Novo Testamento, evidenciando-lhes os acentos teológicos e o ambiente vital”⁴⁶⁸. Destarte, um percurso será feito pelos processos da crítica literária com o propósito de desenvolver a nossa pesquisa.

4.1.1. Delimitação do texto de Mt 11,2-15

Discursos e narrativas fazem parte da organização proposta pelo Evangelho de Mateus⁴⁶⁹ e a presente perícope está centralizada em sua terceira seção narrativa do livro. Percebe-se que não existem sérias complicações para que se identifique o início e o fim desta perícope. Nesse sentido, respeita-se as opiniões dos exegetas e comentários bíblicos que demonstram uma delimitação que não se assemelhe com a apresentada aqui.

As perícopes que antecedem a de Mt 11,2-15 fazem parte do segundo discurso do Evangelho que se inicia em Mt 10,1, com o relato da escolha dos Doze Apóstolos

⁴⁶⁷ C. LIMA, M. L., Exegese bíblica, p. 53-76; ARTOLA, A. M.; CARO, J. M. S., A Bíblia e a Palavra de Deus, p.335.

⁴⁶⁸ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 158; LIMA, M. L. C., Exegese bíblica, p. 85.

⁴⁶⁹ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 214.

feita por Jesus. O discurso se inicia da seguinte forma: “Καὶ προσκαλεσάμενος τοὺς δώδεκα μαθητὰς αὐτοῦ ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν πνευμάτων ἀκαθάρτων ὥστε ἐκβάλλειν αὐτὰ καὶ θεραπεύειν πᾶσαν νόσον καὶ πᾶσαν μαλακίαν/*E tendo convocado os doze discipulos dele deu autoridade a eles sobre os espíritos impuros para expelir os mesmos e curar toda doença e toda enfermidade*”. Logo após a escolha dos Doze, em Mt 10,5, Jesus os instrui e os envia: “Τούτους τοὺς δώδεκα ἀπέστειλεν ὁ Ἰησοῦς παραγγείλας.../*estes doze enviou Jesus tendo instruído...*”, e continua com as perícopes sobre as admoestações aos discípulos (Mt 10,16-25); não devemos temer (Mt 10,26-31), o confessar a Cristo (Mt 10,32-33), a paz e a espada (Mt 10,32-39) e, por fim, o discurso termina com a perícopa de Mt 10,40-11,1, que tem como tema central “μισθὸν/*as recompensas*”. Neste versículo Jesus aborda sobre os que recebem os seus servos em suas casas e, de modo algum, esses hospedeiros perderão a recompensa (Mt 10,42).

A perícopa de Mt 11,2-15⁴⁷⁰ distingue-se do texto anterior que é imediata a ela com o termo que é conclusivo nos cinco discursos deste Evangelho (Mt 7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1): “Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς διατάσων τοῖς δώδεκα μαθηταῖς αὐτοῦ, μετέβη ἐκεῖθεν τοῦ διδάσκειν καὶ κηρύσσειν ἐν ταῖς πόλεσιν αὐτῶν⁴⁷¹/*Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discipulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles*”⁴⁷². Essa fórmula final no discurso de Mt 10 permite ver a mudança do gênero discursivo para o gênero narrativo da perícopa de Mt 11,2-15⁴⁷³.

Outros aspectos que marcam a perícopa de Mt 11,2-15 como uma unidade própria são: a mudança geográfica referente à perícopa anterior (Mt 11,1: “πόλεσιν αὐτῶν/*cidades deles*”)⁴⁷⁴; a mudança de tema (Mt 11,2: “Ὁ δὲ Ἰωάννης ἀκούσας ἐν τῷ δεσμοτηρίῳ τὰ ἔργα τοῦ Χριστοῦ πέμψας διὰ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ/*mas João tendo ouvido no cárcere[a respeito] das obras do Cristo tendo enviado por meio*

⁴⁷⁰ Alguns especialistas fazem a delimitação da perícopa de Mt 11,2-15 de forma diferente, tais como: Carson D. A.; W. Carte; R. Fabris; G. Barbaglio. Mt 11,2-19; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 310; CARTE, W., O Evangelho de São Mateus, p. 321; FABRIS, R.; BARBAGLIO, G., Os Evangelhos I, p. 187.

⁴⁷¹ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192. O autor afirma que essa frase não tem apenas um sentido conclusivo, mas igualmente a função de transição à narração seguinte.

⁴⁷² WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 114-117.

⁴⁷³ ARTOLA, A. M.; CARO, J. M. S., A Bíblia e a Palavra de Deus, p. 324.

⁴⁷⁴ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 158-165; LIMA, M. L. C., Exegese bíblica, p. 91.

de seus discípulos”), a inclusão de novos personagens, João e seus discípulos (Mt 11,2), os doentes e os pobres (Mt 11,5) e a multidão (Mt 11,7).

A unidade textual de Mt 11,2-15 chega ao seu término natural com uma fala conclusiva de Jesus a respeito do testemunho dado por ele sobre a pessoa de João Batista (Mt 11,15: “ὁ ἔχων ὅτα ἀκούετω./o que tem ouvidos ouça”). Essa frase de Jesus aparenta ser uma proposta ideal para o encerramento dessa perícopes porque demonstra uma conclusão do assunto.

A perícopes posterior é Mt 11,16-19, com a introdução de uma pergunta direta (Mt 11,16: “Τίτι δὲ ὁμοιώσω τὴν γενεὰν ταύτην;/E a que compararei esta geração?”). É evidente, aqui, que o assunto na parte narrativa é diferente da perícopes anterior, com a inclusão de um novo tema, em torno da questão: “que geração é essa”? A perícopes também supõe a mudança de gênero do texto anterior em Mt 11,16, com os termos: “ὁμοιώσω/compararei” e “ὁμοία/semelhante”, termos esses usados por Jesus em suas parábolas (Mt 13,24; 13,31; 13,33; 13,44-45; 13,47)⁴⁷⁵.

4.1.2. Estrutura de Mt 11,2-15

O texto de Mt 11,2-15 pode ser subdividido em três partes, que se distinguem pelos seus sujeitos e atores dentro da narrativa⁴⁷⁶. A primeira parte é Mt 11,2-3. Esses versículos apresentam o cenário em que João Batista envia seus discípulos para perguntar a Jesus se ele era o que haveria de vir ou deveriam esperar outro (vv. 2-3). Os verbos que representam essa ação são cinco, dois verbos no aoristo participio ativo, que demonstram o interesse de perguntar, (“ἀκούσας”/tendo ouvido” e “πέμψας/tendo enviado”), um verbo no aoristo indicativo ativo, que abre a pergunta (“εἶπεν/disse”), e dois verbos no presente participio, um na voz média e o outro na voz ativa, que constroem a pergunta (“ἐρχόμενος/vem” e “προσδοκῶμεν/esperamos”). Os próprios verbos já nos oferecem a dinâmica da ação: João ouve (ἀκούσας), envia (πέμψας) e diz (εἶπεν). No v. 3, temos um “σύ/tu” enfático que revela o sujeito a quem é formulada a pergunta.

A segunda parte é Mt 11,4-6, que inicia com ditos de Jesus, como resposta dele (“ἀποκριθεὶς/respondendo”), para os discípulos de João. No v. 5, há a inclusão

⁴⁷⁵ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 114.

⁴⁷⁶ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 125.

de alguns novos personagens, como cegos, paralíticos, leprosos, surdos, mortos e pobres. Essas frases estão construídas e ligadas entre si com “καί/ε” consecutivo⁴⁷⁷. A resposta de Jesus se encerra no v. 6, com um *macarismo* (“μακάριός/*bem-aventurado*”) para aqueles não se escandalizarem nele.

A terceira parte é Mt 11,7-15, na qual Jesus começa a testemunhar a respeito de João Batista. Percebe-se, no v. 7, uma mudança de atores, saem os discípulos e entra agora em cena a multidão: “...ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς λέγειν τοῖς ὄχλοις περὶ Ἰωάννου.../...começou Jesus a falar às multidões a respeito de João...”. Esse testemunho de Jesus é composto de perguntas e respostas feitas por ele mesmo, terminando com uma frase que se repete mais duas vezes em Mateus (Mt 13,9.45: “ὁ ἔχων ὄτα ἀκουέτω/ο *que tem ouvidos ouça*”). Portanto, a perícopé pode ser subdivida no seguinte esquema⁴⁷⁸:

- I – João envia os seus discípulos: Mt 11,2-3
 - I.1 – João ouve sobre as obras de Cristo: v. 2a
 - I.2 – João envia alguns dos seus discípulos: v. 2b
 - I.3 – A pergunta é feita: v. 3
- II – Jesus responde aos discípulos de João: Mt 11,4-6
 - II.1 – A resposta de Jesus: v. 4
 - II.2 – Os milagres como resposta: v. 5
 - II.3 – Os que não se escandalizam: v. 6
- III – Jesus dá testemunho de João, o Batista: Mt 11,7-15
 - III.1 – Jesus pergunta à multidão a respeito de João: v. 7
 - III.1.1 – João, o homem com vestes luxuosas: v. 8
 - III.1.2 – João, o profeta: v. 9
 - III.1.3 – Jesus responde às suas próprias perguntas: v. 10
 - III.2 – João, o maior entre os nascidos de mulheres: v. 11a**
 - III.3 – O menor no Reino dos céus é maior que João: v. 11b
 - III.4 – Os dias de João: v.12
 - III.5 – Os profetas, a lei e João: v. 13
 - III.6 – João é Elias: v. 14
 - III.7 – Conclusão: v. 15⁴⁷⁹

⁴⁷⁷ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 126.

⁴⁷⁸ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 53.

⁴⁷⁹ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 125-126.

Com o texto de Mt 11,2-15, subdividido e estruturado, é possível observar, a partir das repetições de palavras e verbos, a dinâmica do texto. A perícopre também repete o nome de João seis vezes (Mt 11,2.4.7.11.12.13), e os pronomes οὗτος (v.10) e αὐτός (v.14) que se referem a ele, demonstram que a perícopre gira em torno da pessoa de João, ou seja, João é o tema central desta unidade literária. Nesse sentido, a estrutura narrativa do texto é estabelecida pelas relações entre João e seus discípulos (v. 2), os discípulos de João e Jesus (v. 4) e Jesus e a multidão (vv. 7-15)⁴⁸⁰.

Os vv. 2-3 são dois paralelos entre si, onde João Batista é o tema dos dois paralelismos. Os participios “ἀκούσας/*tendo ouvido*” e “πέμψας/*tendo enviado*” estão em uma relação de paralelismo sintético. O segundo paralelismo, no v. 3, é consequência do primeiro paralelismo no v. 2, onde há uma oposição nas expressões “ὁ ἐρχόμενος/*o que vem*” e “ἢ ἕτερον/*ou outro*”⁴⁸¹. Para exemplificarmos demonstraremos em tabela o paralelismo de Mt 11,2-3⁴⁸².

² Ὁ δὲ Ἰωάννης	ἀκούσας πέμψας	ἐν τῷ δεσμοτηρίῳ τὰ ἔργα τοῦ Χριστοῦ διὰ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ
-----	-----	-----
³ εἶπεν αὐτῷ·	σὺ εἶ ἢ ἕτερον	ὁ ἐρχόμενος προσδοκῶμεν;
-----	-----	-----
² Mas João	Tendo ouvido Tendo enviado	no cárcere as obras do Cristo, por meio dos discípulos dele,
-----	-----	-----
³ disse-lhe:	tu és ou outro	o que vem esperamos?

Tabela 4 – Paralelismo sintético de Mt 11,2-3

Em Mt 11,4-6 encontramos uma estrutura em forma de ritmo. O v. 4a introduz uma frase narrativa e o v. 4b faz parte deste ritmo⁴⁸³. Na obra de J. Jeremias é apresentado um exemplo de ritmo com base na estrutura do texto paralelo de Lc 7,22s, o que equivale aos dois versículos que fazem parte do texto desta pesquisa. Para ele, esta estrutura está em forma de ritmo de dois acentos, porém a estrutura

⁴⁸⁰ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 55.

⁴⁸¹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 21.

⁴⁸² DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 21.

⁴⁸³ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 21.

de Mateus se diferencia da estrutura de Lucas pela posição do “καί” (“e”) entre as frases, como é representado a seguir⁴⁸⁴.

⁴ καὶ ἀποκριθεὶς ὁ Ἰησοῦς e Jesus tendo respondido	εἶπεν αὐτοῖς· disse a eles:
-----	-----
πορευθέντες ἀπαγγείλατε Ide anunciai	Ἰωάννη ἃ ἀκούετε καὶ βλέπετε· a João as coisas que ouvis e vedes:
-----	-----
⁵ Τυφλοὶ / cegos καὶ χωλοὶ / e paralíticos λεπροὶ / leprosos καὶ κωφοὶ / e surdos καὶ νεκροὶ / e mortos καὶ πτωχοὶ / e pobres	ἀναβλέπουσιν, / tornam a ver περιπατοῦσιν, / andam, καθαρίζονται, / são purificados ἀκούουσιν, / ouvem, ἐγείρονται, / são ressuscitados εὐαγγελίζονται· / são evangelizados;
-----	-----
⁶ καὶ μακάριός / E bem-aventurado	ἐστὶν ὅς ἐάν μὴ σκανδαλισθῆ ἐν ἐμοί. / é quem não for escandalizado em mim.

Tabela 5 - Estrutura em forma de ritmo de Mt 11,4-6

Os vv. 7-10 são formados por três partes. A primeira parte (v. 7ab), é um segmento de história que introduz todas as três partes. A segunda parte (vv. 7c-9), é composta por três segmentos. A terceira parte (v. 10), é composta por uma estrutura concêntrica⁴⁸⁵. Nos vv. 7c-9, há em seus segmentos uma pergunta no primeiro membro (vv. 7c; 8a; 9a) e uma resposta em forma de pergunta no segundo membro (vv. 7d; 8b; 9b). As perguntas (vv. 7c; 8a; 9a), em sua forma e conteúdo, são semelhantes às respostas (vv. 7d; 8b; 9b). O v. 10 introduz uma frase de ditos das Escrituras (v. 10a), seguidos de dois membros paralelos de forma perfeita⁴⁸⁶.

⁷ Τούτων δὲ πορευομένων ἦρξατο ὁ Ἰησοῦς	λέγειν τοῖς ὄχλοις περὶ Ἰωάννου·
-----	-----
τί ἐξήλθατε εἰς τὴν ἔρημον	θεάσασθαι; κάλαμον ὑπὸ ἀνέμου σαλευόμενον;
⁸ ἀλλὰ τί ἐξήλθατε	ιδεῖν; ἄνθρωπον ἐν μαλακοῖς ἡμφιεσμένον;
⁹ ἀλλὰ τί ἐξήλθατε	ιδεῖν; προφήτην; ναὶ λέγω ὑμῖν, καὶ περισσότερον προφήτου.
-----	-----
¹⁰ οὗτός ἐστιν περὶ οὗ γέγραπται·	

⁴⁸⁴ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 54-55; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 21.

⁴⁸⁵ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 33.

⁴⁸⁶ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 33.

ἰδοὺ ἐγὼ ἀποστέλλω	τὸν ἄγγελόν μου	πρὸ προσώπου σου,
ὃς κατασκευάσει	τὴν ὁδόν σου	ἔμπροσθέν σου.

7 Estes porém partindo, começou Jesus a falar às multidões a respeito de JOÃO:		

que saístes no deserto	a CONTEMPLAR?	
Um CANIÇO	pelo vento sacudido?	
8 Mas que saístes a VER?		
Um HOMEM	vestido com vestes finas?	
9 Mas que saístes a VER?		
Um PROFETA?		
Sim digo a vós, e MAIS DO QUE PROFETA.		

10 Este é a respeito de quem está escrito :		
“eis eu envio	o meu MENSAGEIRO	diante de tua FACE,
o qual preparará	o teu CAMINHO	perante ti”.

Tabela 6 – Segmentação de Mt 11,7-10

Para Di Paolo, os vv. 11-15 contêm uma introdução e uma conclusão (vv. 11a-15), e uma parte central (vv. 11b-14), articuladas por três segmentos: *bimembros* (v. 11bc), seguidos por dois *trimembros* (vv. 12abc; 13-14), segundo uma estrutura concêntrica. Quanto à parte central, os termos “digo” (v. 11a) e “ouvir” (v. 15) são complementares⁴⁸⁷.

No que tange aos vv. 11b-14, onde tem-se a passagem central, em cada uma dessas sequências João está presente. Ele é qualificado como “Batista” nos dois primeiros segmentos (vv. 11c; 12a), acentuado como Elias no terceiro (v. 14b). “Reino dos Céus” está presente no primeiro e no segundo segmento (vv. 11c; 12c), e as expressões “sofrer violência” e “aceitar” são antagônicas. A conjunção temporal “até”, que está ligada à história de João, está presente tanto no segundo (v. 12a) quanto no terceiro segmento (v. 13b)⁴⁸⁸.

¹¹ Ἀμὴν λέγω ὑμῖν·

οὐκ ἐγήγγερται ἐν γεννητοῖς γυναικῶν μείζων Ἰωάννου τοῦ βαπτιστοῦ·
ὁ δὲ μικρότερος ἐν τῇ **βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν** μείζων αὐτοῦ ἐστίν.

¹² ἀπὸ δὲ τῶν ἡμερῶν Ἰωάννου τοῦ βαπτιστοῦ ἕως ἄρτι

⁴⁸⁷ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 34.

⁴⁸⁸ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 34.

<p>ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν βιάζεται καὶ βιασταὶ ἀρπάζουσιν αὐτήν.</p> <p>¹³ πάντες γὰρ οἱ προφῆται καὶ ὁ νόμος ἕως Ἰωάννου ἐπροφήτευσαν· ¹⁴ καὶ εἰ θέλετε δέξασθαι, αὐτός ἐστιν Ἰλίας ὁ μέλλων ἔρχεσθαι.</p> <hr/> <p>¹⁵ ὁ ἔχων ὄτα ἀκουέτω.</p> <hr/> <p>¹¹ Amém DIGO a vós:</p> <hr/> <p>não surgiu entre nascidos de mulheres maior do que JOÃO, o BATISTA; mas o menor no Reino dos Céus é maior do que ele.</p> <p>¹² E desde os dias de JOÃO BATISTA até agora o Reino dos Céus sofre violência, e violentos apoderam-se dele.</p> <p>¹³ Pois todos os profetas e a lei até JOÃO profetizaram;</p> <p>¹⁴ E se quereis aceitar, ESTE é ELIAS o que está por vir.</p> <hr/> <p>¹⁵ O que tem ouvidos OUÇA.</p>

Tabela 7 – Segmentação de Mt 11,11-15

O texto de Mt 11,2-15 conta com a presença de outro paralelismo, que é o paralelismo antitético. Este se caracteriza nas palavras de Jesus, onde duas linhas ou membros manifestam sentidos análogos de maneira antitética⁴⁸⁹. J. Jeremias nos deixa entrever, que o paralelismo antitético assume uma grande escala nos ditos de Jesus. Segundo os seus cálculos, essa figura de linguagem aparece cerca de cem vezes nos sinóticos⁴⁹⁰, e aqui em Mt 11,11, o paralelismo antitético é usado por Mateus.

<p>Em verdade digo a vós: não surgiu entre nascidos de mulheres maior do que João, o Batista; mas o menor no Reino dos Céus é maior do que ele.</p>
--

Tabela 8 - Paralelismo antitético em Mt 11,11

Olhando o texto com atenção, percebemos que sua estrutura ainda conta com um paralelismo sinonímico em Mt 11,12. Para Wegner, esse tipo de paralelismo sinonímico oferece a mesma ideia repetida com outras palavras⁴⁹¹.

⁴⁸⁹ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 120.

⁴⁹⁰ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 45-53. Esta obra nos oferece uma boa apresentação sobre o paralelismo antitético.

⁴⁹¹ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 120-121.

E desde os dias de João, o Batista até agora o Reino dos Céus sofre **violência**, e **violentos** apoderam-se dele.

Tabela 9 - Paralelismo sinonímico em Mt 11,12

4.2.

Crítica da forma e gênero literário

A perícopa em análise é considerada por Berger como gênero literário *creia* ou *apoteagma*⁴⁹². O gênero *créia* é “uma fala ou ação ocasionada na vida de uma pessoa importante pela situação, mas transcendendo-a”⁴⁹³. É importante ressaltar aqui, a contribuição nesse aspecto dos autores Dibelius e Bultmann, que são pioneiros na questão da forma literária⁴⁹⁴.

As *créias* ou *apotegmas* podem ser divididos em diálogos polêmicos, didáticos e biográficos. O texto de Mt 11,2-15 é um diálogo didático⁴⁹⁵. Os diálogos didáticos são formados por perguntas feitas pelos discípulos de Jesus ou outras pessoas que se interessam pelo comportamento e obras de Jesus e por sua resposta a essas questões⁴⁹⁶. Em Mt 11,2-3, João envia os seus discípulos a perguntar se Jesus é o Cristo: “σὸ εἶ ὁ ἐρχόμενος ἢ ἕτερον προσδοκῶμεν;/tu és o que vem ou esperamos outro?”. A resposta de Jesus se encontra de forma explicativa e objetiva nos vv. 4-6, usando o verbo “ἀποκριθεὶς/tendo respondido”. Para Berger o tema cristológico é uma forma importante abordado nos *créias*, isso é demonstrado na relação entre Jesus e João Batista⁴⁹⁷.

Ao classificar a perícopa de Mt 11,2-15 como tendo o gênero literário predominante a *créia* ou *apoteagma*, consegue-se também identificar o lugar vivencial (*Sitz im Leben*) de Mt 11,2-15. Wegner afirma que “uma determinada forma não necessita estar atrelada servilmente a um único lugar vivencial”⁴⁹⁸. Não

⁴⁹² BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.76; VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p. 329.

⁴⁹³ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 78.

⁴⁹⁴ Apud. WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 225.

⁴⁹⁵ VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p.331.

⁴⁹⁶ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 226.

⁴⁹⁷ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 83. O autor aqui afirma que os temas sobre as questões cristológicas abordadas nos *créias* são muito antigas.

⁴⁹⁸ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 271. O autor cita em sua obra mais dois lugares vivenciais do gênero *créia* ou *apoteagma* que seriam: “a discursão na comunidade e a catequese comunitária.

obstante isso, acredita-se que o lugar vivencial de Mt 11,2-15 seja a pregação e o ensino catequético⁴⁹⁹.

O gênero literário *créia* ou *apotegma*, como forma predominante da perícopos de Mt 11,2-15, pode oferecer ainda alguns outros assuntos e temas como se fossem subgêneros. A exemplo disto temos os vv. 2-6.10, que podem estar em forma de enunciados com o “eu”. Nos vv. 2-6 temos a forma literária de comparação entre o “eu” e o “ele” (*sýnkrisis*), onde se vê que a relação entre Jesus e João Batista sempre é elucidada pelas declarações com o “eu”⁵⁰⁰. No v. 10, onde há um dito de Jesus, também se vê o enunciado com o “eu”, no que diz respeito a Deus no envio de João Batista (Mt 11,10: “οὗτός ἐστιν περὶ οὗ γέγραπται· ἰδοὺ ἐγὼ ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου, ὃς κατασκευάσει τὴν ὁδὸν σου ἔμπροσθέν σου/este é a respeito de quem está escrito: **Eis que eu envio o meu mensageiro diante de tua face, o qual preparará o teu caminho perante ti**”)⁵⁰¹.

Nos vv. 4-6, vemos o gênero *simbulêutico*, em sua forma de simples exortação, que em um contexto de revelação, pode trazer uma ordem de manter o silêncio a respeito dessa revelação, ou uma ordem para falar sobre a revelação e levar a mensagem (Mt 11,4: “Καὶ ἀποκριθεὶς ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτοῖς· **πορευθέντες ἀπαγγεῖλατε Ἰωάννῃ ἃ ἀκούετε καὶ βλέπετε/e respondendo Jesus disse a eles: indo anunciar a João as coisas que ouvís e vedes**”)⁵⁰².

No v. 5, temos a forma de um *relato básico*. Este gênero permite observar, aqui, o sucesso da obra missionária de Jesus, onde ele é o agente que opera (Mt 11,5: “τυφλοὶ ἀναβλέπουσιν καὶ χωλοὶ περιπατοῦσιν, λεπροὶ καθαρίζονται καὶ κωφοὶ ἀκούουσιν, καὶ νεκροὶ ἐγείρονται καὶ πτωχοὶ εὐαγγελίζονται/cegos tornam a ver e paralíticos andam, leprosos são purificados e surdos ouvem, e mortos são ressuscitados e pobres são evangelizados”). Aqui no v. 5, a forma de relato básico oferece uma concepção apologética ou também prefigura uma legitimação⁵⁰³.

Nos vv. 7-10 temos o gênero de aclamação e aqui a encontramos na forma de aclamações que identificam “alguma personalidade na narrativa”. Berg afirma que

⁴⁹⁹ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 88; VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p.329.

⁵⁰⁰ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 237; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 247.

⁵⁰¹ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 235.

⁵⁰² BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 111.

⁵⁰³ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, pp. 299-301. O autor afirma que “em Mt 11,5 par. Lc 7,22 (citando Is 29,18s; 35,5s) assume dentro dos Evangelhos a figura de um relato básico. É o Cristo (Mt 11,2: “as obras de cristo”) quem é caracterizado assim, diferenciado do Batista”.

a aclamação se aproxima da interpretação por “Tu és...” ou “Este é...”, como cerne de narrações visando a uma identificação⁵⁰⁴. Nos vv. 7-10, temos, a princípio, uma sequência de ditos efêmeros ou falsos, e a resposta final é certa e verdadeira. A dinâmica aqui está a respeito de quem é João Batista. A progressão se desenvolve da seguinte forma: ditos efêmeros ou falsos: “O Batista – um caniço – um homem trajando roupas finas – um profeta – mais que profeta: resposta certa e verdadeira: este é a respeito de quem está escrito...”⁵⁰⁵.

Os vv. 7-15 estão enquadrados no gênero dos *ditos* iniciados e enunciados, com o “eu” na forma da comparação entre “eu” e “ele”. É possível ver esta comparação entre o “eu” e o “ele”, quando tomamos os vv. 2-6, onde pergunta-se “quem é Jesus?”, e os vv. 7-15 que pergunta “quem é João?”⁵⁰⁶.

4.3. Crítica da redação

O redator do Evangelho de Mateus é tido como autor desta obra, tendo em vista o seu trabalho redacional de reunir a tradição evangélica que havia na igreja⁵⁰⁷. Tratando-se de crítica redacional, Egger a define como “a análise dos escritos neotestamentários segundo o método da crítica-histórica da redação que procura reconstruir o processo da redação e o papel do redator”⁵⁰⁸.

Quando se pensa em tratar sobre a questão da redação de Mateus, compreende-se também a sua dimensão de *semelhança* e *dessemelhança* com Marcos e Lucas. Nesse sentido, é bem aceito, por boa parcela dos especialistas na área bíblica, o uso por parte de Mateus e Lucas do material contido em Marcos e da fonte “Q”, no que eles chamam de teoria das duas fontes⁵⁰⁹. Mas, reconhece-se também que há o material próprio de Mateus (M) e Lucas (L).

Ao trabalhar a crítica redacional de Mateus, percebe-se a importância de se fazer uma análise de comparação sinótica por meio de uma sinopse de Mt 11,2-15, tendo em vista o seu paralelo com Lc 7,18-30. Segundo alguns exegetas, essa

⁵⁰⁴ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 213.

⁵⁰⁵ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 214.

⁵⁰⁶ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 247; BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 237.

⁵⁰⁷ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p.38.

⁵⁰⁸ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 179; LIMA, M. L. C., Exegese bíblica teoria e prática, p. 131.

⁵⁰⁹ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 73-76.

sinopse é fundamental para descobrirmos como esses dois evangelistas reuniram o seu material da tradição da Igreja⁵¹⁰.

A perícopos de Mt 11,2-15 não faz parte do Evangelho de Marcos, que não a traz, mas sim do material da fonte “Q”. Como auxílio para a análise sinótica, usamos aqui a sinopse de Konings, com algumas alterações e adaptações que são necessárias para a presente pesquisa⁵¹¹. Outra obra não menos importante é a de Wegner, de onde tomamos orientações no que diz respeito às marcas feitas em palavras dos dois textos para compreender o que eles têm em comum ou não⁵¹². Assim sendo, segue a sinopse de Mt 11,2-15, trazendo em primeiro lugar, o texto grego, e, depois, o texto em português, em duas colunas.

Mateus 11,2-15	Lucas 7,18-30
2- Ὁ δὲ Ἰωάννης ἀκούσας ἐν τῷ δεσμωτηρίῳ τὰ ἔργα τοῦ Χριστοῦ	18- Καὶ ἀπήγγειλαν Ἰωάννη [οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ περὶ πάντων τούτων.] Καὶ προσκαλεσάμενος δύο τινὰς τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ὁ Ἰωάννης
πέμψας διὰ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ	19- [ἔπεμψεν πρὸς τὸν κύριον] λέγων·
3- εἶπεν αὐτῷ·	σὺ εἶ ὁ ἐρχόμενος ἢ ἕτερον προσδοκῶμεν;
σὺ εἶ ὁ ἐρχόμενος ἢ ἕτερον προσδοκῶμεν;	20- [παραγενόμενοι δὲ πρὸς αὐτὸν οἱ ἄνδρες εἶπαν· Ἰωάννης ὁ βαπτιστῆς ἀπέστειλεν ἡμᾶς πρὸς σὲ λέγων· σὺ εἶ ὁ ἐρχόμενος ἢ ἄλλον προσδοκῶμεν;
4- καὶ ἀποκριθεὶς ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτοῖς· πορευθέντες ἀπαγγείλατε Ἰωάννη ἃ ἀκούετε καὶ βλέπετε·	21- ἐν ἐκείνῃ τῇ ὥρᾳ ἐθεράπευσεν πολλοὺς ἀπὸ νόσων καὶ μαστίγων καὶ πνευμάτων πονηρῶν καὶ τυφλοῖς πολλοῖς ἐχαρίσατο βλέπειν.]
5- τυφλοὶ ἀναβλέπουσιν καὶ χωλοὶ περιπατοῦσιν, λεπροὶ καθαρίζονται καὶ κωφοὶ ἀκούουσιν, καὶ νεκροὶ ἐγείρονται καὶ πτωχοὶ εὐαγγελίζονται·	22- καὶ ἀποκριθεὶς εἶπεν αὐτοῖς· πορευθέντες ἀπαγγείλατε Ἰωάννη ἃ εἶδετε καὶ ἠκούσατε· τυφλοὶ ἀναβλέπουσιν, χωλοὶ περιπατοῦσιν, λεπροὶ καθαρίζονται καὶ κωφοὶ ἀκούουσιν, νεκροὶ ἐγείρονται, πτωχοὶ εὐαγγελίζονται·
6- καὶ μακάριός ἐστιν ὃς ἐὰν μὴ σκανδαλισθῇ ἐν ἐμοί.	23- καὶ μακάριός ἐστιν ὃς ἐὰν μὴ σκανδαλισθῇ ἐν ἐμοί.

⁵¹⁰ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 180-182; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 136.

⁵¹¹ KONINGS, J., Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “fonte Q”, p. 74-76. Conforme em algumas notas dentro do quadro a seguir, a sinopse foi realizada tanto com o texto grego como a sua tradução feita pelo autor da referida obra.

⁵¹² WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 189. Nesta obra o autor apresenta as legendas aplicadas ao texto: “negrito: coincidências literais; itálico: uso de sinônimos ou modificações em tempos verbais, sem alteração de sentido; sublinhado: acréscimos e [] – colchetes: omissões”.

<p>7- <u>Τούτων δὲ πορευομένων ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς λέγειν τοῖς ὄχλοις περὶ Ἰωάννου· τί ἐξήλθατε εἰς τὴν ἔρημον θεάσασθαι; κάλαμον ὑπὸ ἀνέμου σαλευόμενος;</u> 8- <u>ἀλλὰ τί ἐξήλθατε ἰδεῖν; ἄνθρωπον ἐν μαλακοῖς ἠμφιεσμένον; ἰδοὺ οἱ τὰ μαλακὰ φοροῦντες ἐν τοῖς οἴκοις τῶν βασιλέων εἰσίν.</u></p> <p>9- <u>ἀλλὰ τί ἐξήλθατε ἰδεῖν; προφήτην; ναὶ λέγω ὑμῖν, καὶ περισσώτερον προφήτου.</u> 10- <u>οὗτός ἐστιν περὶ οὗ γέγραπται· ἰδοὺ ἐγὼ ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου, ὃς κατασκευάσει τὴν ὁδὸν σου ἔμπροσθέν σου.</u> 11- [Ἀμὴν] λέγω ὑμῖν· [οὐκ ἐγήγερται] ἐν γεννητοῖς γυναικῶν <u>μείζων Ἰωάννου τοῦ βαπτιστοῦ· ὁ δὲ μικρότερος ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν μείζων αὐτοῦ ἐστιν.</u> 12- [ἀπὸ δὲ τῶν ἡμερῶν Ἰωάννου τοῦ βαπτιστοῦ ἕως ἄρτι ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν βιάζεται καὶ βιασται ἀρπάζουσιν αὐτήν. 13- πάντες γὰρ οἱ προφήται καὶ ὁ νόμος ἕως Ἰωάννου ἐπροφήτευσαν· 14- καὶ εἰ θέλετε δέξασθαι, αὐτός ἐστιν Ἡλίας ὁ μέλλων ἔρχεσθαι. 15- ὁ ἔχων ὄτα ἀκουέτω.]</p>	<p>24- <u>Ἀπελθόντων δὲ [τῶν ἀγγέλων] [Ἰωάννου] ἤρξατο λέγειν πρὸς τοὺς ὄχλους περὶ Ἰωάννου· τί ἐξήλθατε εἰς τὴν ἔρημον θεάσασθαι; κάλαμον ὑπὸ ἀνέμου σαλευόμενος;</u> 25- <u>ἀλλὰ τί ἐξήλθατε ἰδεῖν; ἄνθρωπον ἐν μαλακοῖς ἱματίοις ἠμφιεσμένον; ἰδοὺ οἱ ἐν ἱματισμῷ ἐνδόξω καὶ τρυφῇ ὑπάρχοντες ἐν τοῖς βασιλείοις εἰσίν.</u> 26- <u>ἀλλὰ τί ἐξήλθατε ἰδεῖν; προφήτην; ναὶ λέγω ὑμῖν, καὶ περισσώτερον προφήτου.</u> 27- <u>οὗτός ἐστιν περὶ οὗ γέγραπται· ἰδοὺ ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου, ὃς κατασκευάσει τὴν ὁδὸν σου ἔμπροσθέν σου.</u> 28- λέγω ὑμῖν, <u>μείζων ἐν γεννητοῖς γυναικῶν Ἰωάννου [οὐδεὶς ἐστιν·] ὁ δὲ μικρότερος ἐν τῇ βασιλείᾳ τοῦ θεοῦ μείζων αὐτοῦ ἐστιν.</u></p> <p>29- [Καὶ πᾶς ὁ λαὸς ἀκούσας καὶ οἱ τελεῶναι ἐδικαίωσαν τὸν θεὸν βαπτισθέντες τὸ βάπτισμα Ἰωάννου· 30- οἱ δὲ Φαρισαῖοι καὶ οἱ νομικοὶ τὴν βουλὴν τοῦ θεοῦ ἠθέτησαν εἰς ἑαυτοὺς μὴ βαπτισθέντες ὑπ' αὐτοῦ.]</p>
<p>2- <u>João, tendo ouvido falar na prisão das obras do Ungido e tendo mandado pelos seus discípulos</u></p> <p>3- <u>Disse-lhe: És tu o que há de vir ou devemos esperar outro?</u></p> <p>4- <u>E, respondendo, Jesus disse-lhes:</u></p>	<p>18- <u>E a João [os seus discípulos comunicaram (a respeito de) tudo isso.] E tendo chamado a si uns dois dos seus discípulos, João</u> 19- [mandou-os ao Senhor,] <u>dizendo: És tu o que há de vir ou devemos esperar outro?</u> [20- tendo chegado junto a ele, os varões disseram: João Batista nos enviou, dizendo: És tu o que há de vir ou devemos esperar outro?] [21- Naquela hora curou a muitos de doenças e moléstias e espíritos malignos, e a muitos cegos deu a graça de verem.]</p> <p>22- <u>E respondendo disse-lhes:</u></p>

<p>Caminhando comunicai a João o que <i>ouvis e vedes</i>:</p> <p>5- cegos veem e parálíticos andam em redor, leprosos são purificados e surdos ouvem, e mortos são erguidos e pobres são evangelizados,</p> <p>6- e feliz é quem não se escandaliza por causa de mim!</p> <p>7- Tendo <u>eles ido a caminho</u>, Jesus começou a dizer às turbas a respeito de João: Que saístes observar no deserto? Um junco abalado pelo vento?</p> <p>8- Mas que saístes ver? Um homem trajado de roupas confortáveis? Eis, os que <i>usam roupas confortáveis estão nas casas dos reis</i>.</p> <p>9- Mas que saístes ver? Um profeta? Sim, digo-vos, e mais que um profeta.</p> <p>10- Este é a respeito de quem está escrito: Eis, eu envio meu mensageiro diante de tua face, que preparará o teu caminho perante ti.</p> <p>11- <u>Amém</u>, digo-vos, entre os nascidos de mulher⁵¹³ não foi suscitado maior que João, o Batista. O menor, porém, no Reino dos Céus é maior do que ele.</p> <p>12- <u>Desde os dias de João, o Batista, até agora, o Reino dos Céus é de força, e forçosos agarram-no.</u></p> <p>13- <u>Pois todos os Profetas e a lei profetizaram⁵¹⁴.</u></p> <p>14- <u>E, a se quereis aceitar: este é Elias, o que há de vir.</u></p> <p>15- <u>Quem tem ouvidos ouça.</u></p>	<p>Caminhando comunicai a João o que <i>vistes e ouvistes</i>: cegos veem novamente, parálíticos andam em redor, leprosos são purificados e surdos ouvem, mortos são erguidos e pobres são evangelizados,</p> <p>23- e feliz é quem não se escandaliza por causa de mim.</p> <p>24- Tendo-se ido [os mensageiros de João,] começou a dizer às turbas a respeito de João: Que saístes observar no deserto? Um junco abalado pelo vento?</p> <p>25- Mas que saístes ver? Um homem trajado com roupas finas? Eis, os que <i>ficam em traje esplendido e luxo estão nos {palácios} régios</i>.</p> <p>26- Mas que saístes ver? Um profeta? Sim, digo-vos, e mais que um profeta.</p> <p>27- Este é a respeito de quem está escrito: Eis, envio meu mensageiro diante de tua face, que preparará o teu caminho perante ti.</p> <p>28- Digo-vos: entre os nascidos de mulher não há nenhum maior que João. O menor, porém, no Reino de Deus é maior do que ele.</p> <p>29- <u>Todo o povo que o ouviu e até os publicanos reconheceram a justiça de Deus, tendo sido batizados com o batismo de João;</u></p> <p>30- <u>Mas os fariseus e os intérpretes da Lei rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus, não tendo sido batizados por ele.</u></p>
--	---

Tabela 10 - Sinopse de Mt 11,2-15 e Lc 7,18-30

Com a presente sinopse é possível perceber as semelhanças e as diferenças entre Mt 11,2-15 e Lc 7,18-30. São evidentes também aqui as omissões de palavras,

⁵¹³ KONINGS, J., Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “fonte Q”, p. 74-76. O autor traduz o termo da língua original grega “γυναικῶν” (“mulheres”), do v. 11, como um substantivo, feminino singular, porém o texto na língua original grega tem o mesmo substantivo feminino no plural.

⁵¹⁴ KONINGS, J., Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “fonte Q”.73, p.74-76. Respeitamos a tradução do v. 13 por parte desse autor, porém o texto grego de NA²⁸ não omite o nome de João.

frases e até versículos. Não obstante, entende-se que tanto os acréscimos quanto as omissões fazem parte dos interesses teológicos dos autores⁵¹⁵.

No v. 2, o redator inicia a perícopes com um “Ο δέ/*mas o*”, que é característico tanto na redação de Mateus quanto de Lucas⁵¹⁶. Os primeiros personagens, João e os discípulos, são apresentados por ele. O termo “δεσμοτηρίῳ/*prisão*” é um acréscimo usado pelo redator, para indicar o lugar onde João estava⁵¹⁷. Já o termo “Χριστοῦ⁵¹⁸/*de Cristo*” representa a importância cristológica apresentada por Mateus⁵¹⁹. O evangelista ainda acrescenta a expressão “πέμψας διά/*tendo enviado por meio*”, verbo esse que está no aoristo particípio ativo nominativo masculino singular, denotando um verbo de movimento, indicando a ação realizada pelos discípulos.

No v. 3, em relação a Lucas, o redator modifica o presente histórico “λέγων/*dizendo*”, para o aoristo “εἶπεν/*disse*”, acredita-se que essa modificação pode ser apenas estilística, tendo em vista ser normal esse fenômeno entre Mateus e Lucas⁵²⁰. Da mesma forma, o acréscimo do pronome “αὐτῷ/*nele*”, pelo evangelista, é uma alteração estilística que dá ênfase ao sujeito da frase. A palavra “ἕτερον/*outro*” é um pronome indefinido, pode-se dizer que ele é um sinônimo do pronome indefinido “ἄλλος/*outro*”⁵²¹, e acredita-se que a escolha de ἕτερον, pelo redator de Mateus, é uma escolha estilística.

No v. 4, temos o acréscimo do nome “Ἰησοῦς/*Jesus*”, acompanhado pelo artigo definido “ὁ/*o*”. Em Mateus, o nome Jesus é bem usado na sua redação, demonstrando uma característica peculiar de seu estilo literário. No final do v. 4 o redator não somente faz uma transposição dos verbos em comparação a seu paralelo, em Lc 7,22, mas também modifica um dos verbos. Ele usa outro verbo para se referir à ação de ver. No escrito mateano há a seguinte ordem: “ἀκούετε καὶ βλέπετε/*ouvis e vedes*”, enquanto em Lucas tem-se: “εἶδετε καὶ ἠκούσατε/*vistes e*

⁵¹⁵ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 160-163.

⁵¹⁶ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 77. Esse autor aqui, afirma que as conjunções mais importantes do Novo Testamento são: καὶ (9164x), δέ (2801x), γὰρ (1042x), ἀλλὰ (638x); WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 164. Este autor afirma que a conjunção δέ faz parte de uma das modificações estilísticas feitas tanto em Mt quanto em Lc. Eles as usam cerca de 40 vezes.

⁵¹⁷ RIENECKER, F.; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento grego, p. 24. Segundo esse autor, a terminação da palavra expressa lugar.

⁵¹⁸ CARSON, D. A., Comentário de Mateus, p. 311.

⁵¹⁹ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 189.

⁵²⁰ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 164.

⁵²¹ RUSCONI, C., Dicionário do grego do Novo Testamento, p. 34.

ouvistes”. Para Wegner, a mudança de sequência de palavras feitas por esses dois redatores, concernente às fontes por eles usadas demonstram formas distintas de organizar o material⁵²².

No que tange ao verbo “ver”, Mateus usa o termo “βλέπετε/*vistes*”, na segunda pessoa do plural do presente do indicativo ativo do verbo “βλέπω”, ao invés de “εἶδετε/*vistes*”, segunda pessoa do plural do aoristo do indicativo ativo de “ὄραω”. O autor mateano usa o presente histórico aqui para demonstrar um realce nos acontecimentos narrados por ele e também percebe-se que há uma semântica diferente empregada em Mateus e Lucas. Essa mudança pelo redator pode ser uma preferência de estilo. Ademais, o presente histórico enfatiza o que é narrado⁵²³.

No v. 7, o redator faz o acréscimo do pronome demonstrativo “τούτων/*eles*”, de maneira a enfatizar o retorno dos discípulos de João com a resposta de Jesus. Mateus também prefere usar a expressão verbal “πορευομένων/*tendo ido*”, no particípio presente médio terceira pessoa do plural, enquanto o seu paralelo em Lucas usa a forma verbal “ἀπελθόντων/*tendo-se ido*” que, igualmente ao verbo anterior, está no particípio, porém no aoristo médio terceira pessoa do plural. Os dois verbos apresentam o mesmo significado e estão, tanto em Mateus quanto em Lucas, no genitivo absoluto e aqui nesse contexto o seu significado é de um genitivo absoluto com valor de tempo⁵²⁴. No que diz respeito à escolha desse vocábulo pelo redator do Evangelho de Mateus, entende-se ser ele uma preferência estilística, tendo em vista que Oporto sugere uma ordem do documento “Q” melhor seguida por Lucas⁵²⁵.

Os vv. 8-10, seguem a mesma ordem do seu paralelo em Lc 7,25-27, com pequenas modificações que não alteram de forma decisiva o sentido do texto. As modificações estão no v. 8, na expressão “τὰ μαλακὰ φοροῦντες ἐν τοῖς οἴκοις τῶν βασιλέων εἰσίν./...os que trazem as vestes finas nas casas dos reis estão”. O seu paralelo é “ἐν ἱματισμῷ ἐνδόξῳ καὶ τρυφῇ ὑπάρχοντες ἐν τοῖς βασιλείοις εἰσίν./...ficam em traje esplendido e luxo estão nos palácios régios”. O verbo usado

⁵²² WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 165. O autor afirma aqui que: “É difícil precisar qual a ordem original das palavras na fonte Q, da qual Mateus e Lucas extraíram esses versículos”. Nesse caso, tomamos essas palavras como base para assegurar o que acontece também na perícope analisada.

⁵²³ SWETNAM, J., Gramática do grego do Novo Testamento, p. 110. Aqui o autor explica a importância do presente e do aoristo para a narrativa.

⁵²⁴ RUSCONI, C., Dicionário do grego do Novo Testamento, p. 373-374; JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. Aprendendo o grego, p. 496-497.

⁵²⁵ OPORTO, S. G., Ditos Primitivos de Jesus, p. 27.

por Mateus sugere que a pessoa está vestida, ou seja, traz sobre si as suas vestes. Enquanto o seu paralelo usa o verbo no sentido de estar pronto, disponível, à disposição de alguém⁵²⁶. Essas modificações podem ser uma preferência estilística do redator.

O v. 11, que é o ápice desta perícopa, apresenta a fórmula “Ἀμὴν λέγω ὑμῖν/Amém, digo-vos” ou “em verdade vos digo”, termo esse bem comum no Evangelho de Mateus (Mt 5,18; 6,16; 8,10; 10,15.23.42)⁵²⁷. Segundo J. Jeremias, essa fórmula aparece nove vezes nos ditos de Mateus e Lucas, e nove vezes somente no material próprio de Mateus. Ele ainda afirma que a presente forma denota palavras próprias do redator e não a de outros⁵²⁸. Essa fórmula não é usada pelo seu paralelo em Lucas. Para Barbaglio, o v. 11 seria um acréscimo do editor para enriquecer o conteúdo⁵²⁹.

Um outro acréscimo que é apresentado no v. 11 é “οὐκ ἐγήγερται/não surgiu”, um verbo que está no perfeito do indicativo médio, terceira pessoa do singular. O perfeito usado pelo evangelista aqui demonstra o resultado continuado de uma ação anterior⁵³⁰. Mateus se diferencia do seu paralelo, que usa o termo “οὐδεὶς/nenhum”, como forma de negação, e o verbo “ἔστιν”, que é conservado por ele na forma de presente histórico. Isso demonstra que a escolha do redator de Mateus é uma escolha estilística e pessoal, com interesse próprio, caracterizando-o como um verdadeiro redator.

Uma última coisa a ser observada no v. 11 é a expressão “βασιλεία τῶν οὐρανῶν/Reino dos Céus”. Essa expressão é muito utilizada pelo evangelista Mateus (3,2; 4,17; 5,3.10.19-20; 7,21)⁵³¹, e faz parte de seu estilo literário. Em

⁵²⁶ RUSCONI, C., Dicionário do grego do Novo Testamento, p. 468.

⁵²⁷ (Mt 13,17; 16,28; 17,20; 18, 3.13.18; 19, 23.28; 21, 21.31;23,36; 24, 2.34.47; 25, 12.40.45; 26, 13.21).

⁵²⁸ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 77-78. Acreditamos ser de grande importância citarmos aqui as considerações deste autor no que diz respeito a essa fórmula: “a manutenção desse termo estrangeiro evidencia o quanto a tradição foi sensível à novidade e ao caráter inusitado dessa dicção. Para descobrir o seu sentido, devemos partir do fato de que o amém nas palavras de Jesus sempre é seguido de λέγω ὑμῖν (σοι) (digo-vos [te]). A única analogia real de conteúdo para Ἀμὴν λέγω ὑμῖν [amém, eu vos digo] seria a fórmula do mensageiro utilizada pelos profetas: ‘assim fala o Senhor’, com a qual queriam expressar que as suas palavras não seriam provenientes da própria sabedoria, mas mensagem divina. De modo correspondente, o Ἀμὴν λέγω ὑμῖν que introduz as palavras de Jesus, expressa sua plenipotência. A novidade desse uso linguístico, sua estrita restrição às palavras de Jesus e o testemunho unânime de todas as camadas da tradição evidenciam que nos deparamos com uma invocação linguística nos lábios de Jesus.”

⁵²⁹ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 190.

⁵³⁰ SWETNAM, J., Gramática do grego do Novo Testamento, p. 139.

⁵³¹ Mt 8,11; 10,7; 11,12; 13, 11.24.31.33.44-45.47.52; 16,19; 18, 1.3-4.23; 19, 12.14.23; 20,1; 22,2; 23,13; 25,1.

contrapartida, o seu paralelo (Lc 7,28) usa a expressão “βασιλεία τοῦ θεοῦ/*Reino de Deus*” (Lc 4,43; 6,20; 9,60.62; 10,9.11)⁵³². Essas duas expressões são sinônimas, pois “os céus” se referem a Deus nesse contexto. O que na verdade queremos ressaltar aqui é qual das duas expressões foram realmente usadas por Jesus e qual seria a mais antiga. J. Jeremias afirma que este assunto é bem controverso. Porém, para ele a expressão “Reino dos Céus” surgiu somente pela primeira vez nos escritos judaicos, cerca de cinquenta anos depois do ministério de Jesus, ou seja, provavelmente nos anos 80 d.C. Ele afirma que seria improvável Jesus ter usado essa expressão. Entretanto, não existe nada contra o uso da expressão “Reino de Deus” por Jesus⁵³³.

De modo conclusivo, temos os vv. 12-15, que são acréscimos do redator do Evangelho de Mateus. Aliás Mt 11,12-13 parece ter um paralelo com Lc 16,16. No entanto, Lucas está em um contexto diferente⁵³⁴. Além disso, Mateus faz alterações na ordem das palavras em comparação a Lucas. Para melhor análise, tem-se os dois textos abaixo⁵³⁵:

Mt 11,12-13	Lc 16,16
12- ἀπὸ δὲ τῶν ἡμερῶν Ἰωάννου τοῦ βαπτιστοῦ ἕως ἄρτι ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν βιάζεται καὶ βιασταὶ ἀρπάζουσιν αὐτήν. 13- πάντες γὰρ οἱ προφῆται καὶ ὁ νόμος ἕως Ἰωάννου ἐπροφήτευσαν·	16- Ὁ νόμος καὶ οἱ προφῆται μέχρι Ἰωάννου· ἀπὸ τότε ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ εὐαγγελίζεται καὶ πᾶς εἰς αὐτήν βιάζεται.
12- Desde os dias de João, o Batista, até agora, o Reino dos Céus é de força, e forçosos agarram-no. 13- pois todos os profetas e a lei até João profetizaram;	16- A lei e os profetas até João! Daí em diante, é anunciada a Boa Nova do Reino de Deus, e todos se esforçam para entrar nele, com violência.

Tabela 11 - Paralelo entre Mt 11,12-13 e Lc 16,16

Ainda no v. 12 tem-se o verbo “βιάζεται/*sofre violência*”, que somente aparece aqui e em Lc 16,16⁵³⁶. Nos dois casos, o verbo está no presente do indicativo médio. Já o vocábulo “βιασταὶ/*violentos*” é um *hápax legomenon* no Evangelho de Mateus e em todo o Novo Testamento⁵³⁷. No v. 13, encontra-se a expressão: “οἱ προφῆται καὶ ὁ νόμος/*os profetas e a lei*”, que parece ser uma ordem

⁵³² JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento. p. 73-76, (Lc11,20; 13,18.28-29; 14,15; 16,16; 17,20-21; 18,16.29; 19,11; 21,31; 22,16.18)

⁵³³ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 161; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, pp. 100-105.

⁵³⁴ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 193.

⁵³⁵ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 165.

⁵³⁶ CARSON, D. A., Comentário de Mateus, p. 317.

⁵³⁷ VICENT, M. R., Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento, p. 124.

não comum realizada pelo redator, pois o que na verdade temos é “ὁ νόμος καὶ οἱ προφῆται/a lei e os profetas” (Mt 5,17; 7,12; 22,40). Para Carter o propósito no v.13 é de enfatizar a função profética de toda a tradição⁵³⁸. Os vv. 14-15 parecem retomar o v. 9, afirmando que João é profeta. Desta forma, Carson entende que por esse motivo há um acréscimo à fórmula sonora do v. 15: “ὁ ἔχων ὄτα ἀκουέτω/ο que tem ouvidos ouça”, já que aparece em outros textos (Mt 13,9.43; 24,15)⁵³⁹.

Em seu contexto imediato, Mt 11,2-15 é precedido de uma construção comum a esse evangelista no v.1: “Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς διατάσσων τοῖς δώδεκα μαθηταῖς αὐτοῦ, μετέβη ἐκεῖθεν τοῦ διδάσκειν καὶ κηρύσσειν ἐν ταῖς πόλεσιν αὐτῶν/Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles”⁵⁴⁰. De certa forma, Mt 11,1 serve tanto para concluir o discurso de Mt 10,40-42, com o tema das recompensas, como para introduzir a terceira seção narrativa que tem o seu início em Mt 11,2-15. O texto posterior é Mt 11,16-19, que, nesse contexto, executa bem o papel de dar continuidade à narrativa do evangelista. Aqui há uma ligação com Mt 11,2-15, porque a multidão do v. 7 parece ser a mesma da narrativa dos v. 16-19 e João Batista é citado no v. 18⁵⁴¹.

Em um contexto maior, Mt 11,2-15 está entre o discurso missionário ou apostólico (Mt 10 e 11) e na continuação da narrativa (Mt 12). Não existe *a priori* uma conexão direta do conteúdo de Mt 11,2-15 com o texto anterior (Mt 10). Porém, em Mt 11,16ss parece que o redator faz uma alusão à mesma multidão do v. 7, e ainda cita João no v. 18, oferecendo umnexo com Mt 11,2-15. A colocação desta perícopé dentro desse grande bloco foi uma escolha pessoal do redator, que tem os seus interesses muito bem alicerçados⁵⁴². Para Carson, Mt 11, com toda a perícopé aqui pesquisada, em um aspecto temático, estaria ligado a Mt 12–13 por causa dos motivos crescentes do desapontamento com o “Reino de Deus” e as oposições ao ministério terreno de Jesus⁵⁴³.

⁵³⁸ CARTER, W., Evangelho de São Mateus, p. 328.

⁵³⁹ CARSON, D. A., Comentário de Mateus, p. 317.

⁵⁴⁰ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192. O autor afirma que essa frase não tem apenas um sentido conclusivo, mas também tem a função de transição à narração seguinte.

⁵⁴¹ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, pp. 142-143.

⁵⁴² WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia, p. 175.

⁵⁴³ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 310.

O redator mateano, quando visto em um contexto integral ou pragmático, insere Mt 11,2-15 em sua redação, entre um dos seus blocos narrativos⁵⁴⁴. Não obstante, é possível perceber o interesse do evangelista em apresentar João Batista em sua composição literária. O redator, que também pode ser chamado de autor, já no início do seu Evangelho, apresenta em Mt 3,1-12 o Batista iniciando o seu ministério: “Ἐν δὲ ταῖς ἡμέραις ἐκείναις παραγίνεται Ἰωάννης ὁ βαπτιστῆς κηρύσσων ἐν τῇ ἐρήμῳ τῆς Ἰουδαίας”/Naqueles dias apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia”. Aqui no v. 4 consegue-se perceber uma alusão ao ministério do profeta Elias, que se caracterizava de forma semelhante: “αὐτὸς δὲ ὁ Ἰωάννης εἶχεν τὸ ἔνδυμα αὐτοῦ ἀπὸ τριχῶν καμήλου καὶ ζώνην δερματίνην περὶ τὴν ὀσφὺν αὐτοῦ..../e João usava uma roupa de pelos de camelo e um cinturão de couro em torno dos rins”.

O evangelista também tem o interesse de apresentar a relação entre Jesus e João Batista, Jesus é batizado por João (Mt 3,13-14), Jesus ouve a respeito da prisão de João (Mt 4,12). Aqui percebe-se que há um jogo de palavras, pois em Mt 4,12 é Jesus que ouve sobre a prisão de João, e em Mt 11,2 é João que da prisão ouve sobre as obras de Jesus ao dizer: “Ὁ δὲ Ἰωάννης ἀκούσας ἐν τῷ δεσμωτηρίῳ τὰ ἔργα τοῦ Χριστοῦ/Mas João tendo ouvido no cárcere [a respeito] das obras de Cristo”. O redator mateano não deixa de fora do seu relato os motivos da prisão de João e como ele foi executado (Mt 14,1-12). Nesse sentido, é possível perceber a intenção do redator em demonstrar no conjunto de sua obra a importância do Batista em sua teologia.

Além desses dados importantes, o trabalho redacional do evangelista coloca João no centro da questão da autoridade de Jesus em fazer suas obras (Mt 21,25-26), na parábola do julgamento da geração (Mt 11,18), na parábola dos dois filhos (Mt 21,32), no relato da confissão de Pedro (Mt 16,14) e uma pergunta a respeito de Elias (Mt 17,10-13). Em relação aos discípulos de João, o redator os insere na questão do jejum (Mt 9,14-17). De maneira pragmática ou integral, o redator mateano ressalta em sua redação sobre o Cristo (Mt 1,16; 2,4; 16,16.20; 22,42; 23,10), sobre os milagres (Mt 8,2; 13,16-17; 15,31; 21,14) e sobre o escandalizar-se (Mt 13,57; 26,31.33).

Portanto, o que foi exposto acima não deixa sombra de dúvidas. Para o redator mateano, João Batista é um personagem de grande importância em sua redação,

⁵⁴⁴ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 188-189.

destacando a sua característica ministerial e profética, sua relação com Jesus e sua prisão. Além disso, o evangelista ressalta o ministério de João, comparando-o com Elias (Mt 11, 14; 17,10-13).

4.4. Crítica das tradições

Neste tópico abordamos algumas questões da crítica das tradições, a qual busca identificar as tradições subentendidas a um texto⁵⁴⁵. Para Egger, a crítica das tradições pretende descobrir as transformações que o texto, originalmente em circulação em forma de “perícopes isoladas”, sofreu no desenvolver da transmissão oral, como também apreciar os grupos responsáveis por tais elaborações⁵⁴⁶.

Segundo Schnelle, a crítica das tradições “pergunta pela evolução e pelo aspecto de um texto”⁵⁴⁷, tanto em sua etapa oral como nos aspectos de escritas prévias em estágio pré-redacional. Para ele, o propósito da crítica das tradições “é elaborar um modelo da gênese do texto sob análise”⁵⁴⁸. Assim sendo, o nosso objetivo é compreender as tradições conservadas no texto de Mt 11,2-15, com tradições semelhantes proporcionadas em outros textos, buscando descrever as peculiaridades presentes nos mesmos textos⁵⁴⁹.

A perícopa de Mt 11,2-15 tem uma unidade temática e ela está em paralelo com Lc 7,18-35, tendo a sua fonte prioritária no material da fonte “Q”. Na presente perícopa, esta temática está centralizada na pessoa de João Batista e emoldurada pela referência às obras de Cristo (Mt 11,2-15)⁵⁵⁰. Para Barbaglio, o evangelista Mateus agrupou em Mt 11,2-15 um material variado, dando ao conjunto uma marca pessoal do escritor⁵⁵¹.

Para Edmundo Lupieri, o Evangelho de Mateus não tem um material próprio a respeito de João Batista. Seu material repropõe todo o material “protomarco-mateano”, e isto demonstra a sua dependência da tradição “protomarco-mateana”

⁵⁴⁵ LIMA, M. L. C., Exegese bíblica teoria e prática, p. 143; EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 166; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 111; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 279.

⁵⁴⁶ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 186.

⁵⁴⁷ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 111.

⁵⁴⁸ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 111.

⁵⁴⁹ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 279.

⁵⁵⁰ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 187; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 313.

⁵⁵¹ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 187.

sobre João Batista. O que o evangelista mais apresenta a respeito de João Batista, encontra-se no Evangelho de Lucas. Porém, nem tudo o que está em Lucas há um paralelo em Mateus⁵⁵².

O evangelista Mateus não construiu o texto de Mt 11,2-15 do nada. Barbaglio afirma que Mateus fez um trabalho de sistematização e de interpretação do que lhe proporcionava a Igreja Primitiva⁵⁵³. É perceptível nesta perícopes a figura de temas, motivos e imagens veterotestamentárias utilizadas pelo autor do Evangelho de Mateus⁵⁵⁴.

Na abertura da perícopes de Mt 11,2-15, no v. 3, percebe-se o tema do Messias, que era esperado na tradição antiga caracterizando a fé dos profetas (Zc 9,9; Sl 118,26; Gn 49,10; Dn 7,13; 9,25-27)⁵⁵⁵. O motivo apresentado no v. 3 é de um Messias que dá “liberdade aos cativos” (Is 61,1; 42,7). A resposta de Jesus nos vv. 4-6 confirma e evoca sobre ele o papel de Messias prometido e esperado⁵⁵⁶.

Os milagres, as curas e as obras feitas por Jesus revelavam o seu ministério messiânico⁵⁵⁷. Os relatos dos milagres nos vv. 4-6 mostram a imagem do Messias esperado nos profetas, principalmente na linguagem do profeta Isaías: a cura dos “cegos, coxos, mortos ressuscitados, surdos e pobres sendo evangelizados” (Is 29,18-19; 35,4-6; 26,29; 42,18; 61,1). É evidente que a tradição profética conservou bem mais do que a tradição apocalíptica, a fé da comunidade⁵⁵⁸. Destacamos aqui, separadamente, o milagre da purificação dos leprosos, por ter ele uma imagem religiosa do Antigo Testamento, visto que havia uma legislação em torno da questão da lepra (Lv 13–14). Segundo esta norma levítica, contida na Torá judaica, uma pessoa acometida por lepra ficava na linguagem religiosa veterotestamentária, impura e, por consequência disso, impedida de conviver na sociedade. Assim sendo, a pessoa ficava proibida de participar tanto das celebrações religiosas quanto dos

⁵⁵² LUPIERI, E., Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche, p. 81-82.

⁵⁵³ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 187.

⁵⁵⁴ C. LIMA, M. L., Exegese bíblica teoria e prática, p. 145.

⁵⁵⁵ LANCELLOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 111.

⁵⁵⁶ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 300.

⁵⁵⁷ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p.175.

⁵⁵⁸ GALLAZZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 212; LANCELLOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 111; STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 87; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 190; MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p.173; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 301; CARTER, W., Evangelho de São Mateus, p. 324-325; MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 126; LEMOS, B., Leitura do Evangelho de Mateus, p. 57; LUZ, U., Matthew 8-20, p. 134; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 312; BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 47; ALONSO, SCHÖKEL, L; SICRE DIAS, J. L., Profetas I, p. 370-371.

afazeres comuns do dia a dia (Lv 13,44-46). Nesse sentido, o milagre da purificação dos leprosos, no v. 5, faz parte das obras esperadas para os tempos do Messias⁵⁵⁹.

O texto de Mt 11,2-15, ainda evoca a tradição veterotestamentária do Êxodo e o ciclo do profeta Elias. No que diz respeito à tradição do Êxodo, o evangelista traz a imagem do deserto (v. 7-15) e do mensageiro que vai adiante do povo (Ex 23,20). Para Mateus, o deserto não era apenas uma região com valor geográfico mas ele atribuiu ao deserto, em Mt 11,2-15, um valor religioso que rememorava a saída do povo eleito da terra do Egito caminhando pelo deserto até chegar à terra prometida (Ex 13,17-22). Nesse mesmo deserto tem-se a imagem do mensageiro (v. 10) que vai adiante do povo eleito guiando-o até chegarem à terra que Deus lhe havia prometido (Ex 23,20)⁵⁶⁰. De forma verossímil, o evangelista toma a tradição do Êxodo como motivo para demonstrar que, no deserto, no tempo da pregação de João Batista e na chegada do Messias, o povo poderia experimentar um novo êxodo, uma nova história de libertação⁵⁶¹.

Mateus identifica a pessoa de João Batista ao ciclo e à pessoa do profeta Elias (vv. 9.14). João usa vestes idênticas às de Elias (Mt 3,4; 2Rs 1,8): o Batista confrontou o rei Herodes Antipas (Mt 14,3-11), assim como Elias também confrontou o rei Acabe e a rainha Jezabel (2Rs 18-19)⁵⁶². Não obstante, João Batista era o Elias que haveria de vir, para realizar um ministério que seria igual ao do profeta Elias⁵⁶³. Portanto, percebe-se que realmente o evangelista Mateus não criou o texto de Mt 11,2-15 do nada. Pelo contrário, ele fez uso tanto das tradições judaicas antigas como da tradição da Igreja nascente.

No que diz respeito ao v. 11, Barbaglio afirma que é um dito originalmente independente que pode com certeza ser atribuído às próprias palavras do mestre, tendo em vista que a comunidade cristã primitiva, de maneira alguma, enalteceria tanto a figura de João Batista⁵⁶⁴. O texto de Mt 11,11 tem um paralelo imediato a Lc 7,28, textos estes construídos a partir da fonte “Q”, embora com pequenas diferenças que podem ter sido feitas no desenvolvimento de sua tradição.

⁵⁵⁹ LIMA, M. L. C., *Exegese bíblica teoria e prática*, p. 161-162.

⁵⁶⁰ LANCELLOTTI, A., *Comentário ao Evangelho de São Mateus*, p. 112; BARBAGLIO, G.; R. FABRIS. *Os Evangelhos (I)*, p. 191; CARTER, W., *Evangelho de São Mateus*, p. 325- 326; VIDAL, S., *Jesus, o Galileu*, p. 36-38; BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, p. 48.

⁵⁶¹ CARTER, W., *Evangelho de São Mateus*, p. 326.

⁵⁶² W. CARTER. *Evangelho de São Mateus*, pp. 326-228.

⁵⁶³ MAZZAROLO, I., *Evangelho de Mateus*, p.175; LANCELLOTTI, A., *Comentário ao Evangelho de São Mateus*, p. 112; STANLEY, D. M., *Evangelho de Mateus*, p. 87.

⁵⁶⁴ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., *Os Evangelhos (I)*, p. 192.

Segundo J. Jeremias, a diferença mais evidente entre Mt 11,11 e Lc 7,28, encontra-se na expressão “βασιλεία τῶν οὐρανῶν/Reino dos Céus”, do texto mateano, e a expressão “βασιλεία τοῦ θεοῦ/Reino de Deus”, encontrada no texto lucano, a qual ele defende que é mais antiga que a expressão mateana⁵⁶⁵. Para este autor, a sentença “Reino dos Céus” surgiu pela primeira vez na literatura judaica depois de cinquenta anos da atuação de Jesus. Porém, não houve nenhuma objeção contra o uso da expressão “Reino de Deus”, já que a tradição sinótica não evitou usar a palavra “Deus” em seus escritos. Nesse sentido, é possível que a expressão “Reino dos Céus” tenha se originado em algum momento da tradição judaico-cristã⁵⁶⁶.

4.5. Crítica textual

A *Crítica Textus*⁵⁶⁷ se concentra no texto de Mt 11,2-15, objeto material de nosso trabalho, onde usaremos o aparato crítico do texto bíblico de Nestle-Aland²⁸. O referido texto apresenta algumas variantes que precisam ser observadas e analisadas. No desenvolver desse passo da pesquisa será exposta a citação de cada versículo e a problemática nele analisada. Para fundamentar a escolha das possibilidades oferecidas toma-se como apoio os critérios da crítica externa e da crítica interna⁵⁶⁸. É importante também salientar que seguiremos a ordem de importância dos manuscritos oferecida pela introdução do mesmo texto de Nestle-Aland²⁸ e auxiliados por obras de referências e manuais de exegese⁵⁶⁹.

⁵⁶⁵ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, 1998, p. 161.

⁵⁶⁶ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, 1998, p. 161.

⁵⁶⁷ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 29-30.

⁵⁶⁸ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 49; W. GONZAGA. “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 214-235.

⁵⁶⁹ NESTLE-ALAND. Novum Testamentum Graece. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, p. 62. Na introdução desta obra temos a citação dos seguintes manuscritos referentes ao Evangelho de Mateus, como de maior grandeza, segundo a ordem apresenta pelos autores pesquisados: ρ¹, ρ¹⁹, ρ²¹, ρ²⁵, ρ³⁵, ρ³⁷, ρ⁴⁴, ρ⁴⁵, ρ⁵³, ρ⁶², ρ⁶⁴⁽⁺⁶⁷⁾, ρ⁷⁰, ρ⁷¹, ρ⁷³, ρ⁷⁷, ρ⁸³, ρ⁸⁶, ρ⁹⁶, ρ¹⁰¹, ρ¹⁰², ρ¹⁰³, ρ¹⁰⁴, ρ¹⁰⁵, ρ¹¹⁰. Os unciais referentes a Mateus são: κ (01), Α (02), Β (03), C (04), D (05), K (017), L (019), N (022), P(024), W (032), Z (035), Γ (036), Δ (037), Θ (038), 058, 067, 071, 073, 078, 087, 094, 0102, 0106, 0107, 0128, 0148, 0160, 0161, 0170, 0171, 0204, 0234, 0237, 0242, 0249, 0271, 0275, 0277, 0281, 0293, 0298. Os minúsculos e os lecionários referentes a Mateus são: 565, 579, 700, 892, 1241, 1424, ℓ 844, ℓ 2211; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 60-109; SCHNELLE, U., Introdução à exegese do Novo Testamento, p. 29-46; EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 43-52; OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 15; METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 23-24; ALAND, K.; ALAND, B., O texto do Novo Testamento, p. 77-188; PAROSCHI, W.,

1) O v. 2 apresenta a substituição, em parte da tradição, do termo “Χριστοῦ/ de Cristo”, na frase “*e João tendo ouvido na prisão [a respeito] das obras de Cristo...*”, pelo nome “Ἰησοῦ/Jesus”, que é testemunhado pelo manuscrito maiúsculo D, pelo minúsculo 1424 e pela sy^c (versão Siríaca curetoniana). Com essa substituição, a frase ficaria: “*e João tendo ouvido na prisão [a respeito] das obras de Jesus...*”. Essa substituição do substantivo não altera o sentido do texto, mas apenas realiza uma harmonização do nome de Jesus com o destaque do título Cristo. Diante disto concorda-se com o texto de NA²⁸, mantendo a opção pela leitura da variante “Χριστοῦ/de Cristo”, seguindo os critérios da crítica externa e interna, e não pela leitura que propõe “Ἰησοῦ/Jesus”, sendo de menor atestação.

2) O v. 2 apresenta uma segunda variante que é a substituição da preposição δία, na frase “... por meio dos discípulos dele”, pela palavra δυο⁵⁷⁰, que é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos C³ (com correções feitas por uma 3ª mão), K, L, Γ, por *f*¹ (família de minúsculos 1), pelos minúsculos 565, 579, 700, 892, 1424, por ℳ (Texto Majoritário), por códices latinos (Vetus Latina) e Vulgata, pela sy^{hmg} (leitura à margem da versão Siríaca heracleana), por bo (versão boárica) e por Or (Origines). Com essa substituição feita por alguns testemunhos, a tradução ficaria assim: “... dois discípulos dele...”. No aparato crítico de NA²⁸ encontra-se a sigla “p)” antes da variante δυο, isto significa que esta variante surgiu por influência de um texto paralelo a Mateus, o que podemos constatar pela comparação com o texto de Lc 7,18⁵⁷¹. A preposição δία, mantida pelo texto da edição NA²⁸ (txt) é testemunhada pelos seguintes manuscritos: os maiúsculos κ, B, C*, D, P, W, Z, Δ, Θ; por *f*¹³ (família de minúsculos 13) e o minúsculo 33, pelos lecionários ℓ 844, ℓ 2211, pelo códice latino q, pela sy^{p.h} (versões Siríaca Peshitta e Heracleana), pela as (versão copta saídica), e por *mae* (versão copta médio-egípcia). Segundo os critérios externos e os critérios internos, vemos que a leitura da variante “δυο” não estaria no manuscrito original porque realiza uma harmonização com o texto

Crítica Textual do Novo Testamento, p. 141-172. Além disso, a perícopé de Mt 11,2-15 traz as famílias de manuscritos: *f*¹, *f*¹³ e pelos testemunhos dos Padres da Igreja.

⁵⁷⁰ OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 15. O autor desta obra atesta que a variante “duo”, pode ser necessária e importante para a estrutura de algumas línguas.

⁵⁷¹ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 102.

paralelo do Evangelho de Lucas⁵⁷². Com isso, concorda-se em manter o texto grego que nos é apresentado pela edição de NA²⁸.

3) O v. 3 traz uma terceira variante que é a substituição do verbo ἐρχόμενος, um particípio presente médio nominativo masculino singular do verbo ἔρχομαι” (ir, vir)⁵⁷³, na frase “tu és o que vem...”, pelo verbo ἐργαζόμενος, um particípio presente médio nominativo masculino singular do verbo ἐργάζομαι (trabalhar, labutar)⁵⁷⁴, leitura esta que é testemunhada pelo manuscrito maiúsculo D* (*Claromontanus* com uma leitura original de um manuscrito). Com essa substituição do verbo, a frase teria a seguinte tradução: “tu és o que trabalha...”. Tendo em vista os critérios internos e os critérios externos⁵⁷⁵, o verbo ἐρχόμενος parece ser o mais apoiado pela maioria dos manuscritos e por esse motivo, acreditamos ser esse verbo que deva ser mantido como termo original.

4) O v. 5 apresenta uma quarta variante, que se refere à substituição das palavras “καὶ χωλοὶ περιπατοῦσιν” na frase: “e paráliticos andam”, pelas palavras: “χωλοὶ περιπατοῦσιν/paráliticos andam” que são testemunhadas pelos manuscritos Z, Δ, pelo minúsculo 892, pelos códices antigos latinos (*Vetus Latina*), a Vulgata, e por co (todos os manuscritos coptas). Com essa substituição, o “καί” é omitido e a frase ficaria assim: “paráliticos andam”. A omissão do καί por parte da tradição não altera o sentido da tradução, porém, com a omissão da conjunção καί não nos permite ver a ligação que há desta frase com a anterior, que nos deixa perceber a ideia de sequência nas operações de milagres feitos por Jesus. O manuscrito maiúsculo D omite o καί. É possível que o copista tenha feito a omissão do καί para harmonizar com Lc 7,22, onde o καί não aparece. Nesse sentido, concorda-se com o texto apresentado pela edição grega de NA²⁸ como a leitura mais próxima do texto original, tendo em vista que a harmonização procura facilitar a leitura do texto⁵⁷⁶.

5) O v. 5 traz uma sexta variante, que se refere à substituição das palavras “καὶ νεκροὶ ἐγείρονται καὶ πτωχοὶ εὐαγγελίζονται”, na frase: “mortos são ressuscitados e pobres são evangelizados”. A substituição aqui está mais no sentido da ordem das palavras, e, com isso, a frase ficaria na seguinte ordem: “πτωχοὶ

⁵⁷² WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 71. “Lectio difformis a loco parallelo praestat conformi = a leitura divergente em relação à passagem paralela tem predominância sobre a leitura que lhe é conforme”.

⁵⁷³ RUSCONI, C., *Dicionário do grego do Novo Testamento*, p. 199.

⁵⁷⁴ ROBINSON, E., *Léxico grego do Novo Testamento*, p. 362-363.

⁵⁷⁵ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 221.

⁵⁷⁶ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 221.

εὐαγγελίζονται καὶ νεκροὶ ἐγείρονται”, e a tradução ficaria da seguinte forma: “pobres são evangelizados e mortos são ressuscitados”. Essa variante é testemunhada pelos seguintes manuscritos: pelo maiúsculo Θ, por f^{13} (a família de minúsculos 13) e pela sy^c (versão Siríaca curetoniana). A substituição dos termos aqui não altera o sentido do texto, o que se percebe é que nessa estrutura enfatiza-se a questão da evangelização aos pobres. Assim sendo, é preferível concordar com o texto grego da edição de NA²⁸, pois o aparato crítico da NA²⁸ presume que os demais manuscritos e versões mantenham a ordem das palavras como estão no possível texto original.

6) Os vv. 7 e 8 apresentam uma possibilidade de mudança de pontuação. Omanson explica que no versículo 7 existem duas perguntas. A primeira vai até o verbo “θεάσασθαι/contemplar”, na frase “que saístes no deserto a contemplar?” onde poderia também ser feita uma mudança de pontuação antes do verbo θεάσασθαι, e desta forma o texto ficaria assim estruturado: “por que foste ao deserto? Para contemplar...?”. Ele ainda salienta que o sentido do texto não se altera. Suas considerações a esse respeito continuam para o v. 8, onde ele afirma que a primeira pergunta poderia ir até o verbo “ἰδεῖν/ ver”, segundo o texto “que saístes a ver?”. Porém é possível fazer uma mudança na pontuação antes do verbo ἰδεῖν e a pergunta seria construída da seguinte forma: “Sim, por que saístes? Para ver...”⁵⁷⁷. As mudanças de pontuações nos vv. 7-8 não alteram o sentido do texto, sendo assim, concordamos que o texto da edição grega de NA²⁸ pode ser mantido como o mais provável de ser o texto original.

7) O v. 8 apresenta uma sétima variante que diz respeito a uma preservação das palavras: “ἰδεῖν ἄνθρωπον” na frase: “mas que saístes a ver? Um homem...”, mas em uma ordem diferente. A ordem diferente desse termo é: “ἄνθρωπον ἰδεῖν/um homem ver...”, é testemunhada pelo manuscrito maiúsculo \aleph^* (*sinaiticus*) (tem uma leitura original do manuscrito, mas contém uma correção). Porém, o texto da edição NA²⁸ propõe que todos os outros manuscritos e versões mantenham a forma da expressão “ἰδεῖν ἄνθρωπον/ver um homem” como sendo a ordem original do texto grego. Neste sentido, também nós concordamos em manter o que está no texto grego da edição de NA²⁸.

⁵⁷⁷ OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 15.

8) O v. 8 traz uma oitava variante que é uma inserção de uma palavra entre a expressão “ἐν μαλακοῖς ἡμφιεσμένον” na frase: “vestido com vestes finas”. A inserção aqui é da palavra ἱμάτιον (“veste”), que é testemunhado pelos manuscritos maiúsculos C, K, L, N, P, W, Γ, Δ, Θ, por *f*^{1.13} (famílias de minúsculos 1.13) , pelos minúsculos 33, 565, 579, 700, 892, 1424, pelos lecionários ℓ 844, ℓ 2211, pelo *℞* (Texto Majoritário), pelos códices latinos b, f, h, l, pela versão sy (por todos os manuscritos da versão Siríaca), e pela versão co (todos os manuscritos da versão copta). Com essa inserção, a frase se estruturaria da seguinte forma: “ἐν μαλακοῖς ἱμάτιος ἡμφιεσμένον”, e a tradução seria a seguinte: “vestidos com vestes finas⁵⁷⁸”. No aparato crítico de NA²⁸ encontramos a sigla “p)” antes da variante “ἱμάτιος”, isto significa que esta variante surgiu por influência de um texto paralelo a Mateus, pelo que podemos constatar pela comparação com o texto de Lc 7,25. O texto de NA²⁸ (txt) mantém a estrutura do termo nele inserido sem a variante ἱμάτιος e é testemunhado pelos manuscritos maiúsculos *κ*, B, D, Z, códices latinos e Vulgata (lat). Segundo os critérios externos e os critérios internos, concorda-se em manter o texto grego da edição de NA²⁸ como o texto grego mais próximo do original, pois ele é sustentado pelos manuscritos de maior importância e também vemos que a leitura da variante ἱμάτιον não estaria no manuscrito originário porque ela faz uma harmonização com o texto paralelo de Lucas⁵⁷⁹.

9) O v. 8 apresenta uma nona variante que é a substituição da palavra “βασιλέων/dos reis” na frase: “nas casas dos reis estão” pela palavra: βασιλειων, que é testemunhado pelos manuscritos maiúsculos K, N, 565, 579^C (com uma correção feita pela mesma mão ou uma mão tardia), e muitos outros manuscritos (*pm*). Com essa substituição, a frase não mudaria o sentido em seu conteúdo, ela poderia ser traduzida da mesma forma em que se encontra no texto de NA²⁸. A forma estranha do substantivo βασιλειων não aparece no Evangelho de Mateus e nem no Novo Testamento, com isso, podemos concordar com o texto grego da edição de NA²⁸ como trazendo a variante original, pois pode ter havido um erro involuntário por parte dos copistas na hora de sua escrita, no momento em que faziam a cópia do manuscrito⁵⁸⁰.

⁵⁷⁸ ROBINSON, E., *Léxico grego do Novo Testamento*, p. 438.

⁵⁷⁹ WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 71. “Lectio difformis a loco parallelo praestat conformi = a leitura divergente em relação à passagem paralela tem predominância sobre a leitura que lhe é conforme”; GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 221.

⁵⁸⁰ WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 61.

10) O v. 8 traz uma décima variante que é a omissão do verbo εἰσίν, na frase “nas casas dos reis estão”, que é testemunhado pelos manuscritos maiúsculos \aleph^* (com pequenas alterações) e B. Com a omissão do verbo εἰσίν, a tradução ficaria assim: “nas casas dos reis”. A inclusão do verbo εἰσίν é aceita no texto de NA²⁸ (txt) e é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos \aleph^2 (com correções feitas pelo segundo corretor), C, D, K, L, N, P, W, Z, Γ, Δ, Θ, pelas famílias de minúsculos *f*^{1.13}, pelos manuscritos minúsculos 33, 565, 579, 700, 892, 1424, pelos lecionários *l* 844, *l* 2211, pelo \mathfrak{M} (Texto Majoritário), por todos os manuscritos da versão latina (latt), e pela sy^h (versão siríaca heracleana). Segundo os critérios da crítica externa e da crítica interna⁵⁸¹, o verbo “εἰσίν” aparenta ser a leitura mais original do texto. Por isso, concorda-se em manter o texto grego, seguindo a edição de NA²⁸.

11) O v. 9 oferece uma décima primeira variante que é uma preservação mas em ordem diferente das palavras ἰδεῖν; προφήτην; na frase “Mas que saístes a ver? Um profeta?” que são as palavras “προφήτην ἰδεῖν”, testemunhadas pelos manuscritos maiúsculos \aleph^* (com pequenas alterações), B¹ (com correções feitas pelo segundo corretor), W, Z, 0281^{vid} (algum Padre da Igreja talvez testemunhe a leitura em questão)⁵⁸², pelo manuscrito minúsculo 892. A tradução teria a seguinte estrutura: “Por que, então, saístes? Para ver um profeta?”⁵⁸³. O texto de NA²⁸ (txt) mantém a estrutura da frase ἰδεῖν προφήτην; e é testemunhado pelos manuscritos maiúsculos \aleph^2 (com correções feitas pelo 2º corretor), B^{*.2} (com pequenas alterações e com correções feitas pelo 2º corretor), C, D, K, L, N, P, W, Z, Γ, Δ, Θ, pelas famílias de minúsculos *f*^{1.13}, pelos minúsculos 33, 565, 579, 700, 892, 1424, pelos lecionários *l* 844, *l* 2211, pelo \mathfrak{M} (Texto Majoritário), por todos os manuscritos da versão latina (latt), pela versão sy (todos os manuscritos da versão siríaca), e pela versão sa (versão copta saídica). Segundo o critério da crítica interna, que afirma que “a leitura mais difícil é preferencial”, apontamos o termo ἰδεῖν προφήτην; como

⁵⁸¹ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 49.

⁵⁸² WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 77.

⁵⁸³ OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 15. A respeito da variante encontrada no v. 9, o autor faz a seguinte afirmação: “Assim como no versículo anterior, a primeira pergunta pode terminar com o verbo ἰδεῖν, como consta no texto ou, então, pode terminar com o verbo ἐξήλθε (saístes). A coisa se complica com o fato de alguns manuscritos terem as palavras numa ordem diferente, a saber, προφήτην ἰδεῖν, que só pode ser traduzido por ‘por que, então, saístes? Para ver um profeta?’ A leitura que aparece como texto em O Novo Testamento Grego é ambígua e tem tudo para ser original, pois a variante textual elimina a ambiguidade”

sendo a leitura como original⁵⁸⁴. Com isso, concordamos com texto grego da edição de NA²⁸ como sendo o texto que mais se aproxima da forma original do texto grego.

12) O v. 10 traz uma décima segunda variante que é uma inserção de um termo entre as palavras “οὗτος ἐστίν/este é”. O vocábulo inserido é a partícula “γάρ/pois” que é testemunhado pelos manuscritos maiúsculos C, K, L, N, P, W, Γ, Δ, Θ, pelas famílias de minúsculos *f*^{1.13}, pelos minúsculos 33, 565, 579, 700, 892, 1424, pelos lecionários *ℓ* 844, *ℓ* 2211, pelo *℞* (Texto Majoritário), pelos manuscritos latinos antigos (Vetus Latina) e a Vulgata, pela versão sy^{p.h} (versões Siríaca Peshitta e Heracleana), e pela versão co (todos os manuscritos da versão copta). Com a inserção da partícula γάρ, a frase pode ser traduzida da seguinte forma: “pois este é”. O texto de NA²⁸ (txt) preserva a estrutura da frase sem a inserção da partícula γάρ e é testemunhado pelos manuscritos maiúsculos *κ*, B, D, Z, pelo minúsculo 892, pelos códices latinos b, g¹, k, pela versão sy^{s.c} (versão Siríaca sinaítica e curetoniana) e pela versão bo^{mss} (versão copta boárica e manuscritos). Conforme os critérios da crítica interna, “a leitura mais breve deve ser a preferível”, e da crítica externa, a qualidade e antiguidade dos manuscritos devem ser levadas em consideração. Desta forma, concordamos com o texto grego da edição de NA²⁸ pois acreditamos ser a leitura original aquela que não inclui a partícula γάρ⁵⁸⁵.

13) O v.15 apresenta uma décima terceira variante que é a inserção de uma palavra. O termo é um verbo no infinitivo, “ἀκούειν/ouvir”, que encontramos na frase: “ὁ ἔχων ὦτα ἀκούετω/o que tem ouvidos ouça”. Essa inserção é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos *κ*, C, K, L, N, W, Z, Γ, Δ, Θ, pelas famílias de minúsculos *f*^{1.13}, pelos manuscritos minúsculos 33, 565, 579, 892, 1424, pelos lecionários *ℓ* 844, *ℓ* 2211, pelo *℞* (Texto Majoritário), pelos manuscritos latinos antigos (Vetus Latina) e a Vulgata (lat), pelas versões sy^{c.p.h} (versões siríacas curetoniana, peshita e heracleana) e pela versão co (por todos os manuscritos da versão copta) e por Justino. Inserindo o verbo na frase, ela se estruturaria da seguinte forma: “ὁ ἔχων ὦτα ἀκούειν ἀκούετω” e a tradução poderia ser: “o que tem ouvidos para ouvir ouça”⁵⁸⁶. O texto de NA²⁸ (txt) não apoia a inserção do

⁵⁸⁴ PAROSCHI, W., Crítica Textual do Novo Testamento, p. 179-188; GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”. p. 220-221.

⁵⁸⁵ PAROSCHI, W., Crítica Textual do Novo Testamento, p. 179-188; GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”. p. 220-221.

⁵⁸⁶ OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 16. A respeito desta variante, citaremos as considerações de Omanson que afirma: “a locução mais longa “ὦτα ἀκούειν/ouvidos

verbo no infinitivo “ἀκούειν/ouvir” em seu conteúdo textual e essa ausência é testemunhada pelos manuscritos maiúsculos B, D, pelo minúsculo 700, pelo códice latino k e pela versão sy^s (versão siríaca sinaítica). Segundo os critérios internos a leitura mais curta é a preferível (*lectio brevior*) e a leitura difícilima (*lectio difficillima*), porque a inserção do verbo “ἀκούειν/ouvir” pode ter sido uma forma do copista querer explicar e suavizar o texto⁵⁸⁷. Não obstante, concordamos que o texto grego apresentado na edição de NA²⁸ é o que mais se aproxima do texto grego original.

4.6.

O texto grego de Mt 11,2-15: tradução e segmentação

Esta pesquisa tem como objeto material o texto de Mt 11,2-15, a partir do texto grego extraído do NA28⁵⁸⁸. A tradução do texto segue os princípios de correspondência formal⁵⁸⁹. O texto está segmentado de maneira a apresentar as unidades menores e cada linha contém um verbo ou no máximo dois, de maneira explícita ou implícita⁵⁹⁰, como ocorre em frases.

	v.2	
Ὁ δὲ Ἰωάννης ἀκούσας ἐν τῷ δεσμοτηρίῳ τὰ ἔργα τοῦ Χριστοῦ	2a	Mas João tendo ouvido no cárcere as obras do Cristo,
πέμψας διὰ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ	2b	tendo enviado por meio de seus discípulos
	v.3	
εἶπεν αὐτῷ·	3a	Disse-lhes:
σὺ εἶ ὁ ἐρχόμενος	3b	Tu és o que vem
ἢ ἕτερον προσδοκῶμεν;	3c	ou esperamos outro?
	v.4	
καὶ ἀποκριθεὶς ὁ Ἰησοῦς	4a	E respondendo Jesus
εἶπεν αὐτοῖς·	4b	disse-lhes:
πορευθέντες ἀπαγγείλατε Ἰωάννη	4c	“indo, anunciai a João
ἃ ἀκούετε καὶ βλέπετε·	4d	as coisas que ouvís e vedes:
	v.5	

para ouvir”, ocorre com frequência em outras passagens do NT (Mc 4, 9.23; 7,16; Lc 8,8; 14,35), de sorte que não surpreende que copistas tenham inserido o infinitivo ἀκούειν aqui, em Mt 11,15 (e também em Mt 13,9.43). Se o infinitivo fizesse parte do texto original, fica difícil de explicar por que teria sido omitido em importantes manuscritos. O significado das duas formas de texto é o mesmo”; MILLOS, S. P., Mateo, p. 737.

⁵⁸⁷ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”. p. 220-221.

⁵⁸⁸ NESTLE-ALAND. Novum Testamentum Graece, p. 30-31.

⁵⁸⁹ ARTOLA, A. M.; CARO, J. M. S., A Bíblia e a Palavra de Deus, p. 327.

⁵⁹⁰ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 53.

τυφλοὶ ἀναβλέπουσιν	5a	cegos tornam a ver
καὶ χωλοὶ περιπατοῦσιν,	5b	e paralíticos andam,
λεπροὶ καθαρίζονται	5c	leprosos são purificados
καὶ κωφοὶ ἀκούουσιν,	5d	e surdos ouvem,
καὶ νεκροὶ ἐγείρονται	5e	e mortos são ressuscitados
καὶ πτωχοὶ εὐαγγελίζονται·	5f	e pobres são evangelizados;
	v.6	
καὶ μακάριός ἐστιν	6a	e bem-aventurado é
ὁς ἐὰν μὴ σκανδαλισθῆ ἐν ἐμοί.	6b	aquele que não for escandalizado em mim”.
	v.7	
Τούτων δὲ πορευομένων	7a	Estes, porém, partindo,
ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς λέγειν τοῖς ὄχλοις περὶ Ἰωάννου·	7b	Jesus começou a falar às multidões a respeito de João:
τί ἐξήλθατε εἰς τὴν ἔρημον θεάσασθαι;	7c	Que saístes no deserto para contemplar?
κάλαμον ὑπὸ ἀνέμου σαλευόμενον;	7d	Uma caniço sacudida pelo vento?
	v.8	
ἀλλὰ τί ἐξήλθατε ἰδεῖν;	8a	Mas que saístes a ver?
ἄνθρωπον ἐν μαλακοῖς ἡμφιεσμένον;	8b	Um homem vestido em vestes finas?
ἰδοὺ οἱ τὰ μαλακὰ φοροῦντες	8c	Eis os que trazem as vestes finas,
ἐν τοῖς οἴκοις τῶν βασιλέων εἰσίν.	8d	nas casas dos reis estão.
	v.9	
ἀλλὰ τί ἐξήλθατε ἰδεῖν; προφήτην;	9a	Mas que saístes a ver? Um profeta?
ναὶ λέγω ὑμῖν, καὶ περισσότερον προφήτου.	9b	Sim, digo vós, e mais do que profeta.
	v.10	
οὗτός ἐστιν	10a	Este é
περὶ οὗ γέγραπται·	10b	a respeito de quem está escrito:
ἰδοὺ ἐγὼ ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου,	10c	eis eu envio o meu mensageiro diante de tua face,
ὃς κατασκευάσει τὴν ὁδὸν σου ἔμπροσθέν σου.	10d	o qual preparará o teu caminho perante ti.
	v.11	
Ἀμὴν λέγω ὑμῖν·	11a	Em verdade vos digo:
οὐκ ἐγήγερται ἐν γεννητοῖς γυναικῶν	11b	não surgiu entre os nascidos de mulheres
μείζων Ἰωάννου τοῦ βαπτιστοῦ·	11c	maior do que João, o Batista;
ὁ δὲ μικρότερος ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν μείζων αὐτοῦ ἐστιν.	11d	mas o menor no Reino dos Céus é maior do que ele.
	v.12	
ἀπὸ δὲ τῶν ἡμερῶν Ἰωάννου τοῦ βαπτιστοῦ ἕως ἄρτι	12a	E desde os dias de João, o Batista até agora

ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν βιάζεται	12b	o Reino dos Céus sofre violência,
καὶ βιασταὶ ἀρπάζουσιν αὐτήν.	12c	e violentos apoderam-se dele.
	v.13	
πάντες γὰρ οἱ προφῆται καὶ ὁ νόμος	13a	Pois todos os profetas e a lei
ἕως Ἰωάννου ἐπροφήτευσαν.	13b	até João profetizaram;
	v.14	
καὶ εἰ θέλετε δέξασθαι,	14a	E se quereis aceitar,
αὐτός ἐστιν Ἠλίας ὁ μέλλων ἔρχεσθαι.	14b	este é Elias, o que está por vir.
	v.15	
ὁ ἔχων ὄτα	15a	O que tem ouvidos
ἀκουέτω.	15b	ouça.

Tabela 12 - O texto grego de Mt 11,2-15: tradução e segmentação

4.7.

Comentário exegético de Mt 11,2-15

Neste tópico, faremos o comentário exegético na perícopa de Mt 11,2-15, o qual será desenvolvido a partir das análises realizadas nas diferentes etapas metodológicas utilizadas na exegese⁵⁹¹. O comentário exegético de Mt 11,2-15 seguirá a ordem de estrutura proposta nesta pesquisa, respeitando ao máximo o que foi sugerido como composição das partes do texto de Mt 11,2-15.

4.7.1.

João envia os seus discípulos (Mt 11,2-3)

João Batista, estando encarcerado, envia alguns dos seus discípulos para interrogar a Jesus sobre a sua identidade. Nesse sentido, os vv. 2-3 abrem a narrativa de Mt 11,2-15, que se diferencia da perícopa anterior com a conjunção adversativa “δέ/mas”. Aqui, é importante salientar, há uma interação entre João Batista e seus discípulos. O v. 2 traz a expressão grega δεσμοτηρίῳ, um substantivo dativo neutro singular que significa “prisão, cárcere”⁵⁹² e a terminação deste vocábulo tem a ideia de lugar⁵⁹³. Segundo informações de Flávio Josefo, esta prisão em que João foi encarcerado ficava numa fortaleza em Maquera, a uns oito quilômetros ao leste do

⁵⁹¹ LIMA, M. L. C., Exegese bíblica teoria e prática, p. 165.

⁵⁹² RUSCONI, C., Dicionário do grego do Novo Testamento, p. 119; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 201.

⁵⁹³ RIENECKER, F.; ROGERS, C.. Chave linguística do Novo Testamento, p. 23.

Mar Morto⁵⁹⁴. As causas do aprisionamento de João estão em Mt 14,3-5 e é possível que João tenha ficado preso por um grande tempo no período do ministério de Jesus na Galileia (Mt 4,12)⁵⁹⁵.

A expressão “τὰ ἔργα τοῦ Χριστοῦ/*as obras do Cristo*” traz dois pontos sutis: o primeiro é o uso de “Cristo”; o segundo é o que Cristo está fazendo. Para Carson, essa é uma expressão vaga de uma referência à tríplice alusão para os milagres de Jesus (Mt 8 – 9), seus ensinamentos (Mt 5 – 7) e crescente missão (Mt 10)⁵⁹⁶. Já para Barbaglio, o evangelista fala das “obras do Cristo” em um sentido que parece ser do conhecimento de João Batista. Ele também percebe que no paralelo em Lucas, a informação sobre “as obras do Cristo” está de forma mais relativa com a simples oração “todas essas coisas”⁵⁹⁷.

É possível que os discípulos de João levassem as informações sobre o que Cristo estava fazendo, pois o verbo “ἀκούσαζ/*tendo ouvido*” demonstra essa ação. Portanto, entende-se que o termo “obras”, mesmo que seja considerado por alguns como um termo vago, reconsidera o ministério público de Jesus, suas palavras e feitos⁵⁹⁸.

João Batista, na condição de prisioneiro, ouve sobre “as obras do Cristo” e agora envia seus discípulos para perguntar sobre a identidade de Jesus. No v. 3, João Batista faz a seguinte pergunta: “σὺ εἶ ὁ ἐρχόμενος ἢ ἕτερον προσδοκῶμεν;/*tu és o que vem ou esperamos outro?*”. A presente oração contém o pronome pessoal “σύ/*tu*”, que aqui está na forma de “tu” enfático, demonstrando que Jesus é o sujeito que há de vir⁵⁹⁹.

A locução: “ὁ ἐρχόμενος/*o que vem*”, ou seja, o Messias (Mt 3,11), pode ser uma expressão que remonte a textos como o de Sl 128,26 e Is 59,20. É provável que João Batista tinha dificuldades para reconhecer no procedimento claramente reservado de Jesus, o libertador e juiz, cuja vinda ele apregoava⁶⁰⁰. Carter alega que nos tempos de João Batista não havia nenhuma expectativa messiânica uniforme ou prevalente⁶⁰¹.

⁵⁹⁴ FLÁVIO JOSEFO. História dos hebreus, p. 838; MILLOS, S. P., Mateo, p. 717.

⁵⁹⁵ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 311; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 136.

⁵⁹⁶ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 311.

⁵⁹⁷ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 189.

⁵⁹⁸ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 324; MILLOS, S. P., Mateo, p. 717.

⁵⁹⁹ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 324; MILLOS, S. P., Mateo, p. 717.

⁶⁰⁰ HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 104; LUZ, U., Matthew 8-20, p. 133.

⁶⁰¹ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 324.

Segundo Barbaglio, João Batista tinha dúvidas a respeito da identidade messiânica de Jesus. Ele ainda afirma que a expressão “ὁ ἐρχόμενος/*o que vem*” tem referências a alguns textos bíblicos como em Gn 49,10; Sl 128,26 e Ml 3,1.2-3. O autor não considera esta expressão messiânica por si apenas, porém, em Mt 3,11 afirma que “ὁ ἐρχόμενος/*o que vem*” indica certamente o Messias⁶⁰². É possível que a dúvida do Batista poderia ter sido causada por ele ter uma expectativa messiânica de alguém que viria para julgar, ou seja, João estava esperando um Messias vestido de um inflexível juiz final⁶⁰³.

É preciso entender também, aqui, que a pergunta de João Batista é um pouco desconcertante, pois o Batista já havia feito oposição no batismo de Jesus, por considerá-lo como superior a si (Mt 3,13-14). João é ainda o anunciador que apresenta ao povo Jesus como o Cordeiro de Deus (Jo 1,29). Millos argumenta que qualquer que seja a suposição para explicar a pergunta de João é mera hipótese⁶⁰⁴. É considerável quando alguém em situação de uma prova muito intensa, como no caso do aprisionamento de João Batista ter dúvidas e sofrer alguma debilidade na fé. Nesse sentido, João Batista formula sua pergunta sobre a identidade de Jesus por intermédio de seus discípulos, ele não se reservou de suas dúvidas, mas compartilhou-as com os seus discípulos e foi logo perguntar àquele que poderia responder a sua dúvida, que é Jesus⁶⁰⁵.

No v. 3 encontra-se o verbo προσδοκῶμεν que tem o sentido de olhar atentamente na direção de ou para alguma coisa, ou seja, esperar, aguardar por e estar na expectativa de⁶⁰⁶. Este verbo aparece mais uma vez em Mt 24,50 com uma expectativa futura na parusia de Jesus⁶⁰⁷. O verbo προσδοκῶμεν aparece também no texto paralelo de Lc 7,19-20 com o mesmo sentido de esperar ou aguardar. Para Di Paolo, o verbo προσδοκῶμεν indica alguém que esteja esperando cheio de esperança ou medo ou mesmo sob condições normais. Na Septuaginta, o termo refere-se à expectativa de Deus, à sua intervenção, de sua palavra (Dt 32,2), de sua salvação (2Mac 7,14; 9,25; 15,28), de sua misericórdia (Sb 12,22)⁶⁰⁸.

⁶⁰² FABRY, H. J.; SCHOLTISSEK., O Messias, p. 107.

⁶⁰³ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 190.

⁶⁰⁴ MILLOS, S. P., Mateo, p. 719.

⁶⁰⁵ MILLOS, S. P., Mateo, p. 719; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 312; TASKER, R. V. G., Mateus, p. 90-91.

⁶⁰⁶ ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 787; HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 105.

⁶⁰⁷ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 300.

⁶⁰⁸ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 19.

As expectativas de João Batista não haviam sido ainda cumpridas, no que tange a um julgamento apocalíptico realizado por Jesus contra os inimigos, com a inclusão do rei Herodes. Ele se questiona se outro (ἕτερον) deveria ser aguardado⁶⁰⁹. É evidente que a resposta de Jesus foi negativa⁶¹⁰, pois ele é o Messias esperado e que João Batista deveria manter essa esperança em seu coração, mesmo em situação de encarcerado.

4.7.2.

Jesus responde aos discípulos de João Batista (Mt 11,4-6)

Nos vv. 4-6, os discípulos chegam até Jesus e ouvem a sua resposta a respeito de si. Com isso, o v. 4 aparenta ser uma introdução inserida pelo narrador desta seção da perícopa de Mt 11,2-15. Neste momento, Jesus é introduzido como o personagem que fala aos discípulos de João, sendo inserido no cenário quando o v.4 inicia-se dizendo “καὶ ἀποκριθεὶς⁶¹¹ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτοῖς· πορευθέντες ἀπαγγείλατε Ἰωάννῃ ἃ ἀκούετε καὶ βλέπετε/*e respondendo Jesus disse-lhes: indo, anunciai a João as coisas que ouvís e vedes*”. Este versículo é idêntico ao seu paralelo em Lc 7,22.

O verbo “πορευθέντες/*ido*”, que está no particípio aoristo passivo nominativo masculino segunda pessoa do plural, pode ser traduzido com o sentido de imperativo⁶¹², e o verbo “ἀπαγγείλατε/*anunciai*”, que se encontra no aoristo imperativo ativo segunda masculino plural, apontam para uma resposta direta a João Batista. Para Millos, o v. 4 deixa subtendido que talvez tenha sido o próprio João que tinha reservas sobre quem era o Cristo. Ele ainda afirma que não é possível confirmar essa especulação, já que não há base bíblica para sustentá-la⁶¹³.

Os dois verbos “ἀκούετε/*ouvís*” e “βλέπετε/*vedes*” no v. 4b são considerados por Luz como uma chamada de atenção na resposta de Jesus ao questionador, para o que ele ouve e vê⁶¹⁴. Nesse sentido, Hagner afirma que o evangelista Mateus presume, ao usar esses verbos em sua narrativa, que os discípulos de João tiveram

⁶⁰⁹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 300.

⁶¹⁰ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 301.

⁶¹¹ ZERWICK, M., El Griego del Nuevo Testamento, p. 155-156.

⁶¹² HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 105.

⁶¹³ MILLOS, S. P., Mateo, p. 720.

⁶¹⁴ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 134.

uma grande oportunidade de contemplar o ministério de Jesus (Mt 11,4; par. Lc 7,21)⁶¹⁵.

A resposta de Jesus continua no v.5, Mateus expõe na sua narrativa alguns milagres que Jesus havia realizado, mas omite que os milagres foram realizados no mesmo momento da pergunta dos discípulos de João Batista. De forma diferente, Lucas narra a pergunta dos discípulos (Lc 7,20) e os milagres parecem acontecer no mesmo instante em que é feita a pergunta (Lc 7,21). É preciso entender, aqui, que a resposta de Jesus se apresenta de maneira profética que prenunciava a salvação do povo para entender o Êxodo definitivo (Is 29,18; 2619)⁶¹⁶. Há também um consenso de que os milagres listados nos vv. 4-5 fazem parte de um contexto de passagens do Antigo Testamento⁶¹⁷.

No v. 5, os milagres que Jesus realizou estão narrados na seguinte ordem: “τυφλοί/cegos”, “ἀναβλέπουσιν/*tornam a ver*”, “καὶ χωλοί/*e paralíticos*”, “περιπατοῦσιν/*andam*”, “λεπροὶ/*leprosos*”, “καθαρίζονται/*são purificados*”, “καὶ κωφοί/*e surdos*”, “ἀκούουσιν/*ouvem*”, “καὶ νεκροὶ/*e mortos*”, “ἐγείρονται/*são ressuscitados*” e o v. 5 termina com a sentença em que “καὶ πτωχοί/*e pobres*”, “εὐαγγελίζονται/*são evangelizados*”. A resposta de Jesus, citando os milagres realizados por ele, estão descritos em diversos capítulos do Evangelho de Mateus: a cura de dois cegos (Mt 9,27-30), a cura de um surdo e mudo (Mt 9,32-33), a cura de paralíticos (Mt 4,24; 8,6-13; 9,2-7), a purificação do leproso (Mt 8,2-3), a ressurreição da filha de um magistrado (Mt 9,18-25) e a proclamação do Evangelho aos pobres (Mt 5,3-13). E a sua obra continua (Mt 15,30-31)⁶¹⁸ e ainda pode ser, como afirmam Carson e Beale, uma alusão a Is 42,18⁶¹⁹.

O v. 5 conta com a presença de seis verbos: três verbos “ἀναβλέπουσιν/*tornam a ver*”, “περιπατοῦσιν/*andam*” e “ἀκούουσιν/*ouvem*” estão no presente do indicativo ativo, estes verbos estão cada um ligados a um tipo de enfermidade que afeta parte das maiores necessidades humanas: “ver, ouvir e andar”. Dos três verbos o que mais chama a atenção é o verbo ἀναβλέπουσιν, que tendo a preposição ἀνα

⁶¹⁵ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 300; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 190; MILLOS, S. P., Mateo, p. 720.

⁶¹⁶ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 126.

⁶¹⁷ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 312; LUZ, U., Matthew 8-20, p. 134; MILLOS, S. P., Mateo, p. 721; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 301; MATEOS, R.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 126; MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p. 173

⁶¹⁸ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelho de Mateo, p. 301-302; LUZ, U., Matthew 8-20, p. 134; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 301.

⁶¹⁹ BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 47

dá ao verbo a ideia de olhar para cima, levantar o olhar e aqui em Mt 11,5, o conceito é de recuperar a vista como em Mc 8,24⁶²⁰. Os outros três verbos: καθαρίζονται, ἐγείρονται e εὐαγγελίζονται estão no presente do indicativo passivo, e os seus respectivos significados podem ser “são purificados, são ressuscitados e são evangelizados”. Estes verbos, no passivo, são considerados na teologia como passivo divino⁶²¹ pois direcionam a ação de Deus em Jesus⁶²².

Os vocábulos usados para identificar as enfermidades são: “Τυφλοὶ/cegos”, “χωλοὶ/paralíticos”, “λεπροὶ/leprosos”, “κωφοὶ/surdos” e “νεκροὶ/mortos”. O termo mais significativo aqui é “λεπροὶ/leprosos”, por causa da impureza cúllica causada pela lepra (Lv 13) e por isso, os “λεπροὶ/leprosos” deveriam ser purificados (“καθαρίζονται”) para retornarem à vida cúllica e social⁶²³. O termo “κωφοὶ/surdos”, pode referir-se ao órgão fonatório ou audição, significando tanto surdo quanto mudo⁶²⁴. O vocábulo “νεκροὶ/mortos”, no oriente, em geral, é uma expressão que pode muitas vezes significar morrer⁶²⁵.

A essa lista de milagres é acrescido o anúncio de boas novas aos pobres “καὶ πτωχοὶ εὐαγγελίζονται/e pobres são evangelizados” (Mt 11,5; Is 61,1)⁶²⁶. Os pobres πτωχοὶ aqui têm o mesmo sentido de pobres em Mt 5,3⁶²⁷. Millos afirma que havia uma diferença entre a mensagem de Jesus e a mensagem dos profetas. Os profetas apregoavam as suas palavras aos reis, governadores e líderes religiosos. Jesus, porém, voltou-se para os desvalidos. A mensagem evangelística de Jesus era para os pobres. A pregação do Evangelho do Reino foi direcionada para os pobres e abatidos de espírito⁶²⁸.

A resposta de Jesus aos discípulos de João Batista se encerra no v. 6 com um macarismo⁶²⁹. Para Millos este versículo é uma cláusula conclusiva ligada com o que a antecede por causa da conjunção καὶ, seguida do adjetivo μακάριος⁶³⁰, que

⁶²⁰ HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 105; MILLOS, S. P., Mateo, p. 721.

⁶²¹ WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 437-438.

⁶²² CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 324.

⁶²³ HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 105.

⁶²⁴ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 19.

⁶²⁵ ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 136.

⁶²⁶ R. MATEOS; F. CAMACHO. O Evangelho de Mateus, p. 126.

⁶²⁷ ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 807. De forma especial e partindo do hebraico, πτωχός têm o significado de pobre, humilde, modesto, de situação humilde, incluindo também a ideia de estar aflito, angustiado.

⁶²⁸ MILLOS, S. P., Mateo, p. 721-722.

⁶²⁹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 301; LUZ, U., Matthew 8-20, p. 135.

⁶³⁰ MILLOS, S. P., Mateo, p. 722.

pode significar “feliz, ditoso, bem-aventurado, aquilo que torna bendito”⁶³¹. Para Barbaglio, o v. 6 é um dito independente, porém unido à fonte “Q”⁶³². Há quem considere que o v.6 seria ao mesmo tempo uma advertência e uma bem-aventurança, isto é, aquele que acolher a sua forma de agir e, junto a isso, receber sua pessoa e missão⁶³³.

O v. 6b apresenta uma parte importante para entender-se quem é este “μακάριος/*bem-aventurado*”. Aqui, tem-se o pronome relativo nominativo masculino singular ὅς, seguido da conjunção ἐάν, que está ligada à partícula negativa μή, podendo ser traduzido como “quem (quer que) ou todo aquele que não”, precedendo ao verbo “σκανδαλισθῆ/*for escandalizado*” que está no aoristo subjuntivo expressando o que pode ocorrer futuramente⁶³⁴. Para muitos, Jesus era um escândalo, era a pedra de tropeço para os outros em Israel (Lc 2,34). Porém, ele também era a rocha angular e fundamental e a pedra de firmeza para os que acreditavam nele⁶³⁵. Carter assevera que essa bem-aventurança afirma uma resposta positiva (Mt 10,32-33) e ter um encontro com Jesus é ter um encontro com Deus (Mt 10,40)⁶³⁶.

A expressão “μή σκανδαλισθῆ ἐν ἐμοί/*não for escandalizado em mim*”, tem em Mt 11,6 a ideia de alguém que não está escandalizado em Jesus, este mesmo conceito pode ser identificado em Mt 13,57; 26,31.33; Jo 6,61⁶³⁷. Mazzarolo afirma que “muitos dos resistentes e opositores, em virtude de suas ideias fixas no passado,

⁶³¹ RUSCONI, C., Dicionário do grego do Novo Testamento, p. 293; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 552

⁶³² BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 190.

⁶³³ MATEOS, R.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 126.

⁶³⁴ HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 105. O autor oferece algumas possibilidades para a tradução da expressão μή σκανδαλισθῆ ἐν ἐμοί que são: “quem não cair por minha causa (isto é, que não encontrar em mim e na minha atuação ocasião para recusar a fé em mim ou voltar-me as costas e assim cair em pecado) ou quem não se escandalizar por minha causa ou que não ficar desenganado comigo”; E. ROBINSON. Léxico grego do Novo Testamento, pp. 247, 649-653

⁶³⁵ MILLOS, S. P., Mateo, pp. 723.

⁶³⁶ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 325.

⁶³⁷ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 300. Hagner entende que João estava correto em reconhecer Jesus como o prometido, porém também precisa estar pronto para compreender o fato de que o Reino que Jesus traz não implica ainda o julgamento dele, pelo contrário, a mensagem do Reino vai precisamente aos injustos (9,13). As consequências pessoais para João seriam significativas: não só continuava a prisão, mas também a morte de um mártir. Estes também não eram incompatíveis com a realidade do Reino trazido por Jesus; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 19. O autor traduz o verbo σκανδαλισθῆ indicando-o como o obstáculo que se encontra no caminho; o que você tropeça.

fariam escândalos das palavras e gestos de Jesus, de modo particular no relacionamento com pessoas impuras, com doentes e pobres (11,16-24)”⁶³⁸.

A preposição ἐν é sempre regida por dativo. Por isso está seguida do pronome pessoal de 1ª pessoa singular no dativo ἐμοί, que aqui é traduzida como “em mim”, por causa da preposição ἐν⁶³⁹. Para Luz, ἐν designa a pessoa ou coisa pela qual a ofensa vem. Ele segue afirmando que esta construção do v. 6b é usada, em outra ocasião para destacar o abandono final de Jesus na paixão (Mt 26,31.33) e no tempo do fim (Mt 24,10). O pronome pessoal ἐμοί está na forma enfática⁶⁴⁰, o evangelista tem a intenção de enfatizar sobre quem é o responsável da bem-aventurança. Para Carter, a bênção se centraliza na pessoa de Jesus “ἐμοί/mim”. Percebe que suas obras comprovam sua identidade e revela sua missão como Cristo, o Ungido por Deus para revelar o Reino de Deus⁶⁴¹.

4.7.3. Jesus dá testemunho de João Batista (Mt 11,7-15)

Após as respostas de Jesus aos discípulos de João Batista nos vv. 4-6, Jesus começa a testemunhar sobre a identidade dele⁶⁴². O v. 7 inicia com uma nota narrativa introdutória: “Τούτων δὲ πορευομένων ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς λέγειν τοῖς ὄχλοις περὶ Ἰωάννου/*Estes, porém, partindo, Jesus começou a falar às multidões a respeito de João*”, como no v. 2 e 4. O pronome demonstrativo “τούτων/*estes*” se refere aos discípulos enviados pelo Batista no v. 2⁶⁴³. O verbo “πορευομένων/*partindo*” é o mesmo verbo usado no v. 4 para designar o retorno dos discípulos de João⁶⁴⁴. “Τοῖς ὄχλοις/*às multidões*” são os personagens que aparecem agora para ouvirem a Jesus sobre a identidade do Batista. Mateus não explica de onde surgiu essa multidão, porém, é a ela que se referem as palavras de Jesus⁶⁴⁵.

⁶³⁸ MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p. 173.

⁶³⁹ ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 310-311

⁶⁴⁰ SWETNAM, J., Gramática do grego do Novo Testamento, p. 45; JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. Aprendendo o grego, p. 325.

⁶⁴¹ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 325.

⁶⁴² LUZ, U., Matthew 8-20, p. 136; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 313.

⁶⁴³ HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 105.

⁶⁴⁴ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 325.

⁶⁴⁵ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 302.

A pergunta crucial a esta indagação é a respeito da identidade de João Batista: “τί ἐξήλθατε εἰς τὴν ἔρημον θεάσασθαι;/que saístes no deserto para contemplar?” (v. 7c). O verbo θεάομαι traz neste texto, a ideia de contemplar, olhar com atenção, ver com desejo e admiração⁶⁴⁶. Ele está no deserto onde os caniços não crescem “κάλαμον ὑπὸ ἀνέμου σαλευόμενον;/uma cana sacudida pelo vento?” (v. 7d) e onde os ricos não aguentam “ἐν τοῖς οἴκοις τῶν βασιλέων εἰσὶν/nas casas dos reis estão” (8c). O Batista não é um cortesão, que semelhante ao caniço é lançado de um lado para o outro e necessita se encurvar aos jogos de humor dos soberanos; ele também não é como os reis da terra⁶⁴⁷.

Para Di Paolo, João Batista não é um caniço sacudido pelo vento, vazio no seu interior, fraco, frágil, à mercê de alguém. As pessoas poderiam se aproveitar disso para dobrá-lo⁶⁴⁸. Na verdade, ele não era uma cana sacudida pelo vento, porque o seu caráter íntegro não admitia se inclinar às manifestações corruptas do rei Herodes. O próprio encarceramento de João (v. 2) correspondia com a firmeza de seu caráter que advertia a Herodes de sua vida pecaminosa ao unir-se à esposa de seu irmão⁶⁴⁹.

No v. 8b há mais uma pergunta feita por Jesus. Ele pergunta agora o que a multidão foi ver: “ἄνθρωπον ἐν μαλακοῖς ἡμφιεσμένον/Um homem vestido com vestes finas?”⁶⁵⁰. Sua resposta foi claramente negativa, João não é um homem com vestes finas (v. 8cd), ele não é um amante da vida confortável e rica, pronto para satisfazer toda a cobiça de poder, habitando nos palácios reais: “ἐν τοῖς οἴκοις τῶν βασιλέων εἰσὶν/nas casas dos reis estão” (v. 8d)⁶⁵¹.

Jesus pode estar se referindo à corte licenciosa e imoral que era própria do rei Herodes⁶⁵². O deserto não era um lugar para apresentar-se por mero espetáculo ou show de poder⁶⁵³. João Batista não estava envolvido em eventos luxuosos nem era um homem de caráter flexível que, como a cana, é levada pelo vento de um lado

⁶⁴⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 725.

⁶⁴⁷ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 44; TASKER, R. V. G., Mateus, p. 92.

⁶⁴⁸ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 44.

⁶⁴⁹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 725.

⁶⁵⁰ MILLOS, S. P., Mateo, p.725-726. O autor afirma que “μαλακοῖς/vestes finas” é usado para qualificar os efeminados, como aparece no catálogo dos vícios (1Cor 6,9). Porém, aqui, Jesus pode estar se referindo à condição licenciosa e imoral que era própria da corte de Herodes; MAZZAROLO, I., Evangelho de Mateus, p. 174.

⁶⁵¹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 726; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 44.

⁶⁵² MILLOS, S. P., Mateo, p. 726.

⁶⁵³ ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 136.

para o outro, assim como os falsos profetas, cortesões, ele também não é mestre dos fatos, como reis, envoltos de roupas finas. O Batista é outra coisa, ele está além destas categorias, ele é um “profeta” (v. 9bc)⁶⁵⁴.

As perguntas anteriores de Jesus em Mt 11,7-8 tiveram uma resposta negativa. Agora no v. 9ab, Jesus pergunta mais uma vez: “ἀλλὰ τί ἐξήλθατε ἰδεῖν; προφήτην;/Mas que saístes a ver? Um profeta?”. E sua resposta agora é positiva: “ναί/sim⁶⁵⁵”. Usando o adjetivo comparativo “περισσότερον/mais do que” Jesus enfatiza que João Batista é mais do que um profeta: “καὶ περισσότερο προφήτου”, pois os profetas apregoaram o advento do Messias, todavia nenhum deles profetizou acerca de si mesmo como parte do cumprimento do tempo da chegada do Messias. Mas João sim, fez isso tomando parte do período profético anunciado (Mt 3,7-12)⁶⁵⁶.

Para Di Paolo, João Batista é um mensageiro todo especial, pois o seu papel de profeta era único. Ele, além disso, afirma que João é o ponto de chegada no caminho da salvação em que Deus se fez presente por meio da lei e dos profetas. De fato, o mensageiro do deserto recebeu do Senhor a altíssima tarefa de proclamar esta vinda e preparar o caminho para Deus que está vindo⁶⁵⁷.

Jesus agora começa a enfatizar no v. 10 a identidade de João Batista. Ele faz uso aqui de uma citação direta do Antigo Testamento (Ml 3,1) quando diz “οὗτός ἐστιν περὶ οὗ γέγραπται⁶⁵⁸/este é a respeito de quem está escrito” (v. 10ab)⁶⁵⁹. Em João Batista cumpre-se a Escritura, pois ele expressa que não é o Messias, mas sim o seu mensageiro e o que prepara o seu caminho⁶⁶⁰.

A citação de Jesus do texto do Antigo Testamento também tem correspondência em outros textos além de Ml 3,1. Para Carson, por exemplo, a forma de citação de Mt 11,10 demonstra influência de Ex 23,20 segundo a tradução grega da LXX, porém, afirma Carson que não há dúvida de que a passagem citada

⁶⁵⁴ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 44; MILLOS, S. P., Mateo Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento, p. 726. Millos afirma que a intenção da pergunta de Jesus é que haja uma reflexão sobre a conduta do Batista, e a conclusão desta pergunta é que João não é um homem igual aos outros que rodeiam o rei Herodes, mas sim, um profeta de Deus vestido com singeleza de profeta; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 191.

⁶⁵⁵ ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 597.

⁶⁵⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 727.

⁶⁵⁷ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 44.

⁶⁵⁸ HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 105. O verbo “γέγραπται/está escrito”, perfeito do indicativo ativo do verbo γράφω, é um termo técnico para introduzir citações das Escrituras.

⁶⁵⁹ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 303.

⁶⁶⁰ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 303.

é Mt 3,1⁶⁶¹. Carter é outro que corrobora esse pensamento de que a citação do v.10 é influência de Ex 20,23 aproximando-se de Mt 3,1⁶⁶².

Para Millos, Jesus assinala que em João cumpre-se uma promessa veterotestamentária. Essa promessa consta em Mt 3,1, sendo que o evangelista Mateus modifica os pronomes pessoais de Mt 3,1. É importante salientar que, os paralelos correspondentes que citam Mt 3,1 nos sinóticos (Mt 11,10; Mc 1,2; Lc 7,27), apresentam a mesma modificação para se referir a Jesus e a seu predecessor João Batista⁶⁶³.

Ex 23,20 LXX	Mt 3,1a BHS	Mt 3,1a LXX	Mt 11,10c	Mc 1,2b	Lc 7,27b
“καὶ ἰδοὺ ἐγὼ ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου	יְהוָה יִנְּחֵנִי וְיִצְּלֵנִי וְיִרְצֵנִי וְיִפְּדֵנִי	ἰδοὺ ἐγὼ ἐξαποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου καὶ ἐπιβλέψεται ὁδὸν πρὸ προσώπου μου	ἰδοὺ ἐγὼ ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου	ἰδοὺ ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου	ἰδοὺ ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου
e eis eu envio o meu mensageiro diante de ti	Eis eu envio o meu mensagei ro e preparará o meu caminho diante de mim	Eis eu envio o meu mensageiro e preparará o meu caminho diante de mim	Eis eu envio o meu mensageiro diante de tua face	Eis envio o meu mensageiro diante de tua face	Eis envio o meu mensagei ro diante de tua face

Tabela 13 – Comparação intratextuais de Mt 11,10

As modificações dos pronomes “μου/de mim” para “σου/de tua”, no v. 10, no que se refere ao texto de Mt 3,1, é a consequência da aplicação do texto a Jesus, isto é, o advento de Deus em Jesus, já que em Ex 23,20, conforme a tradução grega da LXX, o pronome pessoal “σου/de tua” permanece na sua forma original grega e não é modificado por Mateus em sua citação no v. 10. A repetição do pronome pessoal “σου/de ti” refere-se aqui a Jesus. Hagner acredita que João é reconhecido

⁶⁶¹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 314; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 305; LUZ, U., Matthew 8-20, p. 138; MATEOS, R.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 126; BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 48.

⁶⁶² CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 326.

⁶⁶³ MILLOS, S. P., Mateo, p. 727; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 305; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 136.

como aquele que prepara o caminho, identificado posteriormente em Mt 4,5, como Elias, assim como na presente perícopo (Mt 11,14)⁶⁶⁴.

4.7.3.1.

João Batista, o maior entre os nascidos de mulheres (Mt 11,11)

Depois de Jesus ter anunciado a grandeza de João Batista e o seu papel de profeta (v. 9), ele inicia agora o delineamento da identidade do mensageiro do deserto. Alguns consideram Mt 11,11 (par. Lc 7,28) como um acréscimo de Mateus, porém já incluso na fonte “Q”, incluindo também os vv. 12-15⁶⁶⁵.

A construção “Ἀμὴν λέγω ὑμῖν/em verdade digo a vós”, no v. 11a, é comum no Evangelho de Mateus (Mt 6,2.5.16; 8,10; 10,15; 16,28; 18,3.13.18)⁶⁶⁶ e está em uma forma enfática afirmativa⁶⁶⁷. “Ἀμὴν/em verdade”, como afirmação solene de validade, é uma transliteração da palavra hebraica “אֱמֶת/verdade”, que no Antigo Testamento tem predomínio de sentido de “verdade” como correspondência à realidade e ao pensamento, e de “honradez, lealdade”, ou seja, o que se fala é verdadeiro e o fato aconteceu⁶⁶⁸. Aqui no v. 11, o “Ἀμὴν/em verdade” é uma verdade expressa por Jesus a respeito da identidade de João Batista⁶⁶⁹.

Jesus já havia dito que João Batista era mais do que profeta (v. 9), agora ele supera as expectativas quando afirma que o Batista é o maior entre os nascidos de mulheres: “οὐκ ἐγήγερται ἐν γεννητοῖς γυναικῶν μείζων Ἰωάννου τοῦ βαπτιστοῦ/não surgiu entre os nascidos de mulheres maior do que João Batista”. Com a expressão “οὐκ ἐγήγερται⁶⁷⁰/não surgiu”, em Mt 11,11b, Jesus põe João

⁶⁶⁴ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 305; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 314; TASKER, R. V. G., Mateus, p. 92.

⁶⁶⁵ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 314; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 191.

⁶⁶⁶ A construção “Ἀμὴν λέγω ὑμῖν/amém digo a vós” pode ser encontrada em grande parte do Novo Testamento, com algumas variações na sua forma, mas sempre aludindo uma maneira enfática afirmativa; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 137. No evangelho de João é comum, em forma repetitiva.

⁶⁶⁷ MILLOS, S. P., Mateo, p. 727.

⁶⁶⁸ SCHÖKEL, L. A., Dicionário bíblico hebraico-português. São Paulo: Paulus, 1997, p. 66; RUSCONI, C., Dicionário do grego do Novo Testamento, p. 37; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 46; BIETENHAD, H., Ἀμὴν. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, p. 110-111; FUNDERBURK, G. B., Ἀμὴν. Enciclopédia da Bíblia, p. 252-253; LIDDELL, H.G.; SCOTT, R., A greek-english Lexicon, p. 82; GONZAGA, W. “A noção de ἀλήθεια e de εὐαγγέλιον no NT”. Atualidade Teológica PUC-Rio, Rio de Janeiro, Ano 18, fasc. 46, p. 17-27, 2014.

⁶⁶⁹ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 303.

⁶⁷⁰ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 30. O verbo “ἐγήγερται/surgiu” pode também ser traduzido neste contexto com “apareceu”; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 303. O autor considera o verbo “ἐγήγερται/surgiu” como um

Batista acima de todos os que vieram antes dele no Antigo Testamento. Ele afirma que João Batista é maior do que Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Samuel, Davi, Elias, Isaías e Jeremias, etc., isto é, para o autor do Evangelho de Mateus, de todos os que nasceram antes de João Batista, não surgiu ninguém maior do que ele⁶⁷¹, ou seja, João Batista é maior do que os patriarcas, os legisladores, os reis, e os profetas. Nesta lista, não colocamos Adão intencionalmente, visto que ele não nasceu de mulher, e sim, surgiu do ato criador de Deus. A grandeza do Batista já havia sido prometida desde antes de seu nascimento, quando o Senhor diz a Zacarias por meio de um mensageiro que “seu filho será grande” e essa promessa estava se cumprindo na vida do Batista (Lc 1,15)⁶⁷². Neste sentido, não podemos perder de vista que existe um elo entre “o maior entre os nascidos de mulheres” e “o maior de todos nascido de mulher” que é o Cristo, o Messias, do qual João embora seja o maior dos nascidos de mulheres é apenas e tão somente o precursor e sequer é digno de desamarrar as suas sandálias, como ele mesmo o afirma em Mt 4,11.

A grandeza de João Batista está no fato de ele ser o precursor que veio para preparar o caminho para o Messias e que o apontou pessoalmente, para que todos pudessem segui-lo, o que todos os personagens veterotestamentários não fizeram. Eles apenas apontaram para o Messias, mas não conheceram o Messias. Não foram imediatos precursores do Messias, enquanto João Batista o foi. Por isso, João é mais que um patriarca ou um profeta.⁶⁷³ João Batista também é o maior entre os nascidos de mulheres porque nele a expectativa de Israel, expressa na tradição judaica, tem seu pleno cumprimento⁶⁷⁴. Não obstante, numa perspectiva humana, muitos nasceram antes de João, foram e continuam sendo grandes para Israel e para a Igreja, mas mesmo assim, para Mateus, ninguém da antiga aliança substitui o Batista em importância, valor e grandeza⁶⁷⁵.

A grandeza de João consistia ainda na sua humildade e obediência. Na sua humildade, ele não se coloca como o centro das atenções, não se intitula como o Cristo e reconhece a sua posição como sendo apenas um precursor. O próprio Jesus

passivo divino que remete a Deus como aquele que opera, aludindo a si o chamado divino para proclamar o Reino dos Céus e para preparar o caminho do Messias.

⁶⁷¹ SPROUL, S. C., Mateus., p. 296.

⁶⁷² HENDRIKESSEN, W., Mateus. Comentário do Novo Testamento, p. 691; BROWN, R. E., O nascimento do Messias, p. 325. Essa referência de Lucas cabe bem pois ela é um eco de Lc 7,28, que têm o seu paralelo em Mt 11,11; MILLOS, S. P., Mateo, p. 730.

⁶⁷³ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 314-315.

⁶⁷⁴ RADERMAKERS, J., Letura pastorale del Vangelo di Matteo, p. 199.

⁶⁷⁵ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 307.

revela a grandeza de João referindo-se sempre à sua humildade. O Batista era um profeta cheio do Espírito Santo, contudo, era humilde e, por esse motivo, tornou-se um homem grande diante de Deus⁶⁷⁶. Na sua obediência, ele cumpriu o seu papel de mensageiro anunciando toda a verdade do arrependimento e se colocando em segundo plano, dada a importância de sua mensagem⁶⁷⁷.

A expressão “ἐν γεννητοῖς γυναικῶν⁶⁷⁸/entre os nascidos de mulheres”, apresenta um forte indício de hebraísmo⁶⁷⁹. Pode encontrar sua base em textos do Antigo Testamento, como em Jó 14,1; 15,14; 25,4⁶⁸⁰. Nos três casos, a Septuaginta traduziu a expressão hebraica “אִישׁ יָלֵד מִיֵּשׁׁה /um homem nascido de mulher” por “βροτὸς⁶⁸¹ γὰρ γεννητὸς γυναικός/um homem pois nascido de mulher” (Jó 14,1), “γεννητὸς γυναικός/nascido de mulher” (Jó 15,14; 25,4) que demonstram a ideia de humanidade, fraqueza e impureza⁶⁸².

Além de Mt 11,11, a expressão “ἐν γεννητοῖς γυναικῶν/entre os nascidos de mulheres” aparece desta mesma forma, no Novo Testamento, apenas em Lc 7,28 que é o paralelo desta perícopé trazendo o mesmo sentido em Mateus. Em Gl 4,4, temos também a expressão que pode ter o mesmo significado de Mateus e Jó: “nascido de mulher”, visto que Gl 4,4 diz respeito à natureza humana de Jesus. Em Gl 4,4, na expressão “γενόμενον ἐκ γυναικός/nascido de mulher”, Paulo não usa o adjetivo “γεννητὸς/nascido”, mas sim o verbo γενόμενον que está na forma de um particípio médio do verbo γίνομαι, com sentido de “veio a ser” ou “veio a existir” mas que pode ser traduzido por “nascido”⁶⁸³.

Segundo Simonetti, a diferença entre o nascimento de João Batista e o nascimento de Jesus está no fato de que “João nasce de uma mulher”, enquanto

⁶⁷⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 730.

⁶⁷⁷ HENDRIKESSEN, W., Mateus, p. 690-691; MILLOS, S. P., Mateo, p. 730.

⁶⁷⁸ HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 106; MILLOS, S. P., Mateo, p. 730. O substantivo “γυναικῶν/mulheres” que em Mt 11,11 está ligado ao adjetivo “γεννητοῖς/nascidos” deve ser considerado como um semitismo que traz a ideia de pessoas humanas.

⁶⁷⁹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 730.

⁶⁸⁰ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 306.

⁶⁸¹ JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. Aprendendo o grego, p. 769. βροτὸς têm o significado de: mortal, homem.

⁶⁸² MILLOS, S. P., Mateo, p. 730; LÍNDEZ, J. V., Sabedoria e sábios em Israel, p. 145. O autor afirma aqui, que “o Jó que reflete é o homem prostrado na dor mais profunda. Não é estranho que sua visão da existência seja pessimista. Esta se estende do nascer: ‘O homem nascido de Mulher’ (Jó 14,1; 25,4), até o dia da morte: ‘nu saí do ventre de minha mãe e nu a ele voltarei’ (Jó 1,21)”; MAZZAROLO, I., Jó, p. 130. 138. 199; ANDERSEN, F. I., Jó, p. 166-168.

⁶⁸³ RUSCONI, C., Dicionário do grego do Novo Testamento, p. 109; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 179.

“Jesus nasce a partir de uma mulher e da mulher”⁶⁸⁴. Ou seja, o Batista tem a sua dependência de existência proveniente do nascimento de uma mulher, enquanto Cristo, segundo Gl 4,4, nasce a partir da mulher porque existiu antes da mulher e também nasceu de mulher, visto que ela já existia temporalmente e historicamente antes dele. Mas o apóstolo tem consciência de que fora da temporalidade de Cristo existia antes da mulher, que o precede apenas cronologicamente (humanamente) e não *kairológicamente* (evento salvífico)⁶⁸⁵. Aqui o apóstolo Paulo apresenta o aspecto extraordinário da encarnação de Jesus no seio de uma mulher. Guthrie afirma que Jesus toma sobre si a natureza humana que não tinha antes⁶⁸⁶, mas existia de todo sempre (Cl 1,15-20).

A evidência agora está entre o “μείζων/*maior*” e o “μικρότερος⁶⁸⁷/*menor*” do v. 11cd. Di Paolo apresenta duas hipóteses levantadas para explicar esta questão enigmática que está em volta da identidade do “menor no Reino dos Céus”⁶⁸⁸. A primeira solução busca ver a oposição entre o *maior* e o *menor*, em uma relação não entre duas pessoas, mas sim entre duas economias divinas: “o tempo do Reino transcende totalmente o tempo que o precedeu; isso é assim tão novo que o que pertence ao passado, por mais alto que seja, é menor que o mínimo no novo Reino”⁶⁸⁹. A segunda solução vê o contraste entre o *maior* e o *menor* em uma relação entre João e Jesus, isto é, Jesus é o menor, pela humildade e porque nasceu depois de João, mas um menor que é maior do que João, que por sua vez, Jesus afirma que é o maior, porém acrescenta: o maior “dentro dos nascidos de mulheres”. Pois, logo após tal afirmação, Jesus acrescenta que, não obstante isso, “o menor no Reino de Céus é maior que João”, que ainda está como que um peregrino em vista do Reino. Neste sentido, a frase de Jesus em Mt 11,11, já demonstra a sua própria diferença a respeito de João⁶⁹⁰.

⁶⁸⁴ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1-13), p. 298.

⁶⁸⁵ MALHADAS, D.; C DEZOTTI, M. C.; M. H. M. NEVES., Dicionário grego-português, p. 11; DEILING, G.; HAHN, H. C In: COENEN, L.; BROWN, C. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, p. 2458-2465. O termo *kairológicamente* tem a ver com a expressão grega καιρός que significa: tempo, momento oportuno, podendo caracterizar designações temporais exatas.

⁶⁸⁶ GUTHRIE, D., Gálatas, p. 144.

⁶⁸⁷ RIENECKER, F.; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento grego, p. 24. O comparativo é usado em Mt 11,11 com a força de superlativo. Não havia surgido ninguém maior do que João Batista porque ele estava no início do Reino. Todavia, o menor discípulo de Jesus, já faz parte da realidade do Reino, e é maior do que João; HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 106.

⁶⁸⁸ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 46.

⁶⁸⁹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 46.

⁶⁹⁰ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 47. O autor afirma que Jesus não exclui João do Reino, pois isso seria uma contradição. Porém, ele quer indicar o próprio papel na

Carson entende que o menor no Reino dos Céus não pode estar em termos de simples privilégios. Não obstante, o menor é maior porque vive para ver o Reino verdadeiramente inaugurado, o que em termos de grandeza, já estava constituída para João Batista. João, nos tempos do Novo Testamento, era o *maior* dos profetas pelo fato de apontar com ênfase para o Messias. Porém, o *menor* no Reino dos Céus é *maior* porque vive em um período posterior às ocorrências dos eventos reveladores e escatológicos decisivos e ainda assinala com mais evidência do que João Batista⁶⁹¹.

É evidente que João Batista encontrava-se localizado historicamente em uma manifestação do Reino que se fez realidade espiritual somente depois da crucificação de Jesus e o evento Pentecostes, ou seja, a Igreja de Jesus Cristo. Porém, o Batista não fez parte do grupo de crentes que é o corpo de Cristo e nem chegou a ser a esposa do Cordeiro, mas sim, apenas o amigo do noivo. É aceito que João tenha sido o maior de todos no Antigo Testamento, porém, o menor no Reino dos Céus no período atual é maior do que João no que diz respeito a privilégios espirituais e posição em Cristo⁶⁹².

Millos afirma que o Senhor quis ensinar sobre a superioridade da nova economia da graça no presente tempo que ele iria inaugurar. De alguma forma, João serviu como um introdutor da economia da Igreja, mas não fez parte dela. Ele apontou para Jesus como o Cordeiro de Deus, porém os apóstolos pregaram o Cristo como morto, ressuscitado e glorificado. João provou a graça de Deus, no entanto, o *menor* no Reino dos Céus pode agora gozar das bem-aventuranças dessa graça. Assim também João sentia que era o enviado para anunciar a chegada do Filho de Deus, mas o *menor* no Reino dos Céus sabe pela comunicação do Espírito Santo que é filho de Deus no Filho⁶⁹³.

O dito de Jesus no v. 12 ainda tem o Batista como o centro de suas palavras. Mas é aqui que se encontra uma grande dificuldade por causa do uso de termos fortes. Os termos aqui referidos são o verbo “βιάζεται/*sofre violência*”⁶⁹⁴, o substantivo “βιασταί/*violentos*” e o verbo “ἀρπάζουσιν/*apoderam-se*”. Acrescenta-

história: a sua ocultação, a sua natureza de serviço, que desiludem as expectativas, fazendo com que ele seja o menor no Reino; no entanto, Jesus é quem estabelece o Reino, por isso, ele é maior do que João.

⁶⁹¹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 314; HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, pp. 106-107.

⁶⁹² MILLOS, S. P., Mateo, p. 731.

⁶⁹³ MILLOS, S. P., Mateo, p. 731.

⁶⁹⁴ MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. Dicionário grego-português, p. 166.

se a esses termos, o início do v.12, que tem uma cláusula temporal definida com “ἀπὸ δὲ τῶν ἡμερῶν... ἕως ἄρτι.../desde os dias de...até hoje...”, que pode configurar uma certa dificuldade para localizar o tempo de João Batista na história da salvação⁶⁹⁵.

O texto de Mt 11,12 tem seu paralelo em Lc 16,16, mas com um contexto diferente e é somente aqui e em Lc 16,16 que o verbo “βιάζεται/sofrer violência” aparece⁶⁹⁶. Para as fontes gregas, que foram relevantes para o Novo Testamento, o verbo βιάζεται notavelmente é mais comum na voz deponente média, que na voz ativa ou passiva⁶⁹⁷.

O verbo “βιάζεται/sofre violência” pode ser considerado na voz média ou na voz passiva⁶⁹⁸. Caso seja traduzido como voz passiva, o verbo pode manifestar a ideia de que o Reino dos Céus está sofrendo violência e violentos estão se apoderando dele. Para Millos, considerar o verbo na voz passiva e concebê-lo na forma positiva pode ser compreendido como o Reino dos Céus está sendo tomado com ansiedade e homens vigorosos estão se fazendo com ele. Porém, essa acepção faz da segunda linha uma repetição da primeira⁶⁹⁹. Se o verbo “βιάζεται/sofre violência” for considerado na voz média, ele terá a ideia de que o Reino dos Céus está avançando vigorosamente, dando um significado mais homogêneo a todo o versículo⁷⁰⁰.

O verbo “ἀρπάζουσιν/apoderam-se” tem o sentido de apoderar-se, tomar à força, arrebatando algo violentamente, com uma ideia negativa⁷⁰¹. Hagner afirma que existe a possibilidade de tomar “ἀρπάζουσιν” positivamente, “apreender ou reivindicar para si mesmo”⁷⁰², ou negativamente, “saquear”⁷⁰³. Todavia é

⁶⁹⁵ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 314; MILLOS, S. P., Mateo, p. 732; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 192.

⁶⁹⁶ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 192.

⁶⁹⁷ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 314; W. HAUBECK; H. V. SIEBENTAL. Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p.107; LIDDELL, H.G.; SCOTT, R., A greek-english Lexicon, p. 314.

⁶⁹⁸ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 314; MILLOS, S. P., Mateo Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento, p. 732; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 192; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 306;

⁶⁹⁹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 732; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 316.

⁷⁰⁰ MILLOS, S. P., Mateo, p. 732.

⁷⁰¹ HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p.107; LIDDELL, H.G.; SCOTT, R., A greek-english Lexicon, p. 245.

⁷⁰² HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 307.

⁷⁰³ MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. Dicionário grego-português, p. 131; MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. Dicionário grego-português, p. 167; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 307.

particularmente para compreender “βιασταί/violentos”⁷⁰⁴ em um sentido negativo, pois o que está em evidência é a perseguição e a oposição contra o Reino dos Céus, já que a palavra e seus cognatos próximos, são usados apenas em um mau sentido⁷⁰⁵.

O substantivo “βιασταί /violentos”⁷⁰⁶ é um *hápax legomenon* em Mateus e no Novo Testamento, contudo, onde ele tem sua ocorrência é sempre com um conceito negativo de violência e de rapacidade⁷⁰⁷. Carson afirma que existem muitas percepções contraditórias a respeito de quem seriam os homens violentos: se os zelotes, se os fariseus, se os espíritos malignos e se suas multidões humanas, se Herodes Antipas ou se os antagonistas judeus em geral. Contudo, a força que move os homens violentos é a mesma⁷⁰⁸.

A cláusula temporal “ἀπὸ δὲ τῶν ἡμερῶν... ἕως ἄρτι.../desde os dias de...até hoje...”, do início do v. 12, e o “ἕως Ἰωάννου/até João”, do v. 13, são consideradas por alguns autores como tendo um uso exclusivo, ou seja, colocando João Batista no Reino⁷⁰⁹. J. Jeremias afirma que o termo “ἕως Ἰωάννου/até João” pode ser compreendido em sentido inclusivo ou em sentido excludente. Caso “ἕως/até” tenha o sentido inclusivo, isso pode significar que os “profetas e a lei profetizaram até inclusive João”, nesse sentido, João ainda faz parte do éon antigo⁷¹⁰. Porém, no v. 12, “ἕως/até” tem um sentido excludente, como é claro na expressão “ἀπὸ δὲ τῶν ἡμερῶν Ἰωάννου τοῦ βαπτιστοῦ/e desde os dias de João o Batista”. O termo “ἕως/até”, dos vv. 12-13, tem paralelo em Lc 16,16, sendo que Lucas o considera de um modo inclusivo, onde o Batista faz parte do tempo da lei e dos profetas. Já para Mateus, “ἕως/até” é compreendido de um modo excludente, onde o Batista já

⁷⁰⁴ ROBINSON, E., *Léxico grego do Novo Testamento*, p. 157; LIDDELL, H.G.; SCOTT, R., *A greek-english Lexicon*, p. 315; HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 307.

⁷⁰⁵ HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 307. O autor afirma aqui que “nas três ocorrências da palavra em referência aos seres humanos em literatura cristã primitiva, βιαστής é usada apenas negativamente. A conclusão mais natural é que o que está em vista aqui é novamente a realidade de perseguição e oposição (Mt 10,23; 23,34; e o uso de ἀρπάζειν em 13,19; 23,13).

⁷⁰⁶ HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., *Nova chave linguística do Novo Testamento grego*, p.107. “βιάζομαι e βιαστής são empregadas com termo de referência diferentes (um refere à ação do ‘reino dos céus’, a outra refere aos ataques dos oponentes): uma feição especial da figura de estilo conhecida pela designação de antanáclase ou diáfora”.

⁷⁰⁷ CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 317; HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 306; MATEOS, R.; CAMACHO, F., *O Evangelho de Mateus*, p. 127.

⁷⁰⁸ D. A. CARSON. *O comentário de Mateus*, p. 318; MAZZAROLO, I., *Evangelho de Mateus*, p. 174.

⁷⁰⁹ CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 316.

⁷¹⁰ JEREMIAS, J., *Teologia do Novo Testamento*, p. 93. O autor afirma que Lucas entendeu “ἕως/até” em sentido inclusivo, porque ele repensa constantemente em Atos que o tempo da salvação começou depois de João Batista (At 1,5; 10,37; 13,24s; 19,4); CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 318.

faz parte dos novos tempos e começando um período mediador que forma um prenúncio para o novo éon⁷¹¹.

Existem duas coisas incomuns no v. 13: a primeira coisa incomum é o vocábulo “προφήται/*profetas*” antes do termo “νόμος/*lei*”, sendo uma ordem atípica em Mateus (Mt 5,17; 7,12)⁷¹²; a segunda coisa incomum é que os dois profetizaram: “profetas” e “lei”⁷¹³. Mesmo sendo uma ordem incomum, elas contribuíram para enfatizar que todo o Antigo Testamento contém uma função profética que foi mantida até João, incluindo-o⁷¹⁴. Os profetas e a lei se referiram a João e, por esse motivo, ele pode ser considerado como o Elias do v. 14, para apregoar o início do tempo final⁷¹⁵.

Agora, Jesus enfatiza categoricamente no v.14, que João Batista é Elias: “καὶ εἰ θέλετε δέξασθαι, αὐτός ἐστιν Ἡλίας ὁ μέλλων ἔρχεσθαι/*e se quereis aceitar, este é Elias o que está por vir*”. Havia uma esperança dos judeus a respeito do retorno do profeta Elias, antes da chegada do Dia do Senhor, essa esperança tem base em MI 3,23 e Eclo 48,4-10⁷¹⁶. A afirmação de Jesus aos judeus de que João Batista é Elias (“αὐτός ἐστιν Ἡλίας/*este é Elias*”) demonstra que ele não estava falando de um profeta veterotestamentário ressuscitado, mas sim, alguém com o espírito, valor e decisão de Elias⁷¹⁷. Com essa afirmação de Jesus a respeito de João, percebe-se que ela abrange dois períodos históricos da salvação: um está relacionado à primeira e o outro à segunda vinda de Jesus. A primeira vinda teve seu cumprimento em João Batista, a segunda há de vir em um período antes do retorno de Jesus à terra (Ap 11,6)⁷¹⁸.

Jesus, quando afirmou que João Batista é Elias, também disse para os seus ouvintes que eles o deveriam aceitar como o profeta que precederia o Messias: “καὶ

⁷¹¹ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 93.

⁷¹² HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p.107. “οἱ προφῆται καὶ ὁ νόμος/os profetas e a lei” é uma designação para toda a Sagrada escritura veterotestamentária.

⁷¹³ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 319; CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 328; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 305.

⁷¹⁴ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 319; CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 328.

⁷¹⁵ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 305.

⁷¹⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 737; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 305; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 137; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 308; CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 328.

⁷¹⁷ MILLOS, S. P., Mateo, p. 737; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 308.

⁷¹⁸ MILLOS, S. P., Mateo, p. 737; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 320. O autor afirma que a argumentação dos vv. 14-15 retorna aos vv. 9-10, afirmando claramente o que Cristo havia falado nele, João Batista era o profetizado “Elias” e isso localiza o lugar do Batista na história da redenção e ratifica que o que Jesus fazia era escatológico, ele trazia o Dia do Senhor.

εἰ θέλετε δεῖξασθαι/ *e se quereis aceitar*” (Mt 11,14) ⁷¹⁹. A multidão de Mt 11,7 deveria aceitar o ministério profético de João Batista e sua mensagem, porque não havia como aceitar a mensagem do Batista sem também o aceitar como profeta, pois ele era o mensageiro que apregoava o advento do Messias, o Cordeiro de Deus, na pessoa de Jesus Cristo ⁷²⁰.

Jesus encerra as suas palavras no v. 15, com uma solene chamada de atenção: “ὁ ἔχων ὄτα ⁷²¹ ἀκουέτω ⁷²²/ *o que tem ouvidos ouça*” (Mt 13,9.43; 24,15; Mc 4,9.23; Lc 8,8; 14,35; Ap 2,7.11.17) ⁷²³. Essa advertência objetivava conscientizar os que estavam ouvindo a Jesus, que tinham dificuldades de assimilar que João Batista era o profeta que apregoava e preparava o caminho do Messias, e ela ainda demonstra que eles não deveriam receber esta mensagem de forma superficial, mas sim compreender a mensagem de maneira apropriada ⁷²⁴.

Neste presente capítulo, ocupamo-nos em tratar da exegese do texto de Mt 11,2-15. Nesse sentido, a exegese demonstrou as particularidades em torno do tema “o maior entre os nascidos de mulheres”, no diálogo entre Jesus e os discípulos de João Batista e o seu testemunho a respeito da grandeza do mesmo às multidões (Mt 11,7). Foi possível também constatar com o uso de algumas etapas do Método Histórico-Crítico e da Análise Retórica Bíblica Semítica que João Batista é maior do que todos os personagens veterotestamentários e que os menores discípulos de Jesus são maiores do João Batista no Reino dos Céus. Com isso, cremos que esta pesquisa em torno da vida e missão de João Batista e de sua importância e grandeza na história da salvação, não tem a pretensão de esgotar o assunto, haja vista que reconhecemos o quão enigmático e emblemático é este personagem. Portanto, esta pesquisa serve como um indicador para posteriores pesquisas sobre João Batista, sua vida e missão, e a relevância de sua grandeza histórica.

⁷¹⁹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 737.

⁷²⁰ MILLOS, S. P., Mateo, p. 737.

⁷²¹ MILLOS, S. P., Mateo, p.737. “ὄτα/ouvido”, se refere em geral no aparelho auditivo. De forma metafórica, como é o caso aqui, traz a ideia de entender mentalmente um ensinamento.

⁷²² MILLOS, S. P., Mateo, p. 737. O verbo no imperativo presente ativo “ἀκουέτω/ouça” de “ἀκούω”, expressa metaforicamente uma ideia de descobrir com o sentido de escutar alguém com a disposição de obediência; ROBINSON, E., *Léxico grego do Novo Testamento*, p. 30.

⁷²³ HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 308; MILLOS, S. P., Mateo, p. 738; ALBRIGHT, W. F.; C. S. MANN., *Matthew*, p. 139.

⁷²⁴ GRILLI, M.; LANGNER, C., *Comentario al Evangelio de Mateo*, p. 305; MILLOS, S. P., Mateo, p. 738; CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 319;

5 CONCLUSÃO

Ao escolhermos a perícopes de Mt 11,2-15, tivemos a oportunidade de aprofundar a nossa pesquisa dentro da temática: “João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres: uma análise exegética de Mt 11,2-15”. Com este tema em destaque, conseguimos entender a trajetória da vida e do chamado de João Batista como o precursor do Messias.

Como já foi dito anteriormente, o personagem João Batista tem uma característica e um significado enigmático, pois o seu nascimento é dado de forma milagrosa, surgido de um casal de idosos que não podiam ter filho (Lc 1,5-23.57-58). O seu surgimento para anunciar o arrependimento, a vinda do Messias, o batismo e a chegada do Reino dos Céus acontecem de forma abrupta nos escritos evangélicos porque não encontramos nestes escritos nada sobre a infância, a adolescência e a juventude do Batista. O que temos nos relatos a respeito dele é um homem que aparece no deserto vestido de pelo de camelo e comendo mel silvestre e nada mais (Mt 3,1-12; Mc 1,1-8; Lc 3,1-18; Jo 1,6-8.19-34).

Em um primeiro momento, iniciamos a nossa pesquisa analisando o contexto histórico do Evangelho de Mateus e da comunidade mateana. Buscamos conhecer as questões introdutórias deste Evangelho, como data, autoria, destinatários, o possível local da redação do livro, a comunidade mateana, as fontes usadas pelo evangelista Mateus, a teologia do livro, entre outros. Tudo isso foi feito para alcançarmos o *Sitz in Leben* em que a temática por nós escolhida foi desenvolvida com o objetivo de entender como a comunidade mateana entendia a grandeza de João Batista.

Em um segundo momento, fizemos uma investigação a partir de vários estudiosos do Evangelho de Mateus, desde uma obra de coletânea de Tomás de Aquino, que reuniu comentários de alguns Padres da Igreja a respeito do livro mateano, passando pelos anos 60 até os nossos dias atuais. Nesta parte, a nossa preocupação foi pesquisar o que estes autores interpretaram a respeito de Mt 11,11, que é o versículo-chave do tema que desenvolvemos nesta pesquisa. A conclusão a que chegamos é que mesmo que alguns autores não citem nem comentem Mt 11,11, a maioria destes estudiosos interpretou e entendeu concordando entre si, que João Batista é “**o maior entre os nascidos de mulheres**”, por ser o precursor do Messias, pelo seu papel todo especial de apresentar aos seus ouvintes de então, o Cristo, não

como os demais profetas do passado, mas sim, de forma mais clara e evidente, coisa que nenhum outro fizera anteriormente. Neste sentido, João Batista é maior que os Patriarcas, que os Profetas, o Juizes, os Reis etc. pois estes apenas anunciaram o Messias, mas João Batista preparou e apontou diretamente para o Cristo e preparou o seu caminho.

No que se refere ao “menor no Reino” ser maior do que João Batista, conclui-se destes autores que o “**menor no Reino dos Céus**” são todos os discípulos, os servos de Jesus que agora desfrutam e gozam sua graça divina e que fazem parte de um novo tempo instaurado com a vinda do Cristo e do estabelecimento de seu Reino entre os homens e mulheres que são evangelizados. Estes discípulos, servos de Cristo, tanto do passado como do presente, formam a Igreja de Jesus Cristo, os que são considerados os pequenos no Reino dos Céus, mas que são maiores do que João Batista.

Em um terceiro momento, buscamos fazer uma análise exegética da perícope de Mt 11,2-15. Aqui, procuramos aprofundar minuciosamente cada versículo desta perícope, compreendendo a importância que deram os autores pesquisados ao interpretar a questão que propomos investigar em nosso trabalho que é a temática “João, o Batista, o maior entre os nascidos de mulheres”. Ainda nesta parte da pesquisa, usamos algumas etapas do Método Histórico-Crítico e a Análise Retórica Bíblica Semítica para termos uma melhor compreensão do tema.

Tendo feito a exegese de Mt 11,2-15, chegamos à conclusão de que o texto de Mt 11,2-15 faz parte da terceira seção narrativa do Evangelho de Mateus, podendo ser dividida em três partes: 1ª parte vv. 2-3; 2ª parte vv. 4-6; 3ª parte vv. 7-15. No tocante ao gênero desta perícope, concordamos que a *Creia* ou *apoteigma* seja o gênero predominante de Mt 11,2-15, e que o lugar vivencial desta perícope é a pregação e o ensino catequético. Além disso, a exegese nos mostrou que o texto de Mt 11,2-15 faz paralelo com Lc 7,18-30, onde vimos as semelhanças e diferenças entre eles, e que ambos os textos tiveram a fonte “Q” como base de suas composições.

A análise exegética de Mt 11,2-15 também nos mostrou a importância do personagem João Batista na presente perícope. Neste texto, o Batista aparece nas três partes que consideramos, sempre com evidência em seu ministério profético. Com a realização do comentário exegético de Mt 11,2-15, chegamos à conclusão de que João Batista, devido ao seu encarceramento poderia ter tido alguma dúvida

a respeito de Jesus ser o Messias enviado por Deus, e até mesmo os seus discípulos seriam os que carregavam o questionamento de que Jesus seria ou não o Messias prometido. A resposta de Jesus é contundente, eliminando assim, qualquer sombra de dúvida para aqueles que iriam levar a resposta para o Batista. O comentário exegético de Mt 11,2-15 ainda evidenciou a importância que Jesus deu a João Batista e à sua missão de precursor, tecendo elogios ao Batista e considerando-o como alguém que é mais do que qualquer um dos profetas veterotestamentário (v. 9).

É ainda neste comentário que temos delineado a temática de João Batista ser o “maior entre os nascidos de mulheres” e o “menor no Reino dos Céus” ser maior do que João. No que se refere a essa temática, concordamos com os autores pesquisados, de que a grandeza de João Batista tem o seu reflexo não em sua pessoa em si, e na sua vida austera no deserto, mas no seu chamado divino para ser o mensageiro que prepara o caminho do Messias, o precursor todo especial, o Elias que antecederia o Messias, aquele que abre os corações de seus ouvintes para o acolhimento e recebimento do Cristo, que viria depois dele, para estabelecer o Reino dos Céus entre os homens. Do mesmo modo, estamos de acordo com estes estudiosos no que tange ao “menor no Reino dos Céus” ser os discípulos de Cristo que vivem em um tempo novo que decorreu com a chegada deste Reino por meio da pregação inicial do Batista no deserto, mas que foi concretizada mesmo que não de forma completa com a vinda de Jesus, o Cristo.

Portanto, pesquisar sobre a vida e o ministério de João Batista, o significado de sua grandeza e o seu surgimento como o “maior entre os nascidos de mulheres”, partindo da perspectiva da comunidade mateana, foi um grande e prazeroso desafio para nós. Entendemos que a temática em questão se reveste de importância tanto para o mundo acadêmico quanto para as comunidades de fé que queiram conhecer um pouco mais sobre este emblemático personagem neotestamentário. Acreditamos também que esta pesquisa possa servir como um instrumento motivador para novas e futuras pesquisas a respeito de João Batista, seja na tradição sinótica, seja nos escritos joaninos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, K.; ALAND, B. **O texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S. **Matthew**. The Anchor Bible: Yale University Press, 2011.

ALONSO SCHÖKEL, L. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997.

ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAS, J. L. **Profetas I**. São Paulo: Paulinas, 1988.

ANDERSEN, F. I. **Jó**. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984.

ARTOLO, A. M.; CARO, J. M. S. **A Bíblia e a Palavra de Deus**. São Paulo: Ave Maria, 2011.

BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. **Mateus**. In: Os Evangelhos I. São Paulo: Loyola, 2014. p. 187-192.

BARRERA, J. T. et al. **A Bíblia e seu contexto**. São Paulo: Ave-Maria, 2010.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BIETENHAD, H. “Ἀμὴν”. In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: nova Vida, 1981, p. 110-111.

BERGER, K. **As Formas Literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.

BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento: História, Literatura e Teologia**. Vol. 2, Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. Santo André: Paulus – Academia Cristã, 2016.

BRUCE, F. F. **Merece Confiança o Novo Testamento?** São Paulo: Vida Nova, 2010.

CANTARELA, A. G. A questão dos gêneros literários e outros aspectos relativos à linguagem *Dei Verbum*. **Perspectiva Teológica**, v. 47, n. 133, p. 347-368, Set./Dez.2015.

CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Ave Maria, 2000.

- CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: SHEDD, 2010.
- CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CARTER, W. **O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHAMPLIN, R. N. **Mateus e Marcos**. In: O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 389-395.
- CHOURAQUI, A. **A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- CULLMANN, O. **Pedro**. Discípulo – Apóstolo – Mártir. São Paulo: Aste, 2015.
- CUVILLIER, E. **O Evangelho Segundo Mateus**. In: MARGUERAT, D. (org.) Novo Testamento: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2012, p. 81-106.
- DE CARLO, F. **Vangelo secondo Matteo: nuova versione, introduzione e comentario**. Milano: Paoline, 2016.
- DI PAOLO, R. **Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni: analisi retorica di Matteo 11 – 12**. Roma: Gregorian University Press, 2004.
- EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos**. São Paulo: Loyola, 2005.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica: Os primeiros quatro séculos da Igreja de Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- FABRY, H. J.; SCHOLTISSEK, K. **O Messias**. São Paulo: Loyola, 2008.
- FLÁVIO JOSEFO. **História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- FUNDERBURK, G. B., “Ἀμὴν”. In: TENNEY, M. C. (Org.). Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v. I. p. 252-253.
- GALLAZZI, S. **O Evangelho de Mateus: Uma leitura a partir dos pequeninhos**. São Paulo: Fonte editorial / Santuário, 2013.
- GONZAGA, W. “**A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia**”. In: MAZZAROLO, I; FERNANDES, L. A; LIMA, M. L. C. (Orgs.). Exegese, teologia e pastoral: relações, tensões e desafios. Santo André: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015, p. 201-235.

GONZAGA, W. **Compêndio do Cânon bíblico**. Lista bilíngues dos catálogos bíblicos Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Petrópolis: Vozes, 2019.

GONZAGA, W. O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento, **Atualidade Teológica**, v. 21, n. 55, p. 19-41, jan./abr. 2017.

GONZAGA, W. As Cartas Católicas no Cânon do Novo Testamento, **Perspectiva Teológica**, v. 49, n. 2, p. 421-444, mai./ago. 2017.

GONZAGA, W. “A noção de ἀλήθεια e de εὐαγγέλιον no NT”. **Atualidade Teológica**, Ano 18, fasc. 46, p. 15-37, 2014.

GONZAGA, W. O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Semítica. **ReBiblica**, v. 1, n. 2, p. 155-170, Jul./Dez. 2018. Disponível em:

GRILLI, M.; LANGNER, C. **Comentario al Evangelio de Mateo**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2011.

GUTHERIE, D. **Gálatas**. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984

HAGNER, D. A. **Matthew 1 – 13**. v. 33B. Word Biblical Commentary. Dallas: Word Books, 1995.

HALE, B. D. **Introdução ao Estudo do Novo estamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.

HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V. **Nova chave linguística do Novo Testamento grego**. Mateus – Apocalipse. São Paulo: Targum / Hagnos, 2009.

HENDRIKSEN, W. **Mateus**. vol. 1. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. **Aprendendo o grego**. São Paulo: Odysseus, 2014.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**. vol. 2, História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.

KONINGS, J. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”**. São Paulo: Loyola, 2005.

LANCELLOTTI, A. **Comentário ao Evangelho de São Mateus**. Vozes: Petrópolis, 1980.

LEONEL, J. **Mateus, o Evangelho**. São Paulo: Paulus, 2013.

LIMA, M. L. C. **Exegese bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.

- LOPES, J. R.; ULLOA, B. A. N. O discipulado segundo Mateus: uma abordagem pragmática-comunicativa. **Cultura Teológica**, n. 92, p. 103-125, jul./dez. 2018.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A greek-englishi Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- LÍNDEZ, J. V. **Sabedoria e Sábios em Israel**. São Paulo: Loyola, 1995.
- LUPIERI, E. **Giovanni Battista nelle tradizioni sinottiche**. Brescia: Paideia editrice, 1988.
- LUZ, U. **Matthew 8 – 20**. Minneapolis: Fortress Press, 2001.
- MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. **Dicionário grego-português**. São Paulo: Ateliê, 2006. v. I.
- MATEOS, J.; CAMACHO, F. **O Evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1993.
- MAZZAROLO, I. **Evangelho de Mateus; ouvistes o que foi dito...? Eu, porém, vos digo...! Coisas velhas e coisas novas!** Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2005.
- MAZZAROLO, I. **Jó. Amor e ódio vêm do mesmo Deus?** Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2002.
- MEYNET, R. **Rhetorical Analysis**. An introduction to Biblical Rhetoric. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- METZGER, B. M. **A textual comentary on the Greek New Testament**. 2^a ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.
- MILLOS, S. P. **Mateo**. Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento. Barcelona: Clie, 2009.
- NESTLE-ALAND, **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- OMANSON, R. L. **Variantes Textuais do Novo Testamento: Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”**. São Paulo: SBB, 2010.
- OPORTO, S. G. **Ditos Primitivos de Jesus: Uma introdução ao “protoevangelho de ditos Q”**. São Paulo: Loyola, 2004.
- OVERMAN, J. A. **O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo: O mundo social da comunidade de Mateus**. São Paulo: Loyola, 1997.
- PAGOLA, J. A. **Mateus**. O caminho aberto por Jesus. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PAROSCHI, W. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- PAROSCHI, W. **Origem e Transmissão do texto do Novo Testamento**. São Paulo: SBB, 2102.

- PIKAZA, J. A **Teologia de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1978.
- RADERMAKERS, J. **Lettura pastorale del Vangelo di Matteo**. Bologna: EBD, 2001.
- RIENECKER, F. **O Evangelho de Mateus**. Curitiba: Editora Esperança, 2012.
- RIENECKER, F.; ROGERS, C. **Chave linguística do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- ROBINSON, E. **Léxico grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- RUSCONI, C. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SCHEMID, J. **El Evangelio según San Mateo**. Barcelona: Herder, 1967.
- SCHNELLE, U. **Introdução à Exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.
- SCHNELLE, U. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.
- SCHREINER, J.; DAUTZENBERG G. **Formas e Exigências do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- SIMONETTI, M. **Evangelio según San Mateo (1–13)**. La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística. Nuevo Testamento 1a. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2006.
- SPROUL, R. C. **Mateus**. “...eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século”. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- STANLEY, D. M. **Evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1975.
- SWETNAM, J. **Gramática do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2002.
- TASKER, R. V. G. **Mateus: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- TENNEY, M. C. **O Novo Testamento: Sua Origem e Análise**. São Paulo: SHEDD, 2008.
- TOMÁS AQUINO. **Catena Aurea, Exposição contínua sobre os Evangelhos. vol. 1. Evangelho de São Mateus**. Campinas: Ecclesiae, 2019.
- TRILLING, W. **O Evangelho Segundo Mateus**. Petrópolis: Vozes, 1968.
- VALDÉS, A. A. **Enigmas da vida de João Batista**. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- VIDAL, S. **Jesus, o Galileu**. São Paulo: Loyola, 2009.

- VIELHAUER, P. **História da Literatura Cristã Primitiva**. Santo André: Academia Cristã, 2015.
- VINCENT, M. R. **Mateus**. In: Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p. 1-125.
- VITÓRIO, J. **Lendo o Evangelho segundo Mateus: o caminho do discipulado do Reino**. São Paulo: Paulus, 2019.
- VIVIANO, B. T. **O Evangelho Segundo Mateus**. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). Novo Comentário Bíblico. São Jerônimo, Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Santo André: Academia Cristã / São Paulo: Paulus, 2011, p. 131-216.
- VV.AA. **Leitura do Evangelho Segundo Mateus**. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2014.
- WALLACE, D. B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.
- WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Editora Sinodal; São Paulo: Editora Paulus, 2002.
- ZERWICK, M. **El Griego del Nuevo Testamento**. Navarra: Verbo Divino, 2002.